



Pontifícia Universidade Católica do Paraná

LUIZ ALBERTO SOUSA ALVES

**ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO NA
ARQUIDIOCESE DE CURITIBA E SUA
RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO
TEOLÓGICA DO EVANGELIZADOR
NO ENSINO DE 3.º GRAU.**

**CURITIBA
1996**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.



ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO NA ARQUIDIOCESE DE CURITIBA E SUA
RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO TEOLÓGICA DO EVANGELIZADOR
NO ENSINO DE 3º GRAU.

LUIZ ALBERTO SOUSA ALVES



0189154

CURITIBA

1996



MESTRADO EM EDUCAÇÃO ATA DO EXAME DA DISSERTAÇÃO



Dissertação n.º 48

No dia **13/08/96**, às **15h00**, reuniu-se a Banca Examinadora, composta pelos seguintes professores:

MEMBROS DA BANCA	ASSINATURA
Prof. ^a Dr. ^a Maria Ignez Marins	<i>Maria Ignez Marins</i>
Prof. ^a Dr. ^a Zelia Milléo Pavão	<i>Zelia Milléo Pavão</i>
Prof. Ms. Antônio Quirino de Oliveira	<i>Antônio Quirino de Oliveira</i>

designada para a avaliação da **dissertação** intitulada *ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO NA ARQUIDIOCESE DE CURITIBA E SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO TEOLÓGICA DO EVANGELIZADOR NO ENSINO DE 3.º GRAU* do mestrando **Luiz Alberto Sousa Alves**, ano de ingresso 1992 do Curso de Mestrado em Educação - Área de Concentração Pedagogia Universitária.

Prof. ^a Dr. ^a Maria Ignez Marins	Conceito: <i>A</i>
Prof. ^a Dr. ^a Zelia Milléo Pavão	Conceito: <i>A</i>
Prof. Ms. Antônio Quirino de Oliveira	Conceito: <i>A</i>
	Conceito Final: <i>A</i>

Observações: *O mestrando fará reestrutura de apenas 2 parágrafos.*

Peri Mesquida
Prof. Dr. Peri Mesquida
Coord. do Curso de Mestrado em Educação

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.



ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO NA ARQUIDIOCES DE CURITIBA E SUA
RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO TEOLÓGICA DO EVANGELIZADOR
NO ENSINO DE 3º GRAU.

LUIZ ALBERTO SOUSA ALVES

CURITIBA
1996

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO NA ARQUIDIOCESE DE CURITIBA E
SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO TEOLÓGICA DO EVANGELIZADOR
NO ENSINO DE 3º GRAU.

Dissertação apresentada ao Curso de Pós -
Graduação em Educação, área de
concentração em Pedagogia Universitária,
da Pontifícia Universidade Católica do
Paraná, para obtenção do título de Mestre.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Ignez
Marins

DIS
378
A974a
1996
ex. 1

CURITIBA
1996

*Amari jucundum est si curatur ne quid insit
amari.*

À Lenna, pelo apoio, força, incentivo e luz.
A Joca e Mima pelo carinho e estímulo.
Aos meus pais pelas orações.
A Froza pela força.
É bom ser amado!...
Amo vocês!...

AGRADECIMENTOS

À professora Dr.^a Maria Ignez Marins, pelo estímulo, amizade, respeito, disponibilidade e competência na orientação deste trabalho.

Aos alunos do curso de filosofia que nos ajudaram na coleta dos dados.

Aos amigos que nos incentivaram.

A Fausta, Maranhão, Jerônimo e Regina Leviski, Jane, Ir. Dagmar e Mônica, pela força e ajuda tanto técnica como reflexiva.

Aos amigos que sempre me incentivaram, obrigado pela força.

SUMÁRIO

RESUMO.....	XII
RESUMEN.....	XIII
ABSTRACT.....	XIV
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	XV
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO.....	06
1 - A FORMAÇÃO TEOLÓGICA DO EVANGELIZADOR	
NO ENSINO DE 3º GRAU.....	06
2 - A SEMIÓTICA E A PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO.....	14
2.1. A Semiótica como ciência da significação.....	14
2.2. A Semiose e a Semiótica.....	16
2.3. As Dimensões e os Níveis da Semiose.....	18
3 - O DISCURSO RELIGIOSO À LUZ DA SEMIÓTICA.....	21
3.1. Caracterização do Discurso Religioso.....	21
3.2. Estrutura do Discurso Religioso.....	28
3.3. As formas do Discurso Religioso.....	31

4 - PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO.....	33
5 - O DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO.....	36
5.1. As Conferências do CELAM.....	36
5.2. Santo Domingo - 1992.....	38
5.2.1. A História da Conferência de Santo Domingo.....	41
5.2.2. O Documento de Santo Domingo.....	44
5.2.2.1. A Nova Evangelização.....	44
5.2.2.2. A Promoção Humana.....	45
5.2.2.3. Nova Evangelização.....	46
5.2.2.4. Ecologia.....	47
5.2.2.5. A Terra.....	48
5.2.2.6. Empobrecimento e Solidariedade.....	49
5.2.2.7. O Trabalho.....	51
5.2.2.8. A Política.....	51
5.2.2.9. A Economia.....	52
5.2.2.10. A Família.....	52
5.2.2.11. A Cultura Cristã.....	54
5.2.2.12. Meios de Comunicação.....	55
5.3. Breve Reflexão sobre o Documento de Santo Domingo.....	57
5.3.1. Unidade.....	57
5.3.2. Cristologia.....	58

NOTAS.....	60
CAPÍTULO II - METODOLOGIA DA PESQUISA.....	63
1- O SÍNODO ARQUIDIOCESANO.....	63
2 - DADOS SOBRE A ARQUIDIOCESE.....	69
2.1. Governo da Arquidiocese.....	69
2.2. População.....	70
2.3. Paróquias e Áreas.....	71
2.3.1. Paróquias da Capital.....	72
2.3.2. Paróquias do Interior.....	78
2.4. Clero.....	81
2.5. Seminários.....	81
2.5.1. Seminários Diocesanos de Curitiba.....	81
2.2.2. Seminários Religiosos.....	81
2.2.3. Ordens e Congregações Religiosas.....	82
3 - COLETA DE DADOS.....	82
4 - ROTEIROS HOMILÉTICOS.....	87
4.1. Pistas para a Reflexão.....	88
NOTAS.....	89

CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS DISCURSOS RELIGIOSOS À LUZ

DO REFERENCIAL TEÓRICO APRESENTADO.....	90
---	----

1 - CLASSIFICAÇÃO DOS DISCURSOS COLETADOS.....	90
2 - SANTO DOMINGO E OS DISCURSOS.....	92
NOTAS.....	96
CAPÍTULO IV - ANÁLISE DO GRAU DE UNIDADE DOCTRINAL DO DISCURSO RELIGIOSO NA ARQUIDIOCESE DE CURITIBA.....	97
1 - ANÁLISE DOS DISCURSOS.....	99
NOTA.....	108
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	115
GLOSSÁRIO.....	120
ANEXOS.....	122
Anexo I. Homilia 01.....	123
Anexo II. Homilia 02.....	129
Anexo III. Homilia 03.....	133
Anexo IV. Homilia 04.....	137
Anexo V. Homilia 05.....	141
Anexo VI. Homilia 06.....	147

Anexo VII. Homilia 07.....	150
Anexo VIII. Homilia 08.....	154
Anexo IX. Homilia 09.....	159
Anexo X. Homilia 10.....	162

RESUMO

Análise do Discurso Religioso na Arquidiocese de Curitiba e sua Relação com a Formação Teológica do evangelizador no Ensino do 3º Grau. Tomamos por base de reflexão a homilia, por esta se constituir, na Igreja Católica, uma prática de comunicação entre a hierarquia e os fiéis e por ser a mesma um instrumento de evangelização muito utilizado pela referida Igreja. Propomo-nos a fazer uma análise das homilias proferidas nas Paróquias da Arquidiocese de Curitiba, com o objetivo de verificar se existe uma preocupação com este meio de comunicação tão utilizado pela Igreja e como esta prática está sendo realizada na Arquidiocese, ou seja, se há uma sintonia doutrinal em relação às orientações da Igreja no mundo e se ocorre uma preocupação real com a comunicação, sobretudo na formação dos futuros presbíteros. O Documento de Santo Domingo foi o referencial de análise dos discursos por ser ele, neste momento, o eixo que norteia a reflexão teológica e a práxis pastoral da Igreja na América Latina. O material de análise foi coletado nas Paróquias da Arquidiocese, observando-se a sua estrutura administrativa e pastoral. A coleta dos dados foi realizada em um único dia, com o objetivo de evitar a variante da diversidade temática. As evidências da pesquisa apontam para a anti-comunicação como marcas maiores dos discursos. Muitas homilias são longas, enfadonhas, mal preparadas e incapazes de transmitir uma mensagem. No final deste trabalho apontamos algumas sugestões com o objetivo de melhorar a comunicação entre presbíteros e fiéis e na Igreja, bem como o processo de formação do evangelizador em nível de 3º grau.

RESUMEN

Análisis del Discurso Religioso en la Arquidiócesis de Curitiba y su Relación con la Formación Tecnológica del Evangelizador en el Enseño del 3^{er} Grado. Tomamos por base de reflexión la homilia, por esta constituirse, en la Iglesia Católica, una práctica de comunicación entre la jerarquía y los feligreses y por ser la misma un instrumento de evangelización muy utilizado por la referida Iglesia. Propusemonos a hacer un análisis de las homilias proferidas en las Parroquias de la Arquidiócesis de Curitiba con el objetivo de verificar si existe una preocupación con este medio de comunicación tan utilizado por la Iglesia y como esta práctica está siendo realizada en la Arquidiócesis, o sea, se hay una sintonía doctrinal en relación a las orientaciones de la Iglesia en el mundo, y si ocurre una preocupación real con la comunicación, sobretudo en la formación de futuros presbíteros. El Documento de Santo Domingo fue el referencial de análisis de los discursos por ser él, en este momento, el eje que nordea la reflexión teológica y la práxis pastoral de la Iglesia en la América Latina. El material de análisis fue colectado en las Parroquias de la Arquidiócesis, mirandose su estructura administrativa y pastoral. La colecta de los datos fue realizada en un único día, con el objetivo de evitar la variante de la diversidad temática. Las evidencias de la encuesta indican la anticomunicación como marcas mayores de los discursos analizados. Muchas homilias son largas, aburridas, mal preparadas y incapaces de transmitir un mensaje. En el final de este trabajo apuntamos algunas sugerencias con el objetivo de mejorar la comunicación entre presbíteros y feligreses y en la Iglesia, bién como el processo de formación del evangelizador en el enseño de 3^{er} grado.

ABSTRACT

Analysis of the Religious Discourse in the Archdiocese of Curitiba and its Relationship with the preacher's Theological Formation at Higher Education Level. We took as a basis for reflection the sermon as this is, in the Catholic Church, a communication resource between hierarchy and its members and its members and as it is an extensively employed preaching tool. It was our proposal to analyze the delivered sermons in the parishes of the Archdiocese of Curitiba in order to verify a) if there is a concern with this means of communications so widely used by the Church and b) how this practice is being used in the Archdiocese, that is, if there is a doctrinal consonance in regard to the orientation of the Church in the world and c) if there is a real concern with communications mainly in terms of the future priest's education. The Document or Santo Domingo was the referencer for the analysis of the discourses as this is at the moment the procedural determiner on the theological reflection and the pastoral praxis of the Church in Latin America. The material for the study was collected in the parishes of the Archdiocese observing its administrative and pastoral structure. The collection of data was done in a single day with the aim of avoiding the deviation of theme diversity. The evidence of the research indicates the anti-communication as the main characteristic of the discourse. Many sermons are long, boring, badly prepared and incapable of conveying a message. At the end of this paper we give some suggestions in order to improve the communication **within the Church** and between the priest and churchgoers and also to better the process of the preacher's formation at higher education level.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAL - Pontifícia Comissão para a América Latina.

CELAM - Conferência do Episcopado Latino-Americano.

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

INTRODUÇÃO:

A partir do final da década de 70, as Igrejas cristãs de rito pentecostais tiveram uma expansão proselitista considerável. A maioria dos neo-convertidos saíram das fileiras católicas, provocando, conseqüentemente, um esvaziamento dos templos católicos, o que chamou a atenção da hierarquia eclesiástica. Inúmeros estudos já foram feitos tentando explicar este fenômeno, porém um problema sócio-religioso de tal relevância não tem somente uma variante de explicação: são várias as causas deste fenômeno. Partindo desta preocupação e por trabalhar com esta problemática profissionalmente, de vez que leciono a disciplina de Teologia I e II na PUC/PR, procuramos, neste trabalho, fazer uma reflexão sobre o assunto.

Tomamos por base de reflexão a homilia, por esta se constituir, na Igreja Católica, uma prática de comunicação entre a hierarquia e os fiéis e por ser a homilia um instrumento de evangelização muito utilizado pela referida Igreja.

Nosso estudo não tem o objetivo de fazer uma análise dos conteúdos ou das práxis homiléticas no decorrer da história da Igreja, nem um levantamento das correntes teológicas e das suas influências no “*modus vivendi*” da Igreja, mas de apontar técnicas para a execução das homilias.

Propomo-nos a fazer uma análise das homilias proferidas nas paróquias da Arquidiocese de Curitiba, objetivando verificar:

a - se existe uma preocupação com este meio de comunicação (homilias) tão utilizado pela Igreja e como esta prática está sendo realizada na Arquidiocese de Curitiba;

b - se existe uma preocupação real com a comunicação, sobretudo na formação dos futuros presbíteros, cuja missão específica é o anúncio da Palavra de Deus, sendo a homilia dominical um momento privilegiado dessa comunicação;

c - se existe uma unidade doutrinal na Arquidiocese de Curitiba, devendo-se entender por unidade doutrinal a sintonia com as orientações doutrinárias, emanadas da Igreja Mãe, em Roma, do CELAM, na América Latina e da CNBB, no Brasil.

Ao tomarmos o documento de Santo Domingo como base para a análise doutrinal, fizemo-lo por ser ele, neste momento o eixo que norteia a reflexão teológica e a práxis pastoral da Igreja na América Latina. Isto não significa uma redução da riqueza reflexivo-teológica existente na Igreja Católica Apostólica Romana para um único eixo de reflexão (Documento de Santo Domingo). Não ignoramos a diversidade de escolas teológicas e da sua importância para a Igreja, mas limitamo-nos à análise do Documento de Santo Domingo por ser ele um referencial para a Igreja latino americana e por conter em seu bojo, toda a orientação da Igreja Universal, atualizando e adaptando essas orientações à nossa realidade de Igreja, e por nosso estudo não comportar uma análise tão ampla (várias correntes teológicas) da reflexão teológica da Igreja.

O material de análise foi coletado nas paróquias da Arquidiocese de Curitiba, observando-se a estrutura administrativa e pastoral da Arquidiocese. Foram coletadas 16 homilias, sendo uma televisada, uma radiofônica e as restantes, gravadas em gravador nas missas dominicais realizadas nas paróquias. Optamos por uma gravação menos ostensiva, em que o gravador não fosse visível, para que não houvesse nenhuma influência na coleta dos dados e o registro das homilias fosse o mais informal possível.

A coleta dos dados foi realizada num único dia, 13 de novembro de 1994 (33º Domingo do tempo comum), com o objetivo de melhor detectar o grau de unidade do discurso religioso, uma vez que as leituras bíblicas utilizadas na liturgia são idênticas em todo o mundo, e o tema de reflexão é único para todas as Igrejas, eliminando, assim, a variante da diversidade temática, o que daria margem a caminhos diferentes na reflexão discursiva.

Das 16 homilia coletadas, fizemos a análise de três, tendo o critério de escolha sendo feito por sorteio, sem preocupação com elementos como paróquia e setor. A análise realizada foi despojada de preconceitos, ideologias ou quaisquer outros interesses, fundamentado apenas nas possibilidades concretas da pesquisa.

O conteúdo das 16 homilias coletadas encontram-se no final deste trabalho, transcritos na íntegra. Todo o material de pesquisa está conservado em arquivo e, por questões de ética, mantivemos em sigilo os nomes dos padres e das paróquias em que a pesquisa foi levada a cabo.

As evidências da pesquisa apontam para a anti-comunicação como marcas maiores das homilias, as quais são forma de comunicação de fundamental importância na Igreja e ainda assim, exercida, em grande parte, de maneira vertical, impositiva, massiva e impessoal.

Os fiéis, na missa, constituem-se em receptores passivos que escutam e dizem amém (assim acredito) com a maior naturalidade e educação, pois durante séculos foram orientados para essa atitude. O momento da homilia na liturgia constitui-se, via da regra, em um momento enfadonho, pois é comum observarmos pessoas rezando o terço, conversando, cochilando e educadamente ouvindo sem poderem externar suas opiniões.

No material coletado ficou evidenciado uma preocupação excessiva com a quantidade de conteúdo, da mensagem transmitida, enquanto técnicas de apresentação são ignoradas pelos emissores ou desconhecidas por eles. Além disso esquecem de fazer relação entre aquilo que é falado e aquilo que os fiéis estão ouvindo ou estão interessados em ouvir. Enfim, os comunicantes - emissores e receptores - não interagem. Não estamos afirmando, aqui, que o presbítero deva falar somente aquilo que o povo quer ouvir, pois isto seria desconhecer a caminhada de fé do povo de Deus. Muitas vezes os profetas falavam justamente aquilo que o povo não queria e nem estava interessado em ouvir. A religião é responsável também pela educação dos fiéis na fé e, cumpre lembrar, no processo de educação as coisas não acontecem somente como queremos que aconteçam.

É responsabilidade da Igreja orientar na vida (fé, moral, ética e espiritualidade) os seus fiéis, principalmente nos dias atuais, quando se difundem e se propagam valores que contrastam com aqueles difundidos pelo cristianismo. Mais do que nunca, a realidade está a exigir dos presbíteros a sensibilidade de perceber o momento e a maneira correta de dizer o que tem que ser dito, sem complexidade de conteúdo, o que muitas vezes acontece nas homilias por falta de discernimento metodológicos e ausência de interação com os fiéis. Existem casos em que se deduz, que o mais importante para alguns presbíteros é que ele diga o que tem a dizer, ignorando qualquer princípio metodológico que norteia a comunicação.

Em face disso, e visando a bem analisar o discurso religioso na Arquidiocese de Curitiba, estruturamos esta pesquisa do seguinte modo:

- o CAPÍTULO I - “Referencial Teórico” - explicita as bases científicas sobre as quais se assenta esta pesquisa: formação do teólogo, Semiótica, Discurso Religioso, Pedagogia da

Comunicação e estudo do Documento de Santo Domingo. Contém esse Referencial os elementos que permitirão a análise dos discursos religiosos analisados neste trabalho.

- o CAPÍTULO II - “Metodologia da Pesquisa” - explica os procedimentos adotados na coleta dos dados que serão analisados: O Sínodo Arquidiocesano, Dados sobre a Arquidiocese, Coleta de Dados, Roteiros Homiléticos.

- o CAPÍTULO III - “Análise dos Discursos Religiosos à luz do referencial teórico apresentado”- classifica os discursos coletados estabelecendo pertinência entre eles e o documento de Santo Domingo: Classificação dos discursos coletados, Santo Domingo e os discursos.

- o CAPÍTULO IV - “Análise do Grau de Unidade Doutrinal do Discurso Religioso na Arquidiocese de Curitiba” - faz uma análise dos discursos sorteados, objetivando perceber a unidade ou não da doutrina cristã na Arquidiocese de Curitiba.

A esses capítulos, acresce o último aquele em propusemos recomendações em face das conclusões apresentadas.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO.

Este Capítulo apresenta os tópicos que darão base científica à pesquisa por nós realizada no que têm de mais significativo e pertinente ao tema desta dissertação.

1 - A FORMAÇÃO TEOLÓGICA DO EVANGELIZADOR NO ENSINO DE 3º GRAU.

A Igreja Católica sempre manifestou interesse em relação aos meios de comunicação, percebendo a sua importância na e para o homem, a sociedade. É claro que houve uma evolução no pensamento eclesial ao longo dos tempos, deixando ou tentando (ainda encontramos, na Igreja, setores com idéias antiquadas sobre os meios de comunicação) deixar para trás a visão estreita de que os meios de comunicação seriam os arautos da crise dos valores morais, o que é fácil de verificar se fizermos uma leitura retrospectiva dos pronunciamentos da hierarquia eclesiástica sobre os meios de comunicação. O Papa Pio XII, na Encíclica *Sacra Virginitas*, expressa sua preocupação sobre a influência negativa que o cinema poderia trazer à moral, mais especificamente à vida da castidade perfeita:

“Vejam, portanto, tudo, os jovens clérigos, para se habituarem a encarar tudo sem perturbação e para se imunizarem assim contra toda a espécie de tentações. Deste modo, facilmente lhes permitem fixar sem resguardo tudo o que lhes cai debaixo dos olhos, freqüentar cinema, mesmo para ver películas proibidas pelos censores eclesiásticos, percorrer toda espécie de ilustrações, mesmo que sejam obscenas, e ler até os romances que estão no Índice ou que proibe o direito natural”.¹

A evolução do pensar católico sobre os meios de comunicação está demonstrado de forma sintética no documento da Congregação Para a Educação Católica - **Orientações Para a Formação dos Futuros Sacerdotes Acerca dos Instrumentos da Comunicação Social**, no qual encontramos uma antologia dos documentos oficiais da Igreja por ordem cronológica, proporcionando-nos uma visão ampla sobre essa problemática.²

Atualmente, a Igreja tem consciência de que deve investir seriamente na formação de leigos e presbíteros, educando-os para uma consciência crítica em relação aos meios de comunicação e preparando-os para utilizá-los corretamente, dentro dos padrões das exigências técnicas que os veículos de comunicação exigem.

Nota-se, porém, que na maioria das vezes essa preocupação fica somente no campo da retórica ou das sugestões, não passando efetivamente à prática. Ao analisarmos os documentos eclesiásticos que se referem aos meios de comunicação, percebemos que as referências acontecem na maioria da vezes no nível subjetivo, sem uma reflexão mais profunda de como operacionalizar objetivamente essas diretrizes. O momento está a exigir da Igreja ações concretas úteis e necessárias em relação aos meios de comunicação. Quando afirmamos que as ações têm que ser úteis e necessárias, temos a consciência de que, na realidade atual, não podemos mais nos dar ao luxo de perdermos tempo e dinheiro

em ações subjetivas que não trazem resultados concretos e eficientes. Não adianta ficarmos demonstrando o desserviço dos meios de comunicação para a formação integral do Homem, o uso inescrupuloso dos veículos de comunicação a serviço da pornografia, da alienação das pessoas, do poder político e econômico, do lucro fácil e da divulgação de novas idéias, formando consciências, apoiadas em valores que literalmente entram em choque com os valores do cristianismo. Como transformar essa realidade, se a ação da Igreja enquanto Instituição deixa a desejar?

Para que haja mudanças nessa área, é necessário que a Igreja comece pela formação do clero, capacitando os seminaristas para o uso correto da comunicação, tanto técnica (saber manejar os veículos de comunicação explorando os seus potenciais) como teoricamente (sabendo usar todo o conhecimento acumulado pela Igreja, ao longo dos anos, sobre os meios de comunicação). Devemos deixar de lado alguns pruridos ideológicos do tipo: não fazemos isto por ser coisa de evangélicos, ou isso é coisa de capitalista. O crescimento assustador de algumas Igrejas evangélicas comprovam o que os estudiosos da comunicação estão cansados de saber: o uso correto e agressivo dos meios de comunicação é determinante neste crescimento.

O crescimento de algumas Igrejas evangélicas levou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil a realizar uma pesquisa sobre a situação da Igreja Católica no Brasil e cujos resultados foram apresentados na 34^a Assembléia da CNBB, aberta no dia 17 de abril de 1996, em Itaipaci, Município de Indaiatuba, SP. O estudo indica que os católicos no Brasil são 85% da população. Desse total, apenas 20% realmente participam das atividades litúrgicas e pastorais da Igreja. O estudo destaca a atuação das Igrejas pentecostais, apontando-as como responsáveis pela perda de um número significativo de

fiéis católicos seduzidos com promessas de *“curas e felicidade imediata, em troca principalmente de contribuições em dinheiro”*.³ Segundo Dom Jayme Chemello, atual presidente da CNBB, a Igreja adotará estratégias semelhantes às dos evangélicos para ampliar o número de seguidores; também teceu considerações sobre as estratégias a serem utilizadas: visitas às famílias; apoio ao trabalho dos carismáticos e das comunidades eclesiais de base, as quais, segundo o Bispo, terão novas diretrizes de atuação, priorizando-se a regionalização do trabalho missionário.⁴

Mais uma vez podemos perceber equívocos de análise e de procedimentos. Não adianta fechar os olhos para as próprias incapacidades, pois o crescimento de algumas igrejas evangélicas e seitas religiosas de origens orientais no país deve-se a diversos fatores, dentre os quais podemos apontar: a capacidade de evangelização e de persuasão destes grupos, o uso agressivo e sem constrangimentos dos veículos de comunicação, a capacidade de comunicação dos representantes religiosos destes grupos, cultos religiosos dinâmicos e festivos em que os fiéis se sentem parte integrante e ativa do rito. É claro que não podemos esquecer os fatores negativos que existem na doutrina e na ação pastoral desses grupos, mas isto não é o objeto de estudo do presente trabalho. A Igreja deve fazer uma análise dessa realidade, tendo consciência de que essa situação é fruto também da sua ação e ou não ação. Infelizmente, a realidade nos mostra uma Igreja muitas vezes distante dos reais problemas do povo, uma Instituição fechada na sua análise doutrinal, com um discurso oficial muito racionalizado e que não está sabendo codificá-lo numa linguagem que os fiéis entendam e aceitem; uma instituição com uma liturgia em que esses mesmos fiéis, na maioria das vezes, não entendem o significado dos ritos, não compreendendo os seus conteúdos e não se sentindo agentes ativos, integrantes e

participativos da liturgia; uma instituição com um corpo hierárquico com algumas dificuldades de comunicação com os fiéis, o que se reflete na atividade pastoral, em que encontramos, em grande parte, uma consciência pastoral separada da realidade do povo e até conflitante com orientações doutrinárias da Igreja. Percebe-se uma grande carência de equilíbrio pastoral, doutrinário, e é comum encontrarmos nas Dioceses, correntes que só valorizam os aspectos espirituais, esquecendo que o homem é um ser uno, que tem corpo e espírito; outros permanecem numa pastoral amorfa, preocupada em satisfazer a todos e, no final, não satisfazem ninguém; por fim, encontramos correntes que só percebem o homem em seus aspectos materiais, politizando e socializando ao extremo a atividade doutrinária e pastoral, esquecendo os aspectos espirituais. Essas posturas levam a uma disputa interna pelo poder no seio da Igreja, dicotomia percebida pelo Sínodo da Arquidiocese de Curitiba ao afirmar: *“A Arquidiocese é composta de muitas forças que às vezes convergem e às vezes caminham paralelamente e até, às vezes, em caminhos divergentes”*.⁵ Essa disputa é prejudicial à Igreja, porque elimina a pluralidade de idéias e carismas. Em nome de uma unidade, existem setores organizados da Igreja que lutam pela uniformidade, esquecendo que a unidade se faz na diversidade, que na Igreja existem diversos carismas e que todos devem ser respeitados e valorizados, sem descuidar da unidade doutrinária.

Na nossa opinião, alguns problemas pastorais que a Igreja Católica enfrenta, atualmente, no Brasil, passa, necessariamente, pela formação precária dada aos seminaristas em relação ao uso dos meios de comunicação, apesar da preocupação até incisiva dos documentos eclesiais a este respeito. O documento **Orientações para a**

Formação dos Futuros Sacerdotes Acerca dos Instrumentos da Comunicação Social,

citado anteriormente, é bastante enfático a este respeito:

*“21. Instrução prática. A insubstituível função do ministério da palavra no apostolado sacerdotal requer a necessária formação, teórica e prática, do futuro sacerdote na arte de dizer. Para conseguir o primeiro dos referidos objetivos, isto é, a formação teórica no uso pastoral dos ‘mass media’, convirá, antes de tudo, instruir os alunos sobre as modalidades expressivo-comunicativas (as chamadas “linguagens”) próprias de cada um dos instrumentos, em relação às “mensagens” que se pretendem comunicar, e às características receptivas das várias ‘audiências’. E este objetivo será conseguido mediante a realização de lições metódicas, que serão aprofundadas com análises crítico-comparadas de publicações e de programas-tipo, atuais ou de repertório. Além disso, ocorrerá exercitá-los, possivelmente com o contributo de peritos externos, no uso reto dos próprios instrumentos: na dicção e no comportamento perante os microfones, a máquina de filmar, a câmara de televisão, especialmente nas ações litúrgicas. Para este objetivo serão úteis também as elaborações e em seguida as discussões colegiais de entrevistas, de serviços jornalísticos, serviços publicitários, programas radiofônicos e televisivos. Isto pode referir-se aos periódicos internos ao Seminário e, em circuitos fechados, às colaborações externas, por exemplo: nas paróquias, nas escolas e na imprensa local, religiosa e laica. Em particular, sejam encorajadas e, se necessário e possível, subsidiadas as publicações do seminário quais preciosos veículos para estimular e exercitar a criatividade dos alunos”.*⁶

E o documento da CNBB de nº55 destaca:

“156 . Nos estudos filosóficos, inclui-se necessariamente o estudo das ciências humanas e sociais (antropologia, sociologia, economia, política, psicologia, pedagogia, comunicação social, literatura, artes...) e a complementação da formação literário-científica (...).
161 . O currículo dos estudos filosóficos incluirá, como mínimo, as seguintes disciplinas e respectiva carga horária:

Metodologia Científica	30
horas/aula	
Lógica	60
horas/aula	
Teoria do Conhecimento e Filosofia das Ciências	90
horas/aula	

História da Filosofia	240
horas/aula	
Filosofia Geral: Problemas	
Antropológicos	90 horas
/aula	
Filosofia Geral: Problemas	
Metafísicos	90
horas/aula	
Filosofia da Religião	60
horas/aula	
Ética	90
horas/aula	
Filosofia Social e Política	90
horas/aula	
Filosofia da Linguagem	60
horas/aula	
Psicologia	60
horas/aula	
Sociologia	60
horas/aula	
Introdução à Economia	
(ou História dos Sistemas Econômicos)	60
horas/aula	
Outras disciplinas (versando, principalmente sobre a	
sociedade e cultura brasileira, política, comunicação	
social e pedagogia)	120
horas/aula". ⁷	

Seguindo as orientações da CNBB para o Currículo Mínimo da formação presbiterial, o Studium Theologicum de Curitiba, Faculdade de Teologia vinculada à Sociedade Paranaense de Cultura, esta a mantenedora da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, cuja finalidade “*se destina à formação teológica doutrinal dos seminaristas diocesanos e religiosos em ordem ao sacerdócio (...)* ”, no que se refere à Comunicação oferta duas disciplinas nos cursos especiais - cursos complementares - Homilética - E5, cuja ementa é:

*“ Importância e problemática da pregação. A Pregação na História da Igreja. Técnica de Imposição de Voz. Teologia da Pregação. A Atualização Bíblica. A Pregação no Contexto Litúrgico: a homilia. Problemática do Auditório. Métodos de Articulação do Conteúdo. Sermões de Circunstâncias”.*⁹

e Comunicação E7, com a seguinte ementa:

“O que é Comunicação: definições. Fundamentos Científicos da Comunicação. O Processo de Comunicação: comunicação oral, escrita, eletrônica. Funções dos MCS na Sociedade Atual: rádio, televisão, jornais, revistas - características e linguagem própria de cada um. Comunicação e Opinião Pública: censura, leitura crítica da comunicação massiva. Comunicação e Culturas. Comunicação na Igreja e da Igreja: documentos sobre a comunicação e a produção da comunicação na Igreja. Uso Pastoral dos MCS.”¹⁰

Apesar de todos os documentos e orientações em que a comunicação é indicada como uma disciplina indispensável nos currículos dos seminários, a realidade mostra que essa consciência está longe de ser um fenômeno eclesial ou um pensamento partilhado pela maioria do clero. A certeza que fica após a análise do documento da CNBB e do currículo do Studium Theologicum é a de que a Comunicação ainda não é percebida como disciplina fundamental, algo de extrema importância na vida do sacerdote, que é um arauto da Palavra de Deus acima de tudo. A prova disso é o lugar que ela ocupa no currículo escolar proposto pelos bispos brasileiros aos futuros sacerdotes, ou seja, além de aparecer no final do elenco das disciplinas, a Comunicação perde em carga horária para disciplinas como a Metodologia Científica. No currículo do Studium Theologicum ela está colocada sob a forma de seminários, que não são obrigatórios para os alunos. Isto evidencia o descaso quase que total quanto à formação específica dos sacerdotes como enunciador da Palavra. O Padre não é visto como comunicador, o que leva facilmente ao amadorismo; para uma grande maioria, basta ter facilidade de expressão e comunicação e ter-se-á um grande orador. Há, pois, um descuido sobre a importância do conhecimento das técnicas para serem usados corretamente os meios de comunicação e de comunicar-se e fazer-se compreendido pelos fiéis.

Por outro lado, temos consciência de que saber usar corretamente os veículos de comunicação não é o pressuposto essencial para alguém ser um bom pregador. Talvez soe estranho usarmos pregador em vez de orador, mas São João Crisóstomo um eminente teólogo, místico e pregador cristão, dirimiu esta dúvida ao enfatizar que o orador se procura a si mesmo e o pregador procura a Deus.

Os presbíteros têm a missão de evangelizar e é a consciência dessa missão que orienta toda a sua formação acadêmica. Os cursos de Teologia formam evangelizadores (comunicadores da fé), pessoas que têm conhecimento da Palavra de Deus e, conseqüentemente, da doutrina cristã, capacitando-os a educar os fiéis na fé. Isto é até destacado como a razão de ser do Studium Theologicum de Curitiba em cujo Regimento consta que ele se destina à formação teológica - doutrinal dos seminaristas diocesanos e religiosos em ordem ao sacerdócio.

2 - A SEMIÓTICA E A PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO

2.1 - A Semiótica como Ciência da Significação

Dentre os animais, são os homens os principais utilizadores de signos. É claro que outros animais reagem a determinadas coisas que funcionam como signos, mas estes jamais atingem a complexidade e a elaboração que encontramos na fala humana, na escrita, na arte, nos mecanismos de controle, no diagnóstico médico ou nos sistemas de sinalização.

A ciência encontra-se profundamente ligada aos signos, pois, por um lado, oferece aos seres humanos signos mais exatos e, por outro, organiza as suas conclusões dispondo-as em sistemas de signos. A civilização humana depende de signos e de sistemas de signos e a inteligência do homem é inseparável do funcionamento deles.

Nunca como agora foram os signos tão estudados ou despertaram tanto interesse dos pesquisadores, sejam lingüistas, sejam lógicos, filósofos, psicólogos, biólogos, antropologistas, psicopatologistas, estetas e sociólogos. Todavia, não existe uma estrutura teórica, de plano simples, mas suficientemente vasta, que englobe e reuna, num todo unificado e coerente, os resultados obtidos a partir de pontos de vista diferentes. Daí a necessidade de se estabelecer um ponto de vista unificador e de traçar as grandes linhas de uma CIÊNCIA DOS SIGNOS.

A SEMIÓTICA estabelece uma dupla relação com as ciências: é ao mesmo tempo ciência entre as ciências e instrumento dessas mesmas ciências. Sua importância como ciência advém do fato de ser ela uma etapa em direção à unificação da ciência, pois é ela que fornece os fundamentos de cada ciência particular de signos, como a lingüística, a lógica, as matemáticas, a retórica, pelo menos até certo ponto, a estética.

Se a SEMIÓTICA é uma ciência coordenada às outras ciências, e se estuda as coisas, ou as propriedades das coisas quanto ao seu funcionamento como signos; no entanto, é também instrumento de todas as ciências, pois cada ciência serve-se de signos e exprime seus resultados e conclusões em termos de signos. Por este fato, a metaciência (ciência da ciência) deve utilizar a SEMIÓTICA como seu organon (instrumento).

É possível englobar, na totalidade, o estudo da ciência no estudo da linguagem da ciência, visto que o estudo desta linguagem implica não só o estudo das suas estruturas

formais, mas também das suas relações com os objetos designados e com as pessoas que dela se servem. Mas, já que nada pode ser estudado sem os signos que revelam os objetos do campo em estudo, um estudo da linguagem da ciência deve, necessariamente, servir-se de signos que se referem aos signos — e a SEMIÓTICA deve fornecer os signos pertinentes e os princípios necessários à realização destes estudos. A SEMIÓTICA fornece uma linguagem geral aplicável a toda a linguagem ou signo particular e, conseqüentemente, aplicável também à linguagem da ciência e aos signos característicos utilizados na ciência.

2.2 - A Semiose e a Semiótica

Chama-se semiose ao processo segundo o qual qualquer coisa passa a desempenhar a função de signo. É costume considerar neste processo 3 (ou 4) elementos:

- a) um, o próprio elemento que atua como signo;
- b) outro, o elemento ao qual o signo se refere;
- c) o último, o efeito produzido num determinado intérprete, efeito pelo qual a coisa em questão é um signo para o referido intérprete.

A esses três componentes da SEMIOSE dá-se o nome, respectivamente, de VEÍCULO DO SIGNO, de DESIGNATUM e INTERPRETANTE, e ainda se pode juntar um quarto elemento, o INTÉRPRETE, tornando explícito, por meio destes termos, os fatores não nomeados, quando se diz simplesmente que um signo se refere a algo para alguém.

Ex: Um viajante prepara-se para se comportar de um modo apropriado (I) a uma certa região geográfica (D), por causa da carta (S) que recebeu de um amigo.

- S é o veículo do signo e um signo em virtude de sua função;
- D é o designatum;
- I é o interpretante de intérprete.

A maneira mais certa de caracterizar um signo é a seguinte: S é signo de D por meio de I na medida em que I toma conhecimento de D devido à presença de S.

Assim, na SEMIOSE, algo conhece qualquer coisa de modo mediato, isto é, através de terceiro. A SEMIOSE é, portanto, uma tomada de conhecimento mediatizada. OS MEDIADORES são os veículos do signo, as tomadas de conhecimento são interpretantes e os agentes do processo são os intérpretes; os designata são os elementos dos quais se toma conhecimento.

É necessário ter bem presente o fato de os termos SIGNO, DESIGNATUM, INTERPRETANTE e INTÉRPRETE se suporem uns aos outros, pois não são mais do que meios para nos referirmos a aspectos do processo de SEMIOSE. É evidente que os objetos não precisam que nos refiramos a eles empregando signos, mas, em contrapartida, não existe designatum sem tal referência; de igual modo, qualquer coisa é signo única e exclusivamente quando interpretada por um intérprete como signo de algo, e uma tomada de conhecimento de qualquer coisa só é interpretante na medida em que é evocada por algo, que funciona como signo; entretanto, um objeto só é intérprete no momento em que toma conhecimento de algo de modo mediato. Estas propriedades (ser signo, designatum, intérprete ou interpretante) são propriedades inter-relacionadas que as coisas adquirem ao participar no processo funcional da semiose. Por conseguinte, a SEMIÓTICA não se

interessa pelo estudo de um tipo de objeto particular, interessa-se, sim, por objetos comuns, na medida em que (mas só nessa medida) eles participam na semiose.

2.3 - As Dimensões e os Níveis da Semiose

A partir dos três termos correlativos - veículo do signo, designatum, intérprete - da relação triádica da SEMIOSE, é possível abstrair várias relações didáticas:

- 1) Estudo das relações entre os signos e os objetos aos quais eles são aplicados - esta é a dimensão semântica da semiose, simbolizada pelo signo 'Dsem', cujo estudo tem o nome de SEMÂNTICA.
- 2) Estudo da relação entre os signos e os intérpretes - é a dimensão pragmática da semiose, simbolizada por 'Dp', cujo estudo tem o nome de PRAGMÁTICA.
- 3) Estudo da relação formal dos signos entre si, que ainda não foi bem considerada. Aliás, essa relação não foi ainda incorporada explicitamente na definição de "signo". É certo que cada signo tem virtualmente, senão efetivamente, relações com os outros signos, pois o signo predispõe o intérprete a tomar conhecimento de algo que só pode ser enunciado por meio de outros signos. É certo também que tal enunciado não é obrigatório, mas, em princípio é, de fato, sempre possível e, quando acontece, liga o signo em questão a outros signos. Já que a grande maioria dos signos se apresentam inter-relacionados; já que, em vários casos, os signos que aparecem isolados se revelam, à análise, não o ser e, finalmente, já que todos os signos estão interligados, senão efetiva, pelo menos

virtualmente, é possível juntar uma terceira dimensão - a dimensão sintática da semiose, simbolizada por ‘Dsin’, cujo estudo tem o nome de SINTAXE.

Convém empregar termos específicos para designar algumas das relações entre os signos, entre estes e os objetos e entre os signos e os intérpretes. Assim, “implica” fica reservado para a ‘Dsin’; “designa” e “denota” para a ‘Dsem’, e “exprime” para a ‘Dp’.

A SEMIÓTICA, na qualidade de ciência da semiose, é distinta da semiose, da mesma maneira que toda e qualquer ciência é distinta do seu objeto.

A SEMIÓTICA, como ciência, emprega signos específicos para apresentar os fatos que dizem respeito aos signos: é uma linguagem própria para discutir signos. As três disciplinas subordinadas à SEMIÓTICA - a Sintaxe, a Semântica e a Pragmática - tratam, respectivamente, das dimensões sintática, semântica e pragmática da semiose. Cada uma dessas disciplinas, como já afirmamos, necessita de termos específicos:

- a) “implica” → pertence ao campo da Sintaxe;
- b) “designa” e “denota” → pertence ao campo da Semântica;
- c) “exprime” → pertence ao campo da Pragmática.

Como as diferentes dimensões são aspectos de um processo unitário, deverão existir relações entre os termos das diferentes disciplinas, verificando-se, assim, a necessidade de utilizar signos particulares, a fim de caracterizar essas mesmas relações, bem como o processo da semiose, na sua totalidade.

A palavra signo é um termo estritamente semiótico; não é definido nem pela Sintaxe, nem pela Semântica, nem pela Pragmática, quando tomadas isoladamente, uma por uma, e é unicamente no sentido mais lato de “semiótica” que se pode declarar que todos os termos destas disciplinas são termos semióticos.

De tudo que foi explicitado, não parece oportuno, porém, tentar uma formalização da SEMIÓTICA que ultrapasse, em muito, o estado atual do assunto, e que poderia obscurecer o papel que a semiótica se dispõe a desempenhar na edificação da ciência unificada.

A semiótica como ciência, ou projeto de ciência, surgida no quadro de uma ruptura epistemológica, prevista por Althusser, e ocorrida no fim da década de 60 e início da década de 70, adiantou-se rapidamente através do “pós-estruturalismo” (usamos esta expressão à falta de outra, consciente dos equívocos de interpretação que pode provocar), paralelamente aos esforços da Linguística na mesma direção, e passou a esforçar-se pela elaboração de uma concepção dinâmica ou dialética de sistema e estrutura, tendeu a conceber o sistema semiótico e os discursos que o manifestam como processos de produção, caracterizados internamente por tensões e percursos dialéticos e articulados, também dialeticamente, no interior do processo semiótico, entendido igualmente como processo de produção. A Semiótica, desse modo considerada, desenvolveu uma metalinguagem e uma metodologia particularmente eficazes. Em função de semelhante concepção, o seu método básico não poderia deixar de ser a pancronicidade, não aquela tal como foi concebida no período do estruturalismo clássico, que se propunha como combinação da diacronia e da sincronia (um notável avanço, sem dúvida), mas aquela que entende que o funcionamento dos sistemas semióticos e dos discursos que os manifestam e a sua mudança no eixo da história são um único processo, o seu funcionamento, o processo de produção.

Como sabemos, a Semiótica propõe-se a estudar os sistemas semióticos e os seus discursos, entre eles compreendendo os sistemas semióticos verbais, os universos de

discurso que lhes correspondem e os discursos que os manifestam, entre os quais se incluiu o discurso religioso; os sistemas semióticos não - verbais, como a pintura, a música, a arquitetura, escultura, etc. e, da mesma maneira, os discursos que lhes correspondem, e os discursos que os manifestam; os sistemas semióticos ditos complexos ou “sincréticos”, que combinam alguns dos anteriores (verbal x não verbal, não-verbal x não-verbal, verbal x não verbal x não-verbal), como, por exemplo, o cinema , o teatro, a ópera, a combinação de arquitetura-escultura e pintura num único texto “arquitetônico”, etc., os universos de discurso que lhes correspondem e os discursos que os manifestam; propõe-se a estudar, ainda, as relações entre esses diferentes tipos de sistemas, universos de discurso e discursos manifestados.

3 - O DISCURSO RELIGIOSO À LUZ DA SEMIÓTICA.

3.1 - Caracterização do Discurso Religioso

O Discurso Religioso é aquele em que Deus fala aos homens através dos seus representantes (ministros religiosos), aos quais cabe a função de interpretar a voz de Deus, pois para isso eles foram ungidos.

No Discurso Religioso há um desnivelamento fundamental na relação locutor X ouvinte. O locutor (Sujeito/Deus) pertence ao plano espiritual; o ouvinte (sujeitos/homens) pertence ao plano temporal. Neste universo, o mundo espiritual domina

o temporal; na desigualdade entre os dois planos, Deus domina os homens. Tal dominação fundamenta-se nestas assimetrias:

imortalidade - mortalidade

vida - morte

salvação,

sendo que esta última é o único momento em que o sujeito pode se aproximar de forma efetiva do Sujeito. A salvação dá aos sujeitos a possibilidade da vida eterna, que só é alcançada pela fé, que é a capacidade de crer sem duvidar, de obedecer sem se rebelar, de ir sem saber para onde, porque se confia nas verdades afirmadas pela Instituição Religiosa, de vez que é pela fé que distinguimos os fiéis dos não fiéis e que delimitamos as fronteiras da comunidade.

O sujeito, sendo criado à imagem e à semelhança do Sujeito, é também espírito. A articulação entre sujeito e Sujeito se faz por meio da noção de espírito e, entre as qualidades do espírito, está a fé, que é a condição básica para a salvação.

A fé não modifica a não - reversibilidade do discurso religioso, pois ela é uma graça recebida do Sujeito pelos sujeitos, é um dom divino. Ela é um dos parâmetros em que se assenta o princípio da exclusão, e o espaço em que se dá a exclusão é a Igreja. Esta é a depositária da verdade e da fé, a ela compete a leitura correta do texto sagrado, da Revelação e dos sacramentos.

A Igreja participa dos dois planos (espiritual e temporal), por isso ela é santa e pecadora:

“Caracteriza-se a Igreja de Ser, a um tempo, humana e divina, visível, mas ordenada de dois invisíveis, operosa na ação e devotada à contemplação presente no mundo e no entanto peregrina. E isso de

*modo que nela o humano se ordene ao divino e a ele se subordine, o visível ao invisível, a ação à contemplação e o presente à criatura futura que buscamos”.*¹¹

A força institucional da Igreja advém desses dois planos. A Igreja está no mundo, mas não é do mundo. A sua ação no mundo deve ser a de fermento, a sua ação “se quer” transformadora. O mundo, na visão institucional, é o maior, o que conseqüentemente foge do menor (sociedade) e transformar o mundo não é o mesmo que transformar a sociedade.

Vemos, assim, a força do Discurso Religioso: ele diluí o político, porque é fortemente monossêmico, cabendo à Igreja fazer as interpretações. O Discurso Religioso fundamenta-se na Bíblia, que é colocada como a única fonte de revelação da palavra e da vontade de Deus. O lugar próprio para o anúncio da palavra é determinado segundo as diferentes cerimônias.

Para Althusser,¹² a ideologia vigente no Discurso Religioso é especular, porque faz a sujeição dos sujeitos ao Sujeito. Deus define-se, portanto, a si mesmo como Sujeito por excelência, Aquele que é por si e para si! Na Bíblia, todos os nomes dados a Deus são desprovidos de significação para demonstrar que Deus é o Senhor, o Sujeito ativo, Aquele que nomeia. Os nomes dos homens têm significados e, muitas vezes, o significado está vinculado à missão da pessoa. O homem é o sujeito passivo, aquele que é nomeado, o que obedece.

Assim, para aquele autor, a ideologia do Discurso Religioso é especular, porque submete os sujeitos ao Sujeito. É um tipo de ideologia que cria mecanismos de controle e dominação bastante eficazes, porque os homens não passam de simples reflexão de Deus.

O homem é aceito como livre para que livremente aceite a sua sujeição. Como exemplo, temos o livre arbítrio, um dos pontos doutrinários de importância no cristianismo

católico. Pelo livre arbítrio, aprende-se que o homem foi expulso do paraíso por ter usado a sua liberdade de forma errada. Essa liberdade é condicionada, ela é e não é, o homem a tem e não a tem, porque lhe é dada com um manual de normas e regras para serem cumpridas. Caso contrário, haverá a penalização.

A liberdade do sujeito é a de aceitar “livremente” a sua submissão ao Sujeito. A submissão dá aos sujeitos dignidade e reconhecimento.

Como reforço do Discurso Religioso, apresenta-se o Discurso Teológico, cuja função é fazer a mediação entre a alma religiosa e o sagrado, sistematizando, de forma dogmática, as verdades religiosas. O discurso teológico se manifesta como a filosofia da religião, como a visão que a hierarquia religiosa tem das verdades de fé e sua cosmovisão.

Gramsci, afirma que o credo religioso é, na realidade, uma multidão de religiões distintas e, muitas vezes, contraditória.¹³

Isto é constatado no seio do catolicismo, no qual se tem a religião oficial, com seu discurso bem organizado, com seus dogmas bem elaborados e seus rituais bem controlados. Em oposição, encontramos a igreja do povo ou a religiosidade popular, nomeado pelos teóricos (ou teólogos) da Igreja oficial. A religiosidade popular forma o essencial da ideologia que compõe o folclore e o senso comum e dela fazem parte as superstições e os movimentos heréticos. O que hoje é considerado superstição, heresia e fatalismo, um dia fez parte do Discurso Religioso e Teológico da Igreja, o que mostra a força ideológica desses discursos que, ao longo dos séculos, plasmaram consciência e mentalidade, como a teologia do medo, onde Deus sempre era apresentado como o todo poderoso vingativo e os homens não passavam de marionetes em suas mãos. Essa

afirmação é corroborada numa afirmativa constante no livro *A Imitação de Cristo*, escrito no século XVI: “(...) *é realmente uma grande miséria viver na face da terra*”.¹⁴

O Discurso Teológico, utilizado pelo cristianismo, durante alguns séculos apoiou-se na dualidade Bem e Mal, sendo BEM tudo o que se referia aos aspectos metafísicos (céu, espírito, alma...) e MAL tudo o que estava relacionado à realidade material (mundo e corpo). Para exemplificar, destacamos a fala de dois pensadores cristãos, importantes para o magistério de sua Igrejas. Calvino, ao falar do homem, afirmava: “*O homem é um macaco, um estrume, um excremento, um verme da poeira e da podridão, por ter sido extraído do barro*”.¹⁵

Santo Anselmo não é mais divertido:

“Depois do homem, o verme, depois do verme, o fedor e o horror. O homem transformado num miserável cadáver, envolvido numa veste vil, miserável e pútrido, ele será alimentos dos vermes... Porque te orgulhastes, ó homem, tu fostes vil, esperma e sangue coagulado no útero, em seguida és exposto às misérias desta vida, e serás pasto de vermes no túmulo... Engordas e enfeitadas com o peso de ouro uma carne que os vermes, dentro em pouco, devorarão no túmulo. O homem nada é senão esperma fétido, saco de excrementos e alimento de vermes”.¹⁶

Até a ciência deixou-se envolver por essa panacéia, pois o cirurgião A. Paré justifica o surgimento da sífilis graças à ira de Deus:

“Há duas causas da sífilis: a primeira vem por uma qualidade específica e oculta, a qual não está sujeita a nenhuma demonstração, pode-se contudo atribuí-la à ira de Deus, que permitiu que essa doença caísse sobre o gênero humano para refrear sua lascívia e desregrada concupiscência; a segunda é por ter companhia de homem ou de mulher que tenha a dita doença”.¹⁷

A religiosidade popular é o resultado de um trabalho de séculos. Mudanças por meio de armas até que são fáceis fazer, mudar mentalidades é mais difícil. Essa

religiosidade muitas vezes leva à transgressão e à quebra das regras do jogo. Quando isso acontece, prontamente a Instituição Religiosa cria mecanismo de exclusão para negar o discurso da religiosidade popular. Portanto:

- heresia: é a criação de um discurso que negue o Discurso Teológico;
- blasfêmia: é a tentativa de liberdade do sujeito em relação ao Sujeito;
- pecado: é a quebra das normas e das regras dadas;
- pacto com o diabo: é a busca da identificação com uma divindade proscrita, é a tentativa do sujeito em adquirir alguma qualidade do Sujeito - Poder;
- magia: é a quebra do poder da hierarquia; o mago não se submete à hierarquia - ele é autônomo.

A Igreja oficial reina sobre o espiritual e o temporal, tem o poder da verdade, donde se explica a inépcia da Igreja-povo que, apesar de deter a maioria numérica de fiéis, é dominada pela minoria que representa o Sujeito ante os sujeitos.

Para chegar ao Sujeito, os sujeitos têm que se relacionar com os dois planos, o temporal e o espiritual:

- a) na ordem temporal, a relação com o sagrado se faz através dos sujeitos - Sujeitos;
- b) na ordem espiritual, a relação é feita pelos mediadores - que um dia foram sujeitos e que, pela fé, alcançaram a salvação com distinção - que são os Santos e Nossa Senhora.

Para falar com o Sujeito, os sujeitos têm que recorrer às orações, que são fórmulas dadas pela igreja oficial e que contêm expressões cristalizadas, do tipo:

... ó meu Deus...

- ... faça com que...
- ... eu vos peço...
- ... atendei as nossas preces/súplicas...
- ... socorrei-nos...
- ... aliviai-nos...
- ... protegei-nos...
- ... abençoai, ó Poderoso(a)...
- ... não permitais, ó Santa Mãe de Deus...
- ... creio, glorioso Santo(a)...
- ... perdoa, glorioso Santo(a)...

cujo objetivo é manter a qualidade da relação, como observamos na **oração da noite e da manhã**, de cunho popular:

*Com Deus me deito,
Com Deus me levanto,
Pela graça de Deus e do Espírito Santo.
A Virgem Maria cobrindo com seu manto,
Debaixo de seu manto eu não terei frio,
nem medo nem pavor,
e qualquer mal que for.
Senhora, deitar-me quero,
a minha alma vos entrego.
Se eu morrer, vós iluminais com as sete tochas
que iluminou a Santíssima Trindade.
Senhora, qual é a maior guia? É Jesus.
Qual é o maior patrão? É José.
Assim como isto verdade é,
valei-me meu Jesus, Maria e José.¹⁸*

Para que os sujeitos sejam ouvidos, têm que se submeter às regras, devem ser bons e puros, ter méritos, ter fé e devem ser obedientes às leis de Deus e da Igreja.

Essa relação com o sagrado, feita pelos sujeitos, não elimina a não-reversibilidade, pois os sujeitos podem falar diretamente com o Sujeito, embora isso não modifique o seu

poder de dizer. Os sujeitos nunca podem ocupar o lugar do locutor, porque este é o lugar do Sujeito.

No Discurso Religioso, o representante, ou seja, aquele que fala do lugar do Sujeito, transmite SUAS palavras, representa-O legitimamente, mas não se confunde com Ele.

Para uma parcela expressiva do povo, tal fato não está clarificado, pois que muitas vezes atribui ao representante qualidades e atributos do Representado, situação constatado por este pesquisador, qual seja: *Quando era seminarista, acompanhando o Arcebispo da Arquidiocese de São Luís numa viagem pastoral ao interior do estado do Maranhão, fiquei surpreso ao constatar a imagem que o povo tinha do Bispo. Este era visto e aceito como um ser que estava acima das contingências do mundo material, não precisando se alimentar, sem necessidades fisiológicas e sem os defeitos e contingências dos mortais comuns, como raiva, mal-educação, gula, afetividade e individualidade.*

3.2 - Estrutura do Discurso Religioso

O poder-fazer-creer→poder-fazer-querer→poder-fazer-dever, estrutura do discurso religioso, requer do sujeito-representante atitudes práticas, além da retórica. A realidade percebida é que uma parcela expressiva de sujeitos-representantes católicos não dão a devida atenção e valorização aos sujeitos-crentes. É comum ouvir-se o “não tenho tempo”, “estou com pressa”, “tenho compromissos assumidos”, etc., além de, em muitos

casos, o “modus vivendi” do sujeito-representante estar muito acima da média de vida dos sujeitos-fiéis.

A não coerência entre o discurso e a práxis atinge seriamente a eficácia do Discurso Religioso católico, causando um êxodo de sujeitos-fiéis para outras denominações religiosas, nas quais é feito, ao menos, um trabalho mais intensivo de “sedução” e de fazer crer-querer-dever. A Igreja Católica forçosamente terá que se reciclar se quiser vencer esta guerra apologética, terá que clarificar o seu discurso religioso-teológico, para que os sujeitos-fiéis possam compreendê-lo; terá que repensar seus rituais religiosos, principalmente a missa, deixando o formalismo ritualístico de lado, permitindo uma participação ativa do sujeito-fiel.

O sujeito-representante necessariamente terá que se adaptar às exigências atuais de comunicação: não basta ter a idéia, tem-se que saber transmiti-la e, para isso, é preciso saber dominar, além do Discurso Religioso, o Discurso Pedagógico. Será preciso “saber-fazer” a “sedução” dos sujeitos-fiéis. O sujeito-representante deve saber tornar eficiente o Discurso Religioso, utilizando-o com a convicção e a competência de um mestre, fugindo da improvisação e tendo consciência de que os sujeitos-fiéis devem também ser educados, devem ter acesso à educação religiosa. Incompetente não educa ninguém e a realidade exige dos sujeitos-representantes qualidade dos seus serviços, a fim de garantir a eficácia daquela educação.

No Compêndio do Vaticano II podemos ler o seguinte:

“(…) Recebem os presbíteros de Deus a graça de serem Ministros de Cristo Jesus entre os povos, desempenhando o múnus sagrado de evangelizar, para que os povos se tornem oblação agradável, santificada no Espírito Santo. Pois é pela mensagem apostólica do

Evangelho que se conclama e congrega o Povo de Deus".¹⁹

A retórica do Discurso Religioso é a que se pode denominar de retórica da denegação, ou seja, a negação da negação, pois para afirmar o que é positivo, deve-se negar o negativo, ou seja, deve-se negar o sim pressuposto do homem ao pecado. A oração de São Francisco de Assis é um exemplo de como funciona a antítese no Discurso Religioso:

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz:

Onde houver ódio, que eu leve o amor;

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;

Onde houver discórdia, que eu leve a união;

Onde houver dúvida, que eu leve a fé;

Onde houver erro, que eu leve a verdade;

Onde houver desespero, que eu leve a esperança;

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais:

Consolar, que ser consolado;

Compreender, que ser compreendido;

Amar, que ser amado.

Pois é dando que se recebe,

é perdoando que se é perdoado,

e é morrendo que se vive para a

“ a) a de ser aplicação da mensagem ao hoje e aqui de nossas vidas;

b) a de ser ponte entre a liturgia da palavra e a liturgia eucarística ou sacramental”.²¹

- **Prédica** - discurso, homilia.

- **Parenética** - pregação cujo conteúdo está centralizado nas exigências da moral cristã.

- **Conferência Espiritual** - palestra; conversa pública; preleção pública, cujo conteúdo está voltado para um tema do ideário cristão.

Sermão - é um tipo de discurso composto segundo as regras da Retórica ou da Oratória, e proferido de forma solene, a partir do púlpito.

O sermão contém elementos reforçativos extra bíblicos e pode ser pronunciado de forma mais ardorosa que a homilia.

- **sermão dogmático** - o conteúdo centraliza-se nos dogmas da Igreja.

- **sermão moral** - fundamenta o conteúdo em tópicos da moral cristã.

- **sermão mistagógico ou mistérico** - centraliza a reflexão num mistério cristão, abordando o tema não somente no aspecto de simples instrução doutrinal, mas também de vida e experiência celebrativa;

- **sermão panegírico ou fúnebre** - o conteúdo centraliza-se no louvor a um Santo da Igreja Católica ou no elogio fúnebre a uma pessoa.

4 - PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO:

Vive-se, hoje, a comunicação total. A imprensa, o rádio, o cinema, a televisão, os computadores e a rede Internet modificaram a ação do homem no mundo, alterando o seu ambiente cultural. Pelos meios de comunicação, o homem apoderou-se do espaço e do tempo, perpetuando, por assim dizer, a sua existência, embora não física, entre os homens. A imagem e o som permitiu-nos a superação dos nossos meios naturais; por exemplo, uma imagem captada por uma filmadora e depois processada em laboratório é mais nítida e perfeita do que conseguiria captar e perceber nossos sentidos. A imagem nos transmite uma visão mais ampla do fato ocorrido do que se estivéssemos estado presentes ao acontecimento, dando-nos, assim, um olhar exato do fato.

A comunicação total gerou uma cultura de massa. A imagem e o som igualam os receptores, eliminando a diferença dos instrumentos intelectuais e culturais que prevalece nas mensagens verbais. Estamos em plena civilização de massa, que superou as elites culturais outrora redutos fechado, impenetráveis e elitistas, cuja base de poder estava centralizado na posse da informação e do saber.

A cultura de massa caracteriza-se, segundo Gutierrez, por três aspectos fundamentais:

“1 - A cultura de massa tende a, cada vez mais, ser popular e, portanto, a universalizar-se.

2 - Esta universalização está provocando uma nivelção entre os gostos culturais. Todas as camadas sociais recebem os mesmos produtos culturais; a imprensa, o cinema e os programas de TV estão à disposição de todos, sem distinção de classes sociais ou de níveis culturais.

3 - Contra os apocalípticos que temem pelo que chamam de cultura de massa (semicultura), convém ter sempre em mente que o que salvará os povos não é o

aprofundamento da cultura mas sim a sua universalização. Se pensarmos o que era a humanidade antes dos Meios de Comunicação Social, não poderemos deixar de saudar alvoroçadamente todas as técnicas que colocam à disposição de milhões e milhões de pessoas aquilo que lhes era vedado faz apenas alguns anos”.²²

A cultura de massa apresenta aspectos positivos e negativos: no aspecto positivo, destaca-se a democratização da informação: está cada vez mais difícil, esconder os fatos, a realidade. Os avanços da ciência são passados ao povo sob a forma de notícias, os fatos históricos são transformados em linguagem de cinema, ficando atraente o conhecimento. As pessoas são atualmente cidadãos do mundo, superamos os meios culturais, locais e ou nacionais, para uma cultura mundial. No aspecto negativo, destaca-se o surgimento de elites que se tornaram donas da comunicação. As grandes e modernas empresas de comunicação estão de posse das pessoas que, se não detêm o poder pelo saber, detém-no pelo capital e pela capacidade de manipular e filtrar a informação. Por isso, podemos afirmar que na cultura de massa o povo tem acesso às informações que lhe é permitido ter acesso.

A super exposição à imagem e ao som está levando as pessoas a perderem as diferenças temporais, não sabendo mais relacionar o passado com o presente e o presente com o futuro. A imagem está ajudando a insensibilizar o homem; de tanto ver uma realidade adversa injusta, ele acaba se “acostumando” com ela e achando-a normal e natural.

No século da comunicação de massa, corremos o risco da mais terrível incomunicação. Chegamos a saturar o mundo com uma hiperinformação - instantânea e universal - e, sem dúvida, nunca o homem sofreu tanto os efeitos da incomunicação. Contraditoriamente, na era das comunicações o homem não se comunica, no sentido

exato, o que pressupõe um ir ao encontro do outro. Vivemos, hoje, uma cultura individualista, egocêntrica, cultura esta também divulgada e estabelecida pelos meios de comunicação.

Essa realidade tem que ser mudada, e a mudança ainda passa pela educação, porque é através dela que se pode mudar consciências e comportamentos.

A educação deve proporcionar técnicas de aprendizagem, auto-expressão e participação.

As pessoas devem ser educadas no sentido de expressar suas idéias, seus valores, suas expectativas e anseios, no sentido da comunicação - de ir ao encontro do outro - possibilitando assim, juntas, mudarem as realidades negativas que negam a vida, promovendo o homem.

A Igreja, sendo também uma Instituição humana, presente no mundo, não está fora dessa realidade. Mais do que nunca, ela é intimada a promover a comunicação no sentido amplo, ou seja, promover uma nova concepção cultural fundamentada no estar junto, superando a tão disseminada ideologia do estar sobre, onde as pessoas são inducidas a se ver superiores às outras, a ver o outro não como um amigo, mas como um adversário, pronto a tomar o seu espaço. A cultura do estar junto cria laços de relações, de construções; o homem passa a ver valores no seu semelhante; passa a perceber o outro como alguém que pode contribuir na construção do novo. O estar junto fundamenta-se, principalmente, na expressão aberta, sem limites discricionários, e na liberdade.

5 - O DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO.

Ao tomarmos o Documento de Santo Domingo como base doutrinal das análises que faremos das homilias, fizemo-lo por se constituir ele nas diretrizes básicas para a ação pastoral e para a reflexão teológica da Igreja na América Latina. Isto não significa uma redução do magistério da Igreja para um único eixo de reflexão - Documento de Santo Domingo; não ignoramos a diversidade de escolas teológicas e da sua importância para a Igreja, limitamos a análise ao documento em questão por ser ele o resultado do repensar da práxis da Igreja na América Latina e por refletir em seu conteúdo toda a orientação da Igreja Universal, atualizando e adaptando essas orientações à nossa realidade de Igreja.

5.1 - As Conferências do Celam

A atual efervescência e busca de mudanças eclesial estão situadas no quadro mais amplo das transformações que o mundo sofreu a partir do século XIX e da resposta eclesiológica que se tem buscado aos desafios pastorais da "nova ordem" mundial que daí decorre.

Esta "nova ordem" exigiu o despertar da consciência da colegialidade episcopal, até porque os problemas e desafios pastorais extrapolaram as fronteiras das dioceses, das regiões, dos Estados e dos países, mundializando-se. Nasceu a consciência de que, para enfrentar os novos desafios, era necessário buscar um caminho pastoral comum. O Concílio Vaticano II é o resultado desse processo, é a busca da renovação eclesial para

melhor responder às exigências pastorais do mundo atual. Ele legitimou a forma das Conferências Episcopais em nível nacional, e a dos Conselhos mais amplos, em nível continental. Esses organismos existem em função de dar respostas adequadas à complexidade das questões pastorais.

A Conferência do Episcopado Latino-Americano - CELAM - é resultado desse processo. Cabe ao CELAM, como Conselho de nível continental, a coordenação da Igreja em nosso Continente. Por isso, a cada final de década é realizado um encontro geral do CELAM (encontro este que depende da autorização do Papa) com o objetivo de avaliar e repensar a caminhada da Igreja, determinando, assim novas diretrizes pastorais-evangelizadoras.

Desde a sua criação o CELAM já promoveu 4 conferências gerais. A primeira foi realizada na cidade do Rio de Janeiro, onde, na prática ocorreu a sua criação. A segunda conferência foi realizada na cidade de Medellín, na Colômbia, em 1968, logo após o Concílio Vaticano II, numa época em que a América Latina estava mergulhada no autoritarismo das ditaduras militares. O documento de Medellín foi fortemente influenciado pela Teologia da Libertação, e o seu conteúdo faz uma reflexão da face oculta do sistema de dominação: a exploração do homem e, conseqüentemente, a pobreza institucionalizada.

A terceira conferência foi realizada na cidade de Puebla - México, no período em que a América Latina politicamente estava no processo de transição de regimes autoritários para democráticos. O Documento de Puebla reflete em seu conteúdo a continuidade da prática eclesial, iniciada em Medellín, e o seu tema, "*A Evangelização no*

presente e no futuro da América Latina”, reflete a preocupação da Igreja Universal no final deste século.

A quarta conferência ocorreu na cidade de Santo Domingo e dela se originou o documento que analisaremos a seguir, antecedida de breve histórico da sua instalação e estruturação.

5.2 - SANTO DOMINGO - 1992

A década de 80 significa, globalmente, a complexificação da sociedade ocidental e a chegada ufânica da famosa "revolução tecnológica". A América Latina muda sua feição política, sai dos regimes militares e entra nos regimes de democracia-formal, o neoliberalismo "tupiniquim". Muda também a feição econômica: existe uma séria crise, com inflação alta e recessão gerando enormes bolsões de miséria em todo o continente.

É nesse quadro que acontece a preparação para a IV Assembléia do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo, 500 anos depois da conquista da "civilização" européia.

A preparação de Santo Domingo demonstrou que as diferenças de avaliação nos diversos níveis entre uma visão a partir da América Latina e outra a partir de Roma continuavam, mas dentro de outro contexto histórico. Ambos os lados convergem no fato de que os desafios dos anos 90 são diferentes daqueles dos anos 70, e que as respostas pastorais deverão ser mais complexas e pluralistas que nos anos 70. Santo Domingo tenta definir uma estratégia pastoral de continuidade com a tradição recente da América Latina,

mas atenta à nova conjuntura histórico-eclesial no mundo contemporâneo, mais planetário, mais pluralista, tanto cultural quanto religiosamente.

A longa preparação da Assembléia apresentou um ritmo inusitado de variação; cada etapa se esgotou sobre si mesma pela rejeição de uma das partes do processo. Ora eram as Conferências Episcopais que não acolhiam os documentos preparatórios propostos pelo CELAM ou pela CAL (Pontificia Comissão para a América Latina), ora era a CAL que não sintonizava com o documento proposto pelo CELAM, justo no momento em que este ia ao encontro das aspirações das Conferências Episcopais e das Igrejas na América Latina. Essa situação refletiu-se, inclusive na redação final do documento. Washington Uranga, no seu livro: **Para interpretar Santo Domingo**, afirma textualmente:

"Nem Maximino Arias Riyero, sacerdote espanhol radicado no Chile e designado pelo Vaticano entre os sacerdotes seculares, nem o sacerdote colombiano Octavio Ruiz, Oficial da Congregação para a Doutrina da Fé, nem o Pe. Josep-Ignasi Saranyana, homem da Opus Dei que integrou também a delegação da Santa Sé, tinham funções diretas em relação à redação do documento. Entretanto, Arias Riyero "entrou" e "saiu" de cada um dos rascunhos e fiscalizou os redatores, sendo os olhos e ouvidos do secretário Jorge Medina. Ruiz, o colaborador de Ratzinger em Roma, terminou redigindo a versão final da cristologia e Saranyana, espanhol de nacionalidade, foi o encarregado de redigir a última elaboração da parte histórica".²³

Essa situação mostra as lutas ideológicas travadas na IV Conferência, lutas estas travada no âmbito do realinhamento, da espiritualização e da doutrina.

a - Realinhamento.

De um lado, os mentores da conferência iam numa direção diversa das preocupações de um significativo número de participantes da Assembléia, provocando

Essas lutas ideológicas podem levar ao reforço de velhas práticas e idéias, há o perigo de alimentar o velho triunfalismo eclesiástico, de uma Igreja preocupada consigo mesma, autocentrada. Há o perigo de alimentar e reforçar ainda mais a auto-suficiência da hierarquia em relação aos leigos e aos problemas do mundo atual.

5.2.1 - A História da Conferência de Santo Domingo

Em 1983, durante a 19ª assembléia do CELAM, realizada no Haiti, surgiu a necessidade da IV Conferência com o objetivo de avaliar os 10 primeiros anos de Puebla e os 20 primeiros anos de Medellín.

Em 1984, motivado pela comemoração do V Centenário da Evangelização da América Latina, surgiu no CELAM a idéia de pedir ao Papa a realização de uma IV Conferência como momento central de tal acontecimento.

Estas conferências, juridicamente cabem ao Papa aprovar a sua celebração, determinar o tema da reflexão, convocar a assembléia e aprovar suas conclusões; o Papa a exemplo do ocorrido anteriormente - Medellín e Puebla -, encarregou o CELAM da preparação da IV Conferência.

Em 1985, o CELAM consultou e obteve o beneplácito dos presidentes das conferências episcopais para levar adiante a iniciativa.

Em 1987, a idéia da IV Conferência foi amadurecida e aprofundada na XXI Assembléia Ordinária de Ypacaraí - Paraguai. No mês de maio, a presidência do CELAM consultou verbalmente o Papa sobre esta idéia, recebendo, então, sua aprovação e as

primeiras sugestões. Ainda em maio, o CELAM escreveu à Congregação para os Bispos sugerindo a convocatória da IV Conferência. Em julho, o Cardeal Bernadim Gantim pediu ao CELAM sugestões sobre a temática e o possível lugar da celebração.

Em 1988, começam as etapas preparatórias da IV Conferência, essas etapas que contaram com todo o esforço do CELAM, mas que, por fatores os mais diversos e adversos (posicionamentos ideológicos, doutrinários e pastorais divergentes), sofreram forte descontinuidade. Cada documento, fruto de consultas, elaborações, praticamente desconhecia ou anulava o anterior.

O primeiro texto preparatório foi instrumento de compilação e contribuições", o segundo "**A primeira aproximação à realidade do continente latino-americano**", publicado em 1989, foi trabalho de circulação interna na Igreja, não colocado à disposição do grande público.

Em 1990, o CELAM publicou o texto "Elementos Para uma Reflexão Pastoral em Preparação à IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, com o tema: **Uma nova evangelização em uma nova cultura**. Este trabalho sofreu severas críticas da parte do episcopado, de teólogos e pastoralistas. No dia 12 de dezembro de 1990, o Papa determinou o tema definitivo da IV Conferência: **Nova Evangelização, promoção humana, cultura cristã**, com o lema evangelizador **Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre**.

Em 1991, o CELAM faz nova publicação, adaptando conteúdos anteriores ao tema definido pelo Papa, em 1990. Trata-se do documento de consulta, com o título **Nova Evangelização, promoção humana, cultura cristã**, que foi entregue às conferências episcopais, em Buenos Aires, em abril de 1991, durante a XXIII Assembléia Ordinária do CELAM, sendo fixado o prazo de até 15 de novembro para o envio, ao

CELAM, das contribuições das conferências episcopais. Esse documento sofreu também severas críticas.

D. Raimundo Damasceno Assis, o novo secretário geral do CELAM, observando que as colaborações vindas de bispos, conferências episcopais e teólogos não estavam sendo devidamente acolhidas, reuniu uma equipe de teólogos que elaborou dois importantes textos: **PRIMA RELATIO** - documento interno (114 páginas) que resume todo o processo de preparação da IV Conferência até o aparecimento do documento de consulta (abril de 1991). A Prima Relatio foi elaborada em outubro de 1991 - **A SECUNDA RELATIO** - documento interno (200 páginas), é o resultado do processo de reflexão que se realizou nas igrejas e em outros organismos eclesiais da América Latina.

O “**secunda relatio**” consta de três partes:

- 1ª - visão pastoral da realidade - história da evangelização na América Latina; realidade social latino-americana; realidade eclesial latino-americana;
- 2ª - iluminação teológico-pastoral;
- 3ª - opções e linhas pastorais .

Esses documentos foram enviados apenas aos secretários gerais das conferências episcopais. Da Secunda Relatio foi elaborado o "documento de trabalho" que, aprovado por Roma , se tornou o texto oficial de preparação para a IV Conferência. Esse documento demorou muito para chegar aos bispos que iriam participar de Santo Domingo e, em alguns países, foi recebido poucos dias antes da abertura oficial de Santo Domingo.

O texto final de Santo Domingo apresenta três coordenadas da nova evangelização: Cristologia, Eclesiologia e Antropologia. É a trilogia já trabalhada em Puebla. O texto reafirma as opções fundamentais de Medellín e Puebla, porém apresenta

lacunas, por exemplo, a falta da elaboração histórica dos pontos positivos e negativos dos 500 anos de evangelização nas Américas.

5.2.2 - O documento de Santo Domingo.

A parte nº2 - **Nos 500 anos da primeira evangelização** - traz uma reflexão sobre os 500 anos de evangelização no continente americano, destacam-se os prós e os contras desta evangelização que culmina com um pedido de perdão aos negros, o mesmo não acontecendo em relação aos índios.

5.2.2.1 - A Nova Evangelização.

O desafio da nova evangelização é o mundo moderno, que se secularizou deixando de lado os valores religiosos. Mas este mundo secularizado está em crise, que revela na medida em que há nos homens uma busca cada vez maior de valores espirituais, uma busca que, muitas vezes, deixa de lado as verdades doutrinárias do cristianismo, obrigando a Igreja a despertar sua tarefa missionária.

O conteúdo da nova evangelização é Jesus Cristo²⁴, morto e ressuscitado, e seu reino. É preciso retomar a fé cristã, que a secularizada cultura moderna ignora. O principal destinatário da nova evangelização são os batizados não evangelizados, mas ela deve atingir também os cristãos não praticantes, os fiéis praticantes e os pagãos.

"O sujeito da nova evangelização é toda a comunidade eclesial".²⁵

"A nova evangelização tem como finalidade formar pessoas e comunidades maduras na fé e dar respostas à nova situação que vivemos, provocadas pelas mudanças sociais e culturais da modernidade. Nossa situação está marcada pelo materialismo, a cultura da morte, a invasão das seitas e propostas religiosas de diversas origens.

Esta situação nova traz consigo também novos valores, a ânsia da solidariedade, de justiça, a busca religiosa e a superação de ideologias totalizantes.

Destinatários da nova evangelização são também as classes médias, os grupos, as populações, os ambientes de vida e de trabalho, marcados pela ciência, pela técnica e pelos meios de comunicação social".²⁶

A nova evangelização não terá sucesso se não houver *"um laicato, bem estruturado com uma formação permanente, maduro e comprometido"*.²⁷ Por isso se insiste na importância do leigo, que este desempenhe sua missão no âmbito social, não se reduzindo somente ao eclesial.

"Evitar que os leigos reduzam sua ação ao âmbito intra-eclesial, impulsionando-os a penetrar os ambientes sócio-culturais e a serem eles os protagonistas da transformação da sociedade à luz do evangelho e da doutrina social da igreja."²⁸

5.2.2.2 - A Promoção Humana.

O tema central deste capítulo é a continuidade da opção pelos pobres, colocando, assim, Santo Domingo em consonância com Medellín e Puebla.

Levando em conta as mudanças sociais efetuadas na América Latina e no Caribe, Santo Domingo define os pobres dos anos 90 como os *excluídos*; em Medellín eles são definidos como *sub-desenvolvidos e oprimidos*; em Puebla, *explorado e lutador*.

5.2.2.3 - Nova Evangelização.

A nova evangelização deve privilegiar a promoção humana, segundo a doutrina social da igreja; promover o homem é tirá-lo de condições menos humanas para condições mais humanas, fundamentado nos valores evangélicos.

Violar os direitos humanos é violar o plano de Deus. Na América Latina e no Caribe, eles são violados de várias formas:

- pelo terrorismo;
- pela repressão;
- pelos assassinatos;
- pela existência de condições de extrema pobreza;
- pelas estruturas econômicas injustas, causadora das desigualdades;
- pela intolerância política;
- pelo indiferentismo diante da pobreza;
- pelo desprezo da vida humana;
- pela violência contra os direitos das crianças;
- pela violência contra os direitos da mulher;
- pela violência contra os direitos dos camponeses;
- pela violência contra os direitos dos indígenas;
- pela violência contra os direitos das comunidades afro-americanas;
- pelo narcotráfico;

Essas formas de violações são desafios pastorais que exigem da igreja o compromisso pastoral de:

- promover de forma mais eficaz e corajosa os direitos humanos, a partir do evangelho e da doutrina social da igreja;
- comprometer-se na defesa dos direitos individuais e sociais do homem, dos povos, das culturas e dos setores marginalizados como dos desprotegidos e encarcerados;
- comprometer-se com a defesa da vida ;
- participar de organismos de diálogos e instituições de apoio às diversas classes de vítimas (o documento faz uma exigência: desde que esses órgãos e instituições não tenham uma ideologia que seja incompatível com a doutrina social da igreja);
- empenhar-se, à luz dos valores evangélicos, na superação de toda injusta discriminação;
- procurar eliminar o ódio, o ressentimento e a vingança;
- promover a reconciliação e a justiça.

5.2.2.4 - Ecologia.

O documento faz uma análise da situação ecológica da América Latina e do Caribe e retoma o conceito da ONU de *desenvolvimento sustentado* como a saída do problema , mas questiona com firmeza - "*quem paga os custos de tal desenvolvimento e, a quem se destina seus benefícios? Não pode ser um desenvolvimento que privilegie minorias em detrimento das grandes majorias empobrecidas do mundo*". ²⁹

As soluções pastorais apontadas para esta questão são:

- reeducação de todos para o problema da ecologia;
- cultivar uma espiritualidade que recupere o sentido de Deus sempre presente na natureza;
- valorizar a sabedoria dos povos indígenas no manejo com a natureza;
- aprender com os pobres a capacidade da partilha e da sobriedade de vida;
- levar os cristãos a assumir o diálogo com o norte através dos canais da igreja católica.

5.2.2.5 - A Terra.

Ao analisar a questão da terra na América Latina e no Caribe, os bispos a fazem a partir de três visões, as quais são distintas:

a - visão indígena - há um respeito natural pela terra, a qual é percebida como a "mãe" que alimenta seus filhos, por isso o cuidado em preservá-la e não matá-la;

b - visão mercantilista - considera a terra a partir de uma relação exploração=lucro. Essa relação gera a especulação do solo, marginalizando aqueles que não possuem poder aquisitivo para adquirir terra;

c - visão cristã - a mentalidade cristã fundamenta-se na sagrada escritura, que considera a terra e os elementos da natureza como instrumentos de salvação e aliados do povo de Deus.

*“A situação da apropriação, administração e utilização da terra na América Latina e no Caribe é um dos apelos mais urgentes à promoção humana”.*³⁰

Pastoralmente, a Igreja deve promover uma mudança da mentalidade sobre o valor da terra, fundamentada na visão cristã; lembrar aos leigos que eles devem influir nas políticas agrárias dos governos e nas organizações de camponeses e indígenas; favorecer uma reflexão teológica sobre a terra.

5.2.2.6 - Empobrecimento e Solidariedade.

*“O crescente empobrecimento a que estão submetidos milhões de irmãos nossos que chega a intoleráveis extremos de miséria, é o mais devastador e humilhante flagelo que vive a América Latina e Caribe. Assim denunciemos tanto em Medellín como em Puebla e hoje voltamos a fazê-lo com a preocupação e angústia”.*³¹

Partindo desta constatação os bispos reconhecem a necessidade de aumentar a lista dos "rostos sofridos", iniciada no documento de Puebla.

- *rostos desfigurados pela fome* - conseqüência da inflação, da dívida externa e das injustiças sociais;
- *rostos desiludidos pelos políticos* - que não cumprem suas promessas de campanhas;
- *rostos humilhados* por sua própria cultura - que não é respeitada;
- *rostos angustiados* dos menores abandonados;
- *rostos sofridos das mulheres* humilhadas e desprezadas;

- *rostos cansados dos migrantes* que não encontram digna acolhida;
- *rostos envelhecidos* pelo tempo e pelo trabalho dos que não têm o mínimo para sobreviver dignamente.

Essa situação de crescente pobreza da América Latina e do Caribe é algo que desafia todos os cristãos, desafio que impulsiona a uma busca da raiz dos problemas para tentar combatê-los. O documento levanta algumas causas desta situação: - a política neoliberal; mudanças para pior da legislação trabalhista; o desemprego; a redução dos gastos sociais, que protegiam as famílias dos trabalhadores, e propõe linhas pastorais que devem ser adotadas pela Igreja na América Latina e no Caribe:

- a opção pelos pobres passa a ser considerada não apenas como uma prioridade pastoral, mas como uma luz ou perspectivas que há de perpassar todas as outras prioridades;

- é preciso "privilegiar o serviço fraterno aos mais pobres entre os pobres e ajudar as instituições que cuidam deles";

- corrigir, as atitudes e comportamentos pessoais e comunitários, as estruturas e os métodos pastorais, objetivando a solidariedade entre os pobres;

- "promover a participação social junto ao Estado, pleiteando leis que defendam o direito dos pobres";

- fazer de nossas paróquias um espaço para a solidariedade.

5.2.2.7 - O Trabalho.

O documento constata a situação precária do trabalhador da América Latina e Caribe, tais como a deterioração da condição de vida do trabalhador, desrespeito aos seus direitos, a perda da autonomia das organizações trabalhistas, o desemprego e a insegurança econômica e social. E aponta linhas pastorais que passam pelo fortalecimento da pastoral do trabalho, apoio às organizações "próprias dos homens do trabalho" e favorecimento da formação de trabalhadores, empresários e governantes, propiciando espaços de encontro e mútua colaboração.

5.2.2.8 - A Política.

O documento afirma com ênfase, que a Igreja respeita a autonomia da ordem temporal, e que não adota um modelo específico de regime político, mas que encara com simpatia o sistema da democracia.

Ao analisar a ordem política na América Latina e no Caribe, constata que a situação política, em alguns países, vem se deteriorando por causa da corrupção administrativa, do distanciamento dos políticos do povo e das suas necessidades, governos eleitos pelo povo que não primam pelo bem-comum, o populismo, o clientilismo político e a pouca participação política do povo.

As linhas pastorais apontadas passam pela formação e reeducação política do povo, formados a partir da doutrina social da igreja, resgatando, assim os valores de

responsabilidade, corresponsabilidade, participação , respeito da dignidade das pessoas, diálogo e bem comum.

5.2.2.9 - A Economia.

Analisando a ordem econômica da América Latina e do Caribe, destaca-se o "flagelo da inflação", o déficit fiscal, a dívida externa , a desordem monetária e a corrupção como causas do empobrecimento do povo e o distanciamento crescente entre ricos e pobres, e a difusão de uma "mentalidade e um estilo de vida consumista e egoísta, amplamente divulgados pelos meios de comunicação social", causas que geram impedimentos de uma organização social mais justa e digna.

A proposta pastoral é no sentido de que seja criada uma economia solidária, que propicie uma melhor comunhão e participação dos bens. A preocupação do documento é essencialmente ética e não técnica. Por isso, a resposta é fortalecer cada vez mais a integração latino-americana, como meio de se responder ao desafio da formação de grandes blocos econômicos que ameaçam deixar isolado a todo o continente

5.2.2.10 - A Família.

Este tema é bastante valorizado no documento. Constata-se a ameaça de destruição que paira sobre a família a partir das "uniões consensuais livres", os divórcios,

os abortos , a mentalidade laicizante divulgados pelos meios de comunicação social, a imaturidade psicológica e as causas sócio-econômicas e políticas que quebram os valores morais e éticos e a cultura da morte que se propaga em toda a América Latina e o Caribe.

Por cultura da morte entenda-se:

- o egoísmo;
- o medo ao sacrifício e às dificuldades da vida moderna, gera uma rejeição dos filhos que passam a ser percebidos na família como um incômodo;
- a distribuição massiva de anticoncepcionais, em sua maioria abortivos;
- os programas de esterilizações femininas massivas;
- os abortos;
- a guerrilha;
- o seqüestro;
- o terrorismo;
- o narcotráfico;
- a eutanásia pré-natal que elimina crianças recém-nascidas;
- a eutanásia de anciãos e enfermos classificados como inúteis, defeituosos ou carga para a sociedade;
- o crescimento dos menores abandonados e a prática de extermínio utilizada em alguns países;
- o comércio de meninos e meninas;
- os tráficos de órgãos.

Pastoralmente, a Igreja propõe a prioridade da pastoral familiar na igreja diocesana e que esta pastoral não deva se limitar a uma atitude meramente protetora; ela deve ser

previsora, denunciando as violações contra a justiça e a dignidade da família e promovendo a solidariedade.

A pastoral familiar deve investir na formação dos futuros cônjuges e no acompanhamento deles, principalmente nos primeiros anos de sua vida matrimonial. Deve condenar e rejeitar qualquer iniciativa das autoridades constituídas em favor da anticoncepção, da eutanásia, da esterilização e do aborto provocado. Deve difundir os métodos naturais de planejamento e elaborar manuais de educação para a sexualidade e o amor dirigidos a crianças, adolescentes e jovens. Deve fortalecer a vida da Igreja e da sociedade a partir da família, promovendo a catequese familiar, a oração no lar, a eucaristia e a participação nos sacramentos.

5.2.2.11 - A Cultura Cristã.

A inculturação é exatamente o tema original da IV Conferência do CELAM. A ela é dedicado todo o Capítulo III. Enfatiza-se que a realidade cultural do Continente não é só latina, mas multiétnica e pluricultural, destacando-se as culturas indígenas e afro-americanas. Daí os bispos chamarem a atenção para as vocações sacerdotais indígenas e afro-americanas, merecedoras de uma formação adequada à sua realidade cultural, promovendo uma inculturação da liturgia, respeitando e aceitando seus símbolos, *"ritos e expressões religiosas compatíveis com o sentido da fé, mantendo o valor dos símbolos universais e em harmonia com a disciplina geral da igreja"*.³²

A inculturação do evangelho deve enfrentar a questão das culturas específicas, como também a cultura moderna, que se caracteriza pela centralidade do homem, pelos valores da personalização, da dimensão social e da convivência e pela absolutização da razão, que tem proporcionado ao homem inúmeras conquistas no campo científico, tecnológico e da informática. Essa conquista tornou o homem auto-suficiente, levando-o a privilegiar a ordem temporal em detrimento da espiritual.

As relações inter-pessoais nas zonas urbanas se tornam funcionais e as relações com Deus atravessam uma grande crise.

*“O homem urbano confia na ciência e na tecnologia; é influenciado pelos grandes meios de comunicação social; é dinâmico e projetado em direção do novo; consumista, audiovisual, anônimo na massa e dessaraigado”.*³³

Diante dessa realidade, é proposto "reprogramar a paróquia urbana", por ser ela o ponto de concentração dos conflitos que trazem o encontro *fé/cultura moderna*. Ela é ponto de cruzamento entre as estruturas maiores da diocese e dos movimentos e as estruturas menores dos grupos e comunidades de base. É preciso promover e incentivar a evangelização dos grupos de influência e dos responsáveis da cidade.

5.2.2.12 - Meios de Comunicação.

A mídia é, ao mesmo tempo, efeito e fator de modernidade. Ela pode não gerar ou determinar a cultura urbano-moderna, mas pelo menos a modela.

"O crescimento de grupos econômicos e políticos que concentram cada vez mais em poucas mãos e com

enorme poder a propriedade dos diferentes meios e chegam a manipular a comunicação, impondo uma cultura que estimula o hedonismo e o consumismo e atropela nossas culturas com os seus valores e identidades.

- Vemos como a publicidade freqüentemente introduz falsas expectativas e cria necessidades fictícias; vemos também como especialmente na programação televisiva sobejam a violência e a pornografia que penetram agressivamente no seio das famílias".³⁴

A Igreja faz sua autocrítica com relação ao mundo da comunicação . Sabe do uso intensivo e extensivo dos meios de comunicação pelas seitas e reconhece que a presença da Igreja nos meios de comunicação ainda é insuficiente e inepto.

Pastoralmente, o documento sugere:

- apoiar e estimular os grupos e pessoas que utilizam a mídia com o objetivo de defender a identidade cultural;
- esforçar-se para que a Igreja tenha seus próprios meios de comunicação;
- ajudar a discernir e orientar as políticas e estratégias da comunicação, que devem encaminhar-se a criar condições para o encontro entre as pessoas;
- apoiar os profissionais católicos da comunicação;
- empenhar-se na formação técnica, doutrinal e moral de todos os agentes de pastoral que trabalham em e com os meios de comunicação social;
- que as Universidades Católicas ofereçam formação do melhor nível humano, acadêmico e profissional na área de comunicação social;
- que nos seminários e casas de formação se garanta uma preparação adequada nas linguagens e técnicas de comunicação;

5.3 - BREVE REFLEXÃO SOBRE O DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO.

5.3.1. Unidade.

O documento deixa transparecer uma falta de integração entre os temas abordados - nova evangelização, promoção humana e cultura cristã. Na nossa opinião, isso se deve à ausência de uma reflexão clara e efetiva (falta a análise de conteúdo de cada um dos três temas) das relações que existem entre promoção humana e cultura cristã e o desafio que resulta daí, chamado de nova evangelização. No capítulo que trata da nova evangelização, o documento tem a preocupação de explicar porque a evangelização deve ser nova, mas não deixa claro o que é evangelização efetivamente. O capítulo sobre a promoção humana é iniciado com a citação de cinco documentos do magistério universal (um conciliar: *Gaudium et Spes* e quatro pontifícios: *Evangelii Nuntiandi*, *Redemptoris Missio*, *Sollicitudo Rei Socialis* e *Centesimus Annus*) para refletir um tema sobre o qual a Igreja latino-americana tem trabalhado muito. Sem negar a validade dos textos citados, cabe perguntar por que não se usaram os documentos e testemunhos do magistério episcopal latino-americano? Será que essa omissão não compromete a atualidade e o vigor pastoral do documento em relação à Igreja da América-Latina e do Caribe?

No capítulo sobre "cultura cristã", nota-se a ausência da definição do termo cultura, o que não deixa de comprometer o capítulo.

5.3.2. Cristologia.

A evangelização no documento é identificada por "anúncio" (faz-se uso 21 vezes do substantivo "anúncio", e 27 vezes do verbo "anunciar"). Em várias partes do documento explicita-se que se trata do "primeiro anúncio", de "anúncio querigmático" de "anúncio missionário".

O conceito de querigma é típico do Novo Testamento; portanto, se o documento quisesse estar em sintonia com o Novo Testamento, a sua cristologia deveria ser querigmática, a exemplo da Igreja dos primórdios, que apresentava Jesus Cristo a partir da situação de vida dos ouvintes.

Santo Domingo apresenta um Jesus Cristo que sacia a fome da multidão, cura os enfermos, pratica o bem, em síntese, apresenta-se o Cristo da fé, o Cristo da segunda geração cristã, esquecendo, assim, o Cristo histórico.

Na nossa opinião, não podemos ignorar o Cristo histórico na evangelização do Continente. A maior riqueza do cristianismo é ter um Deus encarnado que se fez homem para mostrar aos homens o caminho da superação do desumano do pecado. Cristo foi um ser humano por excelência, que não se deixou contaminar por nenhuma violência e desumanidade. Esse é o maior magistério de Cristo.

Ao ignorar o Cristo histórico, o documento apresenta uma cristologia abstrata, que ignora a prática de Jesus Cristo (sempre próximo do povo, especialmente dos mais necessitados e dos excluídos do seu tempo histórico).

A cristologia presente em Santo Domingo favorece "esquecer" o contexto sócio-cultural, a prática histórica e eclesial, a experiência pastoral das Igrejas da América-Latina

e o seu testemunho de Jesus Cristo, que sempre foi dado a partir do sofrimento e da contradição da cruz, cruz que é morte e vida, que representa a fidelidade de Cristo à sua missão e que é ressurreição, a qual só pode ser compreendida como coroamento de uma vida de doação e solidariedade com os injustiçados, doentes, pobres, marginalizados... Jesus Cristo promove o ser humano somente à medida que o recria como novo homem e o liberta da condição original do pecado. Esta deve ser a boa nova a ser anunciada aos homens contemporâneos.

O Documento de Santo Domingo constitui-se na orientação doutrinal-pastoral para a Igreja de toda a América Latina. Ele é fruto de uma auto-análise da pastoral e evangelização da Igreja no Continente e se constitui no atualizar e sintonizar-se com a Igreja Universal, procurando adaptar-se à realidade latino-americana, às orientações pastorais e doutrinárias emanadas de Roma. Por isso fizemos uma análise sintética da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Santo Domingo, e documento final dessa Conferência, por entendermos ser ele o norteador de toda a ação evangelizadora da Igreja na América Latina.

Este Capítulo é a sustentação científica da pesquisa que desenvolvemos, pois a análise das homilias coletadas está respaldada nos itens aqui desenvolvidos.

NOTAS

- 01 - PIO XII, Papa. Sacra Virginitas. Paulinas, São Paulo, p. 23.
- 02 - Congregação Para a Educação Católica. Orientações Para a Formação dos Sacerdotes Acerca dos Instrumentos da Comunicação Social. Paulinas, São Paulo, 1987, p. 38.
- 03 - AMARAL, Luís Henrique; CHARANEK, Samy. Apenas 20% dos católicos vão à Igreja. Folha de São Paulo, cad. 1, p. 10, 18-04-96.
- 04 - Ibid. cad. 1, p. 10, 18-04-96.
- 05 - Sínodo da Arquidiocese de Curitiba. Marco da Realidade. Curitiba, Educa, 1988, p. 12.
- 06 - Congregação Para a Educação Católica. Orientações Para a... p.31.
- 07 - CNBB. Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil - diretrizes básicas. Paulinas, 1995, p. 88.
- 08 - STUDIUM THEOLOGICUM. Programa dos Cursos e Calendário Escolar - 1995. Ed. Universitária Champagnat, Curitiba, p. 7.
1996. 09 - Ibid. p. 44.
- 10 - Ibid. p. 45.
- 11 - Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações - Sacrosantum Concilium: sobre a sagrada liturgia. 8ª ed., Petrópolis, Vozes, 1968, p. 261.
- 12 - ORLANDI, Eni Pulcinelli. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 2ª ed., Campinas, Pontes, 1987. p. 242.

- 13 - Ibid. p. 248.
- 14 - LAPOUGE, Gilles. Pecado e Culpa no Ocidente. Jornal o Estado de São Paulo, suplemento cultural, ano 3, nº 196, p. 2-4, 11-03-1984.
- 15 - Ibid. p. 2-4.
- 16 - Ibid. p. 2-4.
- 17 - Ibid. p. 2-4.
- 18 - CNBB. Com Deus me Deito com Deus me Levanto: Orações da Religiosidade Popular Católica. Paulinas, 1979, p. 27.
- 19 - Compêndio do Vaticano II : Constituições, Decretos, Declarações - Presbyterorum Ordinis: Sobre o Ministério e a Vida dos Presbíteros. 8ª ed., Petrópolis, Vozes, 1968. p. 441.
- 20 - ORLANDI, A linguagem e seu funcionamento..., p. 260.
- 21 - CELAM. A Homilia. Que é? Como se prepara? Como se apresenta? São Paulo, Paulinas, 1983, pág. 14.
- 22 - GUTIERREZ, Francisco. Linguagem total uma pedagogia dos meios de comunicação. São Paulo, Summus, 1978, pág. 20.
- 23 - BOFF, Clodovis. “O ‘Evangelho’ de Santo domingo: os 10 temas - eixo do Documento da IV CELAM?”. REB, Petrópolis, OSM, vol. 53, fasc. 212, p.805, dezembro de 93.
- 24 - CELAM, “IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Documento de Santo Domingo: Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã”. 4ª ed., Petrópolis, Vozes, 1993, p. 46.

25 - Ibid. p. 45.

26 - Ibid. p. 46.

27 - Ibid. p. 73.

28 - Ibid. p. 70.

29 - Ibid. p. 95.

30 - Ibid. p. 98.

31 - Ibid. p. 100.

32 - Ibid. p. 123.

33 - Ibid. p. 127.

34 - Ibid. p. 134.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA DA PESQUISA.

O Sínodo é a legítima reunião dos clérigos pertencentes de algum modo à Arquidiocese, convocados pelo Bispo para tratar das necessidades particulares do clero e do povo.

Tomamos o resultado final do Sínodo da Arquidiocese de Curitiba como base da nossa reflexão por se constituir em documento oficial da Igreja, cujo conteúdo expressa a reflexão que a Arquidiocese realizou sobre a sua ação evangelizadora.

1 - O SÍNODO ARQUIDIOCESANO.

A realização do **SÍNODO DA ARQUIDIOCESE DE CURITIBA**, no período de outubro de 1988 a abril de 1992, com o objetivo de dar “uma resposta ao apelo do Papa João Paulo II para uma nova evangelização na celebração dos 500 anos de Evangelização da América Latina, em 1992, e de celebrar o centenário da fundação da Diocese de Curitiba, (...) lembrando a caminhada de fé dos nossos antepassados”,¹ aproveita, assim, a comemoração do centenário de fundação da Arquidiocese para refletir

sobre a sua ação pastoral, o que proporcionou um bom material de análise para o presente trabalho.

O tema do Sínodo foi **Igreja , Comunhão e Participação**, com o lema : **É tempo de ser igreja, caminhar juntos e participar**. O Sínodo foi um momento forte na vida da Arquidiocese, pois proporcionou uma reflexão sobre a sua ação pastoral e sua maneira de ser Igreja. Toda reflexão evidencia a realidade, que é constituída de idéias, ações e comportamentos divergentes, e o resultado da reflexão do Sínodo não fugiu a essa regra. Como foi constatado no documento - **Marco da Realidade** - (um dos documentos sinodal)

*“ a Arquidiocese é composta de muitas forças que às vezes convergem e às vezes caminham paralelamente e até, às vezes, em caminhos divergentes. É necessário unir todas essas forças para viver em comunhão e dar impulso à sua missão ”.*²

O Sínodo Arquidiocesano chegou a algumas constatações, que são pertinentes a esta dissertação, motivo pelo qual as apresentamos a seguir.

A Coordenação do Sínodo enviou ao clero da Arquidiocese um questionário sobre o exercício do magistério presbiteral para ser respondido e dos 380 enviados (380 é o número de presbíteros na Arquidiocese) apenas 137 retornaram. Esse baixo índice de retorno originou um questionamento na Coordenação do Sínodo: se for verdadeira a hipótese de que cerca de 2/3 não responderam por desinteresse pelos assuntos comunitários, e ou um espírito mais clericlarista-centralizador, então seria de se esperar que certas respostas ‘negativas’, contrárias ao espírito do Sínodo, ocorressem em percentagens muito mais elevadas. Isso sem examinarmos outras hipóteses mais

desalentadoras, tais como desencanto com o sacerdócio, ou mesmo a Igreja e sua ação evangelizadora.³

O Sínodo destacou que, sobre a função da Igreja, uma parcela considerável do clero demonstrou uma visão por demais estreita, restringindo a atividade da Igreja a aspectos meramente espiritual-religiosos, ignorando a realidade humana .

Em relação à pastoral, uma parcela mínima do clero tem uma compreensão correta sobre a evangelização; a outra parte relaciona os evangelhos somente à realidade espiritual, realizando uma pastoral que privilegia somente um aspecto das necessidades humanas, ficando assim incompleta.

Foi possível constatar no clero a vontade de avaliar a ação pastoral, de envolver os leigos na pastoral e partilhá-la com eles. Mas, ao mesmo tempo, verificamos uma ambigüidade em relação a tudo isso, pois o modelo de pastoral expresso por uma maioria é ambíguo, genérico e abstrato.

A opinião do clero sobre a Arquidiocese também revela alta dose de ambigüidade. A rigor, foram emitidas 78 opiniões positivas e 116 negativas, motivo pelo qual podemos perceber, mesmo, um desinteresse generalizado pelas questões levantadas.

Outros itens revelam um número de opiniões negativas bem maior que as positivas, principalmente se levarmos em conta o grande número de respostas em branco, pois é de supormos que não tendemos a emitir respostas quando estamos satisfeitos com um governo ou administração.⁴

Sobre o Centro de Pastoral, a opinião do clero não é positiva. Dos que responderam o questionário, 27% achou positiva a atuação do Centro, 16% nada

respondeu e 57% a achou negativa, taxando-o de centralizador, fora da realidade e burocrático.

Quanto à comunicação entre as paróquias e seus setores pastorais, constatamos a existência de uma política da boa vizinhança, sem maiores envolvimento e comprometimentos, sem projetos e atividades conjuntas.

O Sínodo afirma que não há boas relações humanas entre os presbíteros como um todo.⁵

Dentre as questões abordadas e sugestões enviadas, destacam-se:

- a criação de uma associação de presbíteros;
- a ajuda mútua para se vivenciar o celibato;
- o celibato deve ser optativo e não imposto;
- sobre a vida eucarística, a maioria respondeu que está satisfeita com ela;
- sobre o padre idoso, a maioria do clero concorda que **o padre idoso atrapalha**.

Sobre as comunidades religiosas inseridas na Arquidiocese o Sínodo afirma que os motivos que as levaram a fixar-se na Arquidiocese, revelam os comportamentos pastorais que, geralmente, são conservadores e independentes, criando, assim, dificuldades para a implantação de uma pastoral de conjunto.

O Sínodo chega a uma constatação que não é muito animadora:

*“isto pode significar que as comunidades religiosas pouco contribuíram - ou até dificultaram - para o avanço de uma pastoral renovada, segundo os Planos e Diretrizes Gerais da CNBB”.*⁶

Apesar dessa constatação, percebe-se, porém, uma mudança na área de atuação da comunidade religiosa, no trabalho paroquial: existe um expressivo número de

religiosos(as) que priorizam o trabalho com as comunidades eclesiais de base e pastorais específicas (Pastoral da Terra, Pastoral do Menor Carente, Pastoral dos Sem Teto...). Na área da Educação a preocupação dominante é com “*a formação da consciência crítica para a transformação das estruturas*”.⁷ Na área da saúde, fica evidente a preocupação com os empobrecidos e com a saúde preventiva.

Percebe-se uma inquietação crescente nas comunidades religiosas de um engajamento pastoral que priorize a promoção humana e a opção pelos pobres. Um dado importante: a grande maioria das comunidades religiosas atua na periferia de Curitiba.

A pesquisa revelou uma riqueza de serviços prestados à Arquidiocese pelas comunidades religiosas, como: as diversificações de atividades pastorais; a abertura à participação dos leigos; a forte opção pastoral a serviço dos pobres e o envolvimento com organizações populares.

O Sínodo traça um perfil do leigo na Arquidiocese. A opinião deles sobre a Igreja é a de que a sua missão não é exclusivamente espiritual, mas que ela não deve intervir na vida política, que deve empenhar-se para melhorar as condições de vida das pessoas. Os leigos acham que a sua função na Igreja é tão importante quanto a dos presbíteros e que ser batizado significa participar da comunidade religiosa, observando os mandamentos vivendo a fé cristã em uma comunidade e sustentando o seu Vigário, pois ele deve viver do dízimo. Sobre os sacerdotes, a opinião dos leigos é que as suas funções são: “*anunciar o Evangelho, fazendo pregações, palestras e sermões, celebrar a missa e administrar os sacramentos formar lideranças, incentivar os movimentos da Igreja*”.⁸ Sobre a liturgia, consideram as romarias, as promessas, as devoções e as procissões como possuidoras de valores pastorais que devem ser aproveitados e purificados dos excessos. Acham que os

sacramentos só podem ser administrados pelos sacerdotes, pois se os mesmos forem ministrados por leigos perderiam sua credibilidade.

“As opiniões sobre Cristo, Deus e o Espírito Santo são as seguintes: Cristo ‘é um homem que sofreu mais do que nós’, é o ‘libertador dos oprimidos’ e principalmente ‘o Salvador Redentor’.

Deus seria um ‘Ser Supremo’, ‘criador de tudo’, ‘pai de Jesus Cristo e nosso pai’.

*Espírito Santo é dom de Deus, uma ‘pessoa divina’, que ‘ilumina e fortalece’ e representa o ‘amor do pai e do filho’”.*⁹

O Sínodo caracterizou o homem arquidiocesano, afirmando que a Arquidiocese é constituída em grande parte por migrantes, pessoas que, por algum motivo, foram forçadas a sair do seu chão natal e jogadas numa cidade onde não têm identificação cultural alguma, o que lhes traz insegurança, solidão, medo e até a morte.

*“A raiz natural do povo arquidiocesano é ainda a colonial, daí ter ele a cabeça na cidade e o coração no interior. (A música sertaneja prova isto). E fora do seu natural, a pessoa custa a se abrir para outras raízes. Ela, então, se apega ao passado e a forças do sobrenatural, sempre no desejo de sentir-se acolhida, protegida”.*¹⁰

As conclusões do Sínodo Arquidiocesano são relevantes para a nossa pesquisa, por fazer uma radiografia da Arquidiocese de Curitiba, evidenciando as suas peculiaridades pastorais, enfatizando o pensar e a opinião do clero e dos leigos sobre pontos fundamentais da Arquidiocese como um todo. É conhecendo esse pensar e essa opinião que poderemos analisar os discursos religiosos proferidos nas paróquias da Arquidiocese e detectar a unidade doutrinal ou não destes discursos.

2 - DADOS SOBRE A ARQUIDIOCESE.

Seguem os dados mais relevantes sobre a Arquidiocese.

2.1 - Governo da Arquidiocese.

ARCEBISPO ¹¹

Dom Pedro Antônio Marchetti Fedalto.

Nascido em Antonio Rebouças, Campo Largo, Paraná, a 11 de agosto de 1926, foi empossado Arcebispo de Curitiba a 28 de fevereiro de 1975.

BISPOS AUXILIARES.

- Dom Ladislau Biernaski. C. M.

Nascido a 24 de outubro de 1936, em Almirante Tamandaré, Paraná, foi sagrado Bispo a 27 de maio de 1979.

- Dom Moacyr José Vitti. C. S. S.

Nascido em Piracicaba, a 30 de novembro de 1940, foi sagrado Bispo a 03 de janeiro de 1988.

BISPO EMÉRITO.

Dom Jerônimo Mazzarotto.

Bispo Auxiliar Emérito de Curitiba.

Nascido a 11 de abril de 1898, em Santa Felicidade, Curitiba, foi sagrado Bispo a 21 de julho de 1957.

VIGÁRIO GERAL.

Monsenhor Oswaldo Guilherme Neumann.

COORDENADOR DE PASTORAL.

Pe. Ivanir Leonardi.

COORDENADOR DO CLERO.

Pe. Élio Dal'agnol.

COORDENADOR DO CLERO DIOCESANO.

Pe. Aleixo Wardzinski de Souza.

2.2 - População.

1. Curitiba	90 paróquias	1.537.324 habitantes
2. Piraquara	06 paróquias	168.717 habitantes
3. São José dos Pinhais	06 paróquias	163.109 habitantes
4. Colombo	04 paróquias	152.554 habitantes
5. Campo Largo/Piedade	05 paróquias	87.571 habitantes
6. Almirante Tamandaré		78.157 habitantes
7. Araucária	02 paróquias	77.799 habitantes
8. Rio Branco do Sul		45.789 habitantes

9. Lapa	02 paróquias	36.697 habitantes
10. Mandirituba		27.426 habitantes
11. Palmeira		24.233 habitantes
12. Rio Negro	02 paróquias	20.532 habitantes
13. Quitandinha		13.025 habitantes
14. Quatro Barras		11.222 habitantes
15. Cotenda	02 paróquias	10.550 habitantes
16. Tijucas do Sul		8.184 habitantes
17. Balsa Nova		6.083 habitantes
18. Piên		5.969 habitantes
19. Agudos do Sul		5.153 habitantes
20. Porto Amazonas		3.153 habitantes
21. Campo do Tenente		1.989 habitantes

2.3 - Paróquias e Áreas.

A Arquidiocese possui 131 Paróquias, 02 Paróquias Pessoais e 02 Igrejas Reitorais, distribuídas em 04 áreas e 18 setores. No interior, há 37 paróquias e, na área urbana, 94.

Área Urbana: 33 Paróquias e 4 Setores: Catedral, Mercês, Coração de Maria e Cabral.

Área Periferia Sul: 37 Paróquias, 5 Setores: Carmo, Pinheirinho, Capão Raso, Santa

Felicidade, Portão.

Área Periferia Norte: 25 Paróquias, 4 Setores: Guabirota, Tarumã, Abranches, Pinhais

Área Interior: 37 Paróquia, 5 Setores: Colombo, Araucária, Rio Negro, Campo Largo,

São José dos Pinhais.

Paróquias com Clero Diocesano - 43.

Paróquias com Clero Religioso - 88.

Prelazia Pessoal: 1 - OPUS DEI.

2.3.1 - Paróquias da Capital.

Área Centro - Coordenador: Pe. Aurélio Falarz.

Setor Catedral - Coordenador: Frei Hipólito Martendal, O. F. M.

Paróquias	Vigários
1. Catedral	Pe. Alpheu Luiz A. L. e Souza
2. Bom Jesus (Centro)	Frei Hipólito Martendal, O. F. M.
3. Nossa Senhora de Guadalupe	Pe. Paulo Iubel
4. N. Sra. do Perpétuo Socorro	Pe. Edmundo J. Tworney, C. SS. R.
5. Igreja da Ordem	Pe. Júlio Pereda Montoya, SS. CC.
6. Igreja do Rosário	Pe. Afonso Gessinger, S.J.
7. Santo Estanislau	Pe. Léo Gryska, S. V. D.
8. São Vicente de Paulo	Pe. José Carlos Fonsatti, CM.

9. Jesus Mestre (Universitária) Pe. William Malone, S.M.

Setor Mercês - Coordenador Frei Sérgio Prando, O. F. M. Cap.

Paróquias

Vigários

- | | |
|--|-----------------------------------|
| 1. Nossa Senhora das Mercês | Frei Sérgio Prando, O. F. M. Cap. |
| 2. N. S ^a das Dores (Bigorriho) | Pe. João Augusto Sobrinho |
| 3. Santa Terezinha (Batel) | Cônego Luciano Kmiecik |
| 4. São Francisco de Paula | Pe. Izakson João Krasinski |
| 5. São Pio X (Seminário) | Pe. Adão Swatek, C. R. |
| 6. Santíssimo Sacramento | Pe. João Roberto Ceconello |
| 7. Nossa Senhora Aparecida (Barigüi) | Pe. João Viana Guevara |
| 8. Santa Luzia e São Nicolau | Pe. Aurélio Falarz |

Setor Coração de Maria - Coordenador: Pe. Stanislau Modelski.

Paróquias

Vigários

- | | |
|--|--------------------------------|
| 1. Coração de Maria | Pe. João Batista Sampaio, CMF. |
| 2. Sag. Coração de Jesus (Água Verde) | Pe. Francisco Gorski |
| 3. São João Batista (Prado Velho) | Pe. André Chilmon |
| 4. N. S ^a de Lourdes (Capanema) | Pe. Santi Capriotti, C.S.S. |
| 5. Santo Antônio (Vila Parolin) | Pe. Diniz Mikocz |
| 6. Nossa Senhora do Rocio | Pe. Ângelo Carlesso Primo |
| 7. Santa Isabel | Pe. Stanislau Modelski |

Setor Cabral - Coordenador: Pe. Antonio Luiz Heggendorn, C.P.

Paróquias

1. Senhor Bom Jesus
2. Nossa Senhora Medianeira
3. Santo Agostinho
4. Nossa Senhora Salete
5. Sagrados Corações (Hugo Lange)
6. Santo Antônio (Boa Vista)
7. Cristo Rei
8. Divino Espírito Santo
9. Santa Maria Goretti

Vigários

- Pe. Antonio Heggendorn, C.P.
- Monsenhor João Jomar Barcellos
- Cônego Raimundo Lauro Stavitzki
- Pe. Pedro Sbalchiero Neto, M.S.
- Pe. Antonio E. Damasceno, O.P.
- Frei João Alves Basílio, O.P.
- Pe. José Walter, S.A.C.
- Pe. José Leonardo de Lima e Silva
- Pe. Gabriel Perazzetti, S.F.N.

Área Periferia Norte - Coordenador: Pe. Humberto Geller, S.A.C.

Setor Guabirota - Coordenador Pe. Ademar Tramontin, R.C.J.

Paróquias

1. Imaculada Conceição (Guabirota)
2. São José (Vila Oficinas)
3. S^a do Rosário de Belém (Vila Centenário)
4. São Paulo Apóstolo (Uberaba)
5. Santo Antônio (Uberaba)
6. S. Carlos Borromeu (Jardim das Américas)
7. Menino Deus (Vila Edy)

Vigários

- Pe. Erno Luetkmeier, S.J.
- Pe. Manoel Coelho de Souza, S.A.C.
- Frei Vicente Micallef, O.P.
- Pe. Bento Pavão, O.M.V.
- Pe. Ademar Tramontini, R.C.J.
- Pe. Romão Sarnik
- Pe. Olívio Moix, MSFS.

Setor Tarumã - Coordenador: Pe. Estanislau Polakowski.

Paróquias	Vigários
1. N. S ^a de Fátima (Tarumã)	Pe. Estanislau Polakowski
2. Sta. Madalena Sofia Barat (Higienópolis)	Frei Cássio Vieira de Lima, O.F.M
3. Santa Bertila (Alto Tarumã)	Pe. Lourenço Chen Hoei Lin
4. São Benedito (Capão da Imbuía)	Pe. Renato Burigo
5. Imaculada Conceição (Atuba)	Pe. PedroKohut
São João Bosco (Bairro Alto)	Pe. Casemiro Grzyb

Setor Pinhais - Coordenador: Pe. Bruno Boschetti, S.X.

Paróquias	Vigários
1. N. S ^a da Boa Esperança (Pinhais)	Pe. Livino Blanger
2. São José Operário (Vila M ^a Antonieta)	Pe. Bruno Boschetti, S.X.
3. N. S ^a da Luz (Vila Pernetá)	Pe. Manoel Muller, CMF.
4. Bom Jesus (Piraquara)	Pe. Antonio Laguna Anoro SS.CC.
5. N. S ^a do Perpétuo	Pe. Humberto Robig, C.SS.P.
6. N. S ^a Aparecida (Jd. Weisópolis)	Pe. Jacques Maltais, P.B.

Setor Abranches - Coordenador: Pe. Mieceslau Lekent, C.M.

Paróquias	Vigários
1. Sant'Ana (Abranches)	Pe. Fabiano Spisla, C.M.
2. São Marcos (pilarzinho)	Pe. Roldão Mendes de Lima, SDP.

- | | |
|---|---------------------------------|
| 3. N. Sra. das Graças e Sta. Gema Galgani | Pe. Mieceslau Lekent, C.M. |
| 4. Santa Efigênia | Pe. Gilson Cezar Camargo, C.M. |
| 5. Santa Cândida | Pe. Eugênio Dirceu Keller, C.M. |
| 6. São João Batista (Vila Tingüi) | Pe. Stanislau Szcpek, S.C. |
| 7. São Pedro e São Paulo (Bairro Alto) | Pe. Josef Poszwa, S.C. |

Área Periferia Sul - Coordenador: Pe. Bertrand de Vetter, MSC.

Setor Carmo - Coordenador: Pe. Rudy Mildner, S.C.J.

Paróquias

Vigários

- | | |
|---|---------------------------------|
| 1. N. S ^a do Carmo (Boqueirão) | Pe. Gabriel Figura |
| 2. Sta. Rita de Cássia (Vila Hauer) | Pe. Rudy Mildner, S.C.J. |
| 3. N. S ^a das Vitórias (Boqueirão) | Pe. Otávio Lopes, O.C.P. |
| 4. São Judas Tadeu (Vila Hauer) | Cônego Sérgio Arthur Braschi |
| 5. Santo Antônio Maria Claret (Boqueirão) | Pe. João Batista Dinamarquês |
| 6. Nossa Senhora da Paz (Boqueirão) | Pe. Levino Antonio Camilo, S.J. |

Setor Capão Raso - Coordenador: Pe. Elói Dalla Vecchia, C.S.

Paróquias

Vigários

- | | |
|---|--------------------------------------|
| 1. São José (Vila Feliz) | Pe. Elói Dalla Vecchia, C.S. |
| 2. N. S ^a da Anunciação (Capão Raso) | Pe. Francisco Miguel |
| 3. Santa Amélia | Pe. Angelo Carlo Zen, M.S.C. |
| 4. N. S ^a da Luz (Vila N. S ^a da Luz) | Frei Paschoal R. Benedetti, OFM Cap. |

5. São Miguel (Xaxim) Pe. Luciano Bergamin

Setor Pinheirinho - Coordenador: Pe. Lamberto Poelmans, M.S.C.

Paróquias

Vigários

- | | |
|--|-----------------------------------|
| 1. São Pedro (Umbará) | Pe. Avelino Bertuzzi, C.S. |
| 2. Nossa Senhora do Sagrado Coração | Pe. Lamberto Poelmans, M.S.C. |
| 3. São Francisco de Assis (Xaxim) | Pe. José Julião da Silva, O.S.J. |
| 4. São Pedro Apóstolo (Vila São Pedro) | Pe. Miguel Angelo Ramero |
| 5. São José Operário (Jd. Paranaense) | Pe. Anacleto Ortigara, M.S. |
| 6. N. S ^a Auxiliadora (Sítio Cercado) | Pe. Bertrand de Vetter, M.S.C. |
| 7. São José das Famílias (Pinheirinho) | Pe. Victor Van Dorsseleer, M.S.C. |

Setor Santa Felicidade - Coordenador: Pe. Natal Ubaldi, C.S.

Paróquias

Vigários

- | | |
|--|--------------------------------------|
| 1. São José (Santa Felicidade) | Pe. Natal Ubaldi, C.S. |
| 2. Santo Inácio Mártir | Pe. José Zambaiti, S.J.B.P. |
| 3. São Brás | Pe. Ivanir Leonardi |
| 4. N. S ^a da Conceição (Butiatuvinha) | Pe. Artur Seppi, C.S. |
| 5. Santo Antonio (Orleans) | Pe. Sérgio Stacheski, C.M. |
| 6. São João Batista (Vila Sandra) | Pe. Joacir de Bastiani, O.F.M. Conv. |
| 7. N. S ^a de Lourdes (Campo Comprido) | Pe. Ozenildo Stavitzki |
| 8. São José Trabalhador (Camp. do Siqueira) | Pe. Francisco Panzera, S.D.P. |

- | | |
|------------------------------|-----------------------------------|
| 9. Bom Pastor (Vista Alegre) | Pe. Cláudio Bicego, S.X. |
| 10. Santa Margarida Mártir | Pe. Angel Andrés G. Anaya, I.M.C. |

Setor Portão - Coordenador: Pe. José Antonio Bertolin, O.S.J.

Paróquias

Vigário

- | | |
|--|---|
| 1. Senhor Bom Jesus (Portão) | Pe. José Antonio Bertolin, O.S.J. |
| 2. Sagrada Família (Novo Mundo) | Pe. Jan Glica, M.I.C. |
| 3. Menino Jesus de Praga | Pe. Nívio Jesus da Silva Hammes, S.D.B. |
| 4. São Cristóvão (Vila Guaira) | Pe. Valdir Andreata, S.D.B. |
| 5. Santa Quitéria | Pe. Paulo José Damin, O.D.P. |
| 6. São Jorge | Pe. Andrey Lach, M.I.C. |
| 7. São Rafael | Pe. Ruperto Kubranowicz, M.I.C. |
| 8. N. S ^a da Conceição (Vila Fanny) | Frei Filomeno dos Santos, O.C. |

2.3.2 - Paróquias do Interior.

Área do Interior - Coordenador: Pe. Carlos Humberto Carneiro de Campos, S.V.D.

Setor Colombo (Minérios) - Coordenador: Frei Valdir Possamai, O.F.M. cap.

Paróquias

Vigários

- | | |
|---|---------------------------------|
| 1. N. Senhora do Rosário (Colombo) | Pe. Pedro Gabriel Gusso, C.P. |
| 2. Santa Terezinha (Guaraituba) | Pe. Antonio Roberto Gusso, C.P. |
| 3. N. S ^a da Saúde (Colônia Faria) | Pe. Antonio Fabris |
| 4. São Sebastião (Quatro Barras) | Pe. Leonildo Fernandes, O.D.P. |

5. N. S^a da Conceição (Almte Tamandaré) Pe. Antonio Emídio Netto, O.F.M. Cap.
6. N. S^a do Amparo (Rio Bco do Sul) Frei Geraldo Carbonera, O.F.M. Cap.
7. N. S^a da Conceição (Campo Magro) Frei Roque F. da Silva, O.F.M. Cap.

Setor Araucária - Coordenador: Pe. Pedro Greboge Filho, C.M.

Paróquias

Vigários

- | | |
|--|-------------------------------|
| 1. N. S ^a dos Remédios (Araucária) | Pe. Mizael D. Puglioli, C.M. |
| 2. N. S ^a da Imaculada Conceição
(Catanduvas do Sul) | Pe. Milton Marchiewicz, C.M. |
| 3. São João Batista (Contenda) | Pe. Pedro Greboge Filho, C.M. |
| 4. Santo Antônio (Lapa) | Pe. Jair Fernandes Jacon |
| 5. Imaculada Conceição (Mariental) | Pe. Flávio Wozniak |
| 6. N. S ^a das Dores (Tomás Coelho) | Pe. Edson dos Santos, C.M. |

Setor Rio Negro - Coordenador: Frei Francisco Mafra, O.F.M.

Paróquias

Vigários

- | | |
|---|------------------------------|
| 1. Bom Jesus (Rio Negro) | Frei Francisco Mafra, O.F.M. |
| 2. Senhor Bom Jesus (Mandirituba) | Pe. Thadeu Kiska |
| 3. São Gabriel da Virgem Dolorosa
(Fazenda Rio Grande) | Pe. Edgar de Castro |
| 4. Senhor Bom Jesus (Quitandinha) | Pe. Aleixo Kosinski |
| 5. N. S ^a da Conceição (Agudos do Sul) | Cônego Alberto Rogacheski |

- | | |
|--|--------------------------------|
| 6. Cristo Rei (Campo do Tenente) | Pe. Stanislau Jamróg, S.C. |
| 7. N. S ^a Aparecida (Rio Negro) | Frei Henrique Schewenn, O.F.M. |
| 8. N. S ^a das Graças Piên | Pe. José Tokarski |

Setor Campo Largo - Coordenador: Pe. Antonio T. Zapchon.

Paróquias

Vigários

- | | |
|--|---------------------------------------|
| 1. N. S ^a da Piedade (Campo Largo) | Pe. Antonio T. Zapchon |
| 2. Senhor Bom Jesus (Campo Largo) | Pe. Boleslau Liana, S.C. |
| 3. São Sebastião (Rondinha) | Pe. Giovanni Tranquilo Lorenzin, C.S. |
| 4. São Sebastião (Bateias) | Pe. Pitor Poszwa, S.C. |
| 5. N. S ^a da Anunciação (Col. D. Pedro) | Pe. Jorge Morkis, C.M. |
| 6. Senhor Bom Jesus (Balsa Nova) | Pe. Benedykt Grzymkowski, S.C. |
| 7. Menino Deus (Porto Amazonas) | Pe. Jaime Schimitz |
| 8. N. S ^a da Conceição (Palmeira) | Pe. Pedro Reneto Carlesso |

Setor São José dos Pinhais - Coordenador Pe. Domingos Salomão Kahel.

Paróquias

Vigários

- | | |
|---|---|
| 1. São José (São José dos Pinhais) | Pe. Domingos Salomão Kahel |
| 2. São Pedro (São José dos Pinhais) | Pe. Zenon Sikorski, S.V.D. |
| 3. Bom Jesus (São José dos Pinhais) | Pe. Guilherme Gissen, S.V.D. |
| 4. São Cristóvão (São José dos Pinhais) | Pe. Aloísio Wiatrok, S.V.D. |
| 5. N. S ^a Aparecida (São José dos Pinhais) | Pe. Francisco Beltran de Otálora, SS.CC |

6. Sagrado Coração de Jesus (Col. Murici) Pe. José Bestwina, S.V.D.

7. N. S^a do Monte Claro (S. J. dos Pinhais) Pe. Carlos Humberto C. Campos, S.V.D.

S^a das Dores (Tijucas do Sul) Pe. Genivaldo X. da Silva

2.4 - Clero.

O número de sacerdotes é o seguinte:

Sacerdotes Diocesanos.....	75
Sacerdotes Religiosos.....	337
Total de Sacerdotes.....	412

2.5 - Seminários.

2.5.1 - Seminários Diocesanos de Curitiba - em número de 4 com 67 seminaristas

Seminário Menor.....	38 alunos
Seminário Maior.....	29 alunos
Curso Propedêutico.....	09 alunos
Curso de Filosofia.....	12 alunos
Curso de Teologia.....	08 alunos

2.5.2. - Seminários Religiosos

Seminários Menores.....	11 com 237 alunos
-------------------------	-------------------

Seminários Maiores.....	34 com 362 alunos
Curso de Filosofia.....	280 alunos
Curso de Teologia.....	82 alunos

2.5.3. - Ordens e Congregações Religiosas

São as seguintes:

Nº de Ordens e Congregações Religiosas Masculinas.....	43
Nº de Religiosos Presbíteros.....	337
Nº de Religiosos não Clericais (irmãos).....	32
Nº de Casas.....	135
Nº de Ordens e Congregações Religiosas Femininas.....	69
Nº de Religiosas.....	1239
Nº de Casas.....	170

3 - COLETA DE DADOS.

O instrumento utilizado na coleta de dados foi o gravador, excetuando-se as gravações televisada e radiofônica. Optamos por uma gravação menos ostensiva, em que o gravador não fosse visível, para que não houvesse nenhuma interferência na coleta dos dados e o registro das homilias fosse o mais informal possível.

Acreditamos que a fidelidade e espontaneidade das homilias foi mantida, a partir do momento em que os sacerdotes não tinham conhecimento prévio das gravações, que

foram realizadas em um único dia, 13 de novembro de 1994 (33º Domingo do Tempo Comum). Houve uma série de dificuldades na coleta das homilias, com prejuízos devido a problemas nas gravações, com algumas partes ficando inaudíveis, dificultando o entendimento das falas.

Realizamos as gravações em um único dia com o objetivo de melhor detectar o grau de unidade do Discurso Religioso, uma vez que as leituras bíblicas utilizadas na liturgia são idênticas em todo o mundo, e o tema de reflexão é único para todas as Igrejas, eliminando, assim, a variante da diversidade temática, o que daria margem a caminhos diferentes na reflexão discursiva.

A coleta das homilias foi realizada por serem de fundamental importância no desenvolvimento deste trabalho e por se constituírem no Discurso Religioso que será analisado.

A coleta de dados da pesquisa foi executada em observância da estrutura administrativa da Arquidiocese de Curitiba. Foram coletadas 16 homilias, duas delas sendo colhidas a partir de transmissão televisada e radiofônica e as demais, gravadas no local das missas, abrangendo as paróquias a seguir relacionadas:

1 - Área Centro.

a - Setor Catedral.

Catedral (homilia coletada via transmissão radiofônica).

Missa transmitida pelo SBT (homilia coletada via transmissão televisiva).

Paróquia Bom Jesus.

b - Setor Mercês.

Capela Nossa Senhora Aparecida (Batel).

c - Setor Cabral.

Paróquia Sagrado Coração de Jesus e Maria (Hugo Lange).

2 - Área Periferia Norte.**d - Setor Tarumã.**

Capela Maria Mãe da Igreja (Bairro Alto).

e - Setor Guabirota.

Capela Menino Deus (Guabirota).

Paróquia São Paulo Apóstolo (Uberaba).

3 - Área Periferia Sul.**f - Setor Capão Raso.**

Capela São José (Capão Raso).

Paróquia Nossa Senhora da Anunciação (Capão Raso).

g - Setor Santa Felicidade.

Paróquia São José (Santa Felicidade).

h - Setor Pinheirinho.

Capela Santo Antônio (Pinheirinho).

Capela São Lucas (Xaxim).

4 - Área do Interior.**i - Setor São José dos Pinhais.**

Capela São Miguel Arcanjo (São José dos Pinhais).

j - Setor Araucária.

Capela Menino Jesus (Lapa).

k - Setor Colombo.

Capela Santa Terezinha de Lisieux (Colombo).

Diversificamos a coleta levando em conta a pluralidade da realidade pastoral existente nas áreas e com o objetivo de perceber a unidade ou não do Discurso Religioso.

Para um melhor entendimento das homilias que serão analisadas neste trabalho, transcrevemos, na sequência, as leituras litúrgicas do referido domingo, retiradas de - **O**

DOMINGO: Semanário Litúrgico-Catequético.¹¹

Primeira Leitura (Dn 12, 1-3).

Leitura do livro do Profeta Daniel.

“Nesse tempo se apresentará o grande príncipe Miguel, assistente de teu povo, e haverá um tempo de tribulação, como não houve até agora, desde que existe uma nação.

Mas nesse tempo, teu povo será salvo, todos os que se acharem registrados no Livro. Muitos dos que dormem no pó da terra despertarão, uns para a vida eterna, outros para a vergonha, a rejeição eterna.

Então, os sábios brilharão como brilha o firmamento, e os que tiverem conduzidos a muitos para a justiça, brilharão como estrelas por todo o sempre”.

Segunda Leitura (Hb 10, 11-14.18).

Leitura da Carta aos Hebreus.

“Todo sacerdote se apresenta, diariamente, para celebrar o culto, oferecendo muitas vezes, os mesmos sacrifícios, que são incapazes de apagar os pecados.

Cristo, ao contrário, depois de ter oferecido um sacrifício único pelos pecados, sentou-se para sempre à direita de Deus. Não lhe resta mais senão esperar até que seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés.

De fato, com esta única oferenda levou à perfeição definitiva os que ele santifica. Ora, onde existe o perdão já não se faz a oferenda pelo pecado”.

Evangelho (Mc 13, 24-32).

Naquele tempo, Jesus disse a seus discípulos:

“Naqueles dias, depois da grande tribulação, o sol vai se escurecer, a lua não brilhará mais, as estrelas começarão a cair, e as forças do céu serão abaladas. Então aparecerá o Filho do Homem vindo sobre as nuvens com grande poder e glória. Ele enviará os anjos aos quatro cantos da terra e reunirá os eleitos de Deus, de uma extremidade à outra da terra.

Aprendam, pois, da figueira esta lição: quando seus ramos ficam verdes e as folhas começam a brotar, vocês sabem que o verão está perto. Assim também, quando virem acontecer estas coisas, fiquem sabendo que ele está próximo, já está à porta!

Em verdade eu lhes digo: Tudo isso vai acontecer antes que passe esta geração. Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão. Quanto ao dia e à hora, ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas somente o Pai”

4 - ROTEIROS HOMILÉTICOS.

Existe na Igreja Católica uma revista especializada - VIDA PASTORAL - com temas bíblicos e pastorais, dirigida a líderes de comunidade e sacerdotes. Nessa Revista, existe uma seção intitulada **Roteiros Homiléticos**, orientada pelo padre José Bortolini, que tem, como finalidade, propor sugestões aos sacerdotes no preparo das homilias, por meio de uma reflexão bíblico-teológica das leituras bíblicas que serão utilizadas nas liturgias dominicais. A seguir, destacamos pontos que consideramos importantes dessas orientações para a missa do 33º Domingo Comum (13 de novembro) **A vinda do Filho do Homem é salvação para os eleitos**, retirados da referida Revista.

Primeira leitura (Dn 12, 1-3): a vitória da justiça.¹³

(...) “A dinâmica da história, portanto, é esta: **1** . Deus abandona a esfera divina e luta, com seus aliados oprimidos, em favor da justiça; **2** . A ação de Deus na história consiste no julgamento da mesma e na salvação dos eleitos; **3** . Os eleitos, comprometidos com Deus (“conduzindo muitos para a justiça”), serão vitoriosos e participarão da própria vida divina (“brilharão como o firmamento, como as estrelas”).

Segunda leitura (Hb 10, 11-14.18): o sacrifício de Cristo trouxe a salvação definitiva.

“O autor daquela que chamamos ‘carta aos Hebreus’ procura reerguer as comunidades cristãs do I século, desanimadas diante das dificuldades” (...).

Evangelho (Mc 12, 24-32): A vinda do Filho do Homem é salvação para os eleitos.

(...) “Em síntese, com os versículos deste domingo, Marcos quis inculcar nos catecúmenos (e em nós) o desinteresse pela especulação a respeito do fim dos tempos. Os sinais catastróficos (da natureza ou provocados pela ação iníqua das pessoas) não são o

fim em si; denotam simplesmente que o Reino está em curso. A esperança que nasce desse texto é que Deus salvará seus eleitos e julgará os que combateram o projeto divino de liberdade e vida. Daí nasce a urgência do compromisso que passa pelo discernimento, em vista da construção do mundo novo”.

4.1 - Pistas para a reflexão.

- “A primeira leitura permite examinar a caminhada da comunidade: Deus é aliado dos que se comprometem com a justiça. A vitória final será de Deus e dos que lhe são fiéis.”
- “A segunda leitura fala da liturgia do Cristo, celebrada uma só vez, de forma definitiva. A Eucaristia que celebramos é memória desse evento. Cristo está aguardando que seus inimigos lhe sejam postos debaixo de seus pés. Quais inimigos de Cristo a comunidade cristã deverá submeter-lhe?”
- “O evangelho leva, por um lado, a comunidade a não considerar as catástrofes enquanto manifestação do final dos tempos. Por outro lado, as catástrofes (sobretudo as provocadas pela ambição das pessoas) podem servir de alerta e estímulo ao compromisso com o Reino de Deus. Esse compromisso é marcado pela certeza da vinda do Filho do Homem, que irá julgar os que se opuserem a seu projeto, e salvará todos os que lhe foram fiéis. O que estamos fazendo enquanto aguardamos a vinda do Filho do Homem?”

NOTAS

- 1 . SÍNODO DA ARQUIDIOCESE DE CURITIBA. Marco da realidade. Curitiba, Educa, 1988, p. 11.
- 2 . Ibid., p. 12.
- 3 . Ibid., p. 21.
- 5 . Ibid., p. 24.
- 6 . Ibid., p. 34.
- 7 . Ibid., p. 35.
- 8 . Ibid., p. 52.
- 9 . Ibid., p. 48.
10. Ibid., p. 73.
11. Ibid., p., 95.
12. O DOMINGO: Semanário Litúrgico-Catequético. São Paulo, Pia Sociedade de São Paulo, Ano LXII - remessa XIV - 13/11/1995 - N° 53.
13. BORTOLINI, Pe. José. Roteiros Homiléticos. Vida Pastoral, São Paulo, Ano XXV, N° 179, nov./dez., 1994.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS DISCURSOS RELIGIOSOS À LUZ DO REFERENCIAL TEÓRICO APRESENTADO.

1 - CLASSIFICAÇÃO DOS DISCURSOS COLETADOS.

Nesta classificação, não nos limitamos somente às três homilias sorteadas (números 01, 03 e 08) para análise; elaboramos uma classificação das dez homilias transcritas e chegamos à conclusão que todas podem ser caracterizadas como discursos religiosos. Essa classificação deve-se ao fato de que após a análise destes discursos, os mesmos poderiam apresentar características diferentes das esperadas para um discurso religioso, poderiam se enquadrar por exemplo em discurso pedagógico, político, publicitário... Tal conclusão fundamenta-se na caracterização do discurso religioso, tópico abordado anteriormente neste trabalho.

⇒ O discurso religioso é aquele em que Deus fala aos homens por meio dos seus representantes, aos quais cabe a função de interpretar a voz de Deus.

Os presbíteros, ao proferirem as homilias, colocaram-se naturalmente neste papel: todos foram intérpretes da palavra de Deus, nenhum se dirigiu aos fiéis em seu nome. Assim, há concordância com o item Semiótica referente apenas ao papel do intérprete.

⇒ **No discurso religioso o locutor pertence ao plano espiritual; o ouvinte, ao plano temporal.**

Esta relação foi observada na íntegra pelos presbíteros, tendo alguns até amenizado, um pouco, essa relação, utilizando recursos de aproximação com os fiéis. Outros simplesmente assumiram integralmente esta relação, proferindo um discurso verticalista e dominador, restando aos receptores a atitude do ouvir, aceitar sem duvidar, obedecer sem se rebelar e ir sem saber para onde, porque confiantes nas verdades afirmadas pela Instituição Religiosa da qual o presbítero é o seu representante máximo no momento da celebração.

Os princípios básicos da Comunicação não foram atendidos, de vez que a mensagem cumpriu apenas uma finalidade, a de ser transmitida. Não nos parece terem sido os discursos Homiléticos devidamente codificados, interpretados e incorporados à vivência dos fiéis.

⇒ **O discurso religioso fundamenta-se na Bíblia.**

Todas as homilias seguiram à risca esta regra, mesmo aquelas em que o enunciador buscou outras formas de aproximação comunicacional. Constatamos que a fundamentação dos seus argumentos estavam alicerçados na Bíblia.

O Discurso Religioso, assim como os demais, apresenta uma estrutura de poder que se caracteriza pela persuasão, a qual desencadeia o processo da interpretação. Neste sentido podemos estruturar o discurso religioso como:

poder-fazer-crer → poder-fazer-querer → poder-fazer-dever.

Observando essa estrutura e analisando os discursos, encontramos-la bem definida na organização dos discursos. E, por coincidência, o tema das leituras favorecem bastante

essa sedimentação. Um tema escatológico, que aborda algo extremamente metafísico e subjetivo como a vida após a morte, fortalece essa estrutura. É preciso fazer o fiel acreditar no juízo final, na recompensa eterna para os justos, para fazê-lo querer adquirir os méritos para tal graça. Mas a salvação, a felicidade eterna, só é alcançada a partir do momento em que o fiel cumpre com os seus deveres, que se atém ao cumprimento das leis e deveres que a Instituição Religiosa determina em nome de Deus, donde advém o seu poder. Quanto mais adeptos um credo religioso tiver, maior o seu poder junto às outras instituições (religiosas, civis e militares).

2 - SANTO DOMINGO E OS DISCURSOS.

Analisando os discursos religiosos coletados, podemos afirmar que há pertinências entre eles e o documento de Santo Domingo.

A exortação apostólica escrita pelo Papa Paulo VI - 8/12/1975 - *Evangelii Nuntiandi*, refere-se à evangelização nos seguintes termos:

*“Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade e ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo, na santa Missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa ressurreição”.*¹

Evangelização é a chave do documento de Santo Domingo, cujo tema central é **“Nova Evangelização, promoção humana e cultura Cristã”**. No Capítulo I - A Nova

evangelização - é enfatizado que o conteúdo da nova evangelização é Jesus Cristo e seu Reino e que é preciso retornar a fé cristã, que a secularizada cultura atual ignora.

“ A nova evangelização tem como finalidade formar pessoas e comunidades maduras na fé e dar respostas à nova situação que vivemos, provocada pelas mudanças sociais e culturais da modernidade. Há de ter em conta, a urbanização, a pobreza e a marginalização. Nossa situação está marcada pelo materialismo, a cultura da morte, a invasão das seitas e propostas religiosas de diversos origens.

(...) Destinatários da Nova Evangelização são também as classes médias, os grupos as populações, os ambientes de vida e de trabalho, marcados pela ciência, pela técnica e pelos meios de comunicação social”.²

Conforme o exposto acima, podemos verificar que a evangelização é a identidade da Igreja e, como tal, é um conceito bastante amplo que envolve muitos aspectos. A missa é um deles, por sinal um dos mais importante, um dos lugares privilegiados de evangelização. A homilia é a parte da missa propícia à evangelização, pois é nela que se proclamam as maravilhas de Deus partindo dos textos sagrados, relacionando-os com o mistério que é celebrado (morte e ressurreição de Jesus Cristo) e com a vida concreta da comunidade.

A pertinência dos discursos coletados com o documento de Santo Domingo, reside justamente neste ponto. Os presbíteros ao relacionar o tema do dia - fim dos tempos - com a vida concreta da comunidade, fazem-no a partir das orientações doutrinárias da Igreja e da sua formação teológica. Por isso, encontramos posturas teológicas diferentes, mas nada que agrida o corpo doutrinal da Igreja e que seja de fundamental importância para ser analisado neste trabalho, até por não ser este o nosso objetivo.

A partir da análise dos discursos, podemos apontar as suas características de reflexão:

- espiritualistas;
- exegéticos/bíblicos;
- realidade social;
- prolixos.

Excetuando os prolixos, que devido a sua característica fica impossível analisarmos, os demais mantêm uma pertinência com o documento de Santo Domingo quanto aos conteúdos doutrinários.

É importante destacar, que em alguns discursos encontramos mais de uma característica apontada.

Característica espiritualista: ativeram-se a trabalhar uma Cristologia própria do documento, em que se fala do Cristo da fé, ignorando o Cristo humano, histórico. O conceito de espiritualidade trabalhado é aquele que valoriza os esforços individuais, ignorando a comunidade de fé e de vivência cristã, elemento indispensável na construção do Reino de Deus.

Características exegéticos/bíblicos: alguns demonstram uma boa fundamentação na área da exegese bíblica, outros infelizmente ficaram na análise literal das leituras, transmitindo conceitos exegéticos defasados, e em alguns casos, apoiados em opiniões pessoais.

Característica realidade social: constatamos em alguns discursos a preocupação de traçar paralelos com a vida da comunidade, buscando na realidade exemplos reais vivenciados pelos fiéis, objetivando reforçar a mensagem das leituras. A leitura da realidade seguiu em muitos casos a linha do documento de Santo Domingo de trabalhar o assunto a partir das realidades culturais, dando ênfase à solidariedade e à caridade cristã.

Característica prolixos: discurso longo, fastidioso, confuso, onde o enunciador aborda vários temas secundários dentro da mesma fala, dificultando o entendimento do tema central e conseqüentemente da mensagem litúrgica para a semana.

NOTAS

01 - PAPA PAULO VI. Exortação Apostólica sobre a Evangelização no Mundo

Contemporâneo: *Evangelii Nuntiandi*. 3ª ed. São Paulo, Paulinas, 1976, p. 16.

02 - CELAM, IV Conferência do Episcopado Latino-Americano. Documento de Santo

Domingo. Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã. 4ª ed.

Petrópolis, Vozes, 1993, p. 46.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DO GRAU DE UNIDADE DOUTRINAL DO DISCURSO RELIGIOSO NA ARQUIDIOCESE DE CURITIBA

As três homilias analisadas neste trabalho foram escolhidas por sorteio. Das 16 homilias coletadas, foi possível a transcrição de apenas 10. As demais estavam com péssima qualidade de gravação, dificultando o seu entendimento auditivo. Na transcrição das homilias procuramos ser fiéis à fala dos presbíteros, por este motivo a redação das mesmas apresenta discordância em relação a nossa linguagem formal. Todas as fitas gravadas estão arquivadas e das dez homilias transcritas, foram sorteadas as homilias de números um, três e oito, as quais serão analisadas neste capítulo.

Na coleta dos dados um fato ficou evidenciado: em algumas Igrejas a qualidade do som é tão precário que fica difícil para o presente no templo, entender o que o presbítero está falando. Isto deve-se às péssimas condições acústicas de algumas Igrejas o que é agravado por aparelhagens de som antiquadas e obsoletas. Na nossa opinião isto se constitui em um dos problemas que atrapalham a comunicação nas liturgias da Arquidiocese.

Dos três discursos analisados, podemos afirmar que no seu todo eles demonstram uma unidade doutrinal, se partirmos da constatação que unidade doutrinal na Igreja Católica é um conceito muito amplo, devido à riqueza da reflexão teológica e da

contribuição do magistério à doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana, se partirmos do ponto central da doutrina cristã, que alicerça-se no mandamento maior do Mestre Jesus que é o **AMOR**.

“Toda a finalidade da doutrina e do ensinamento deve ser colocada no amor que não acaba. Com efeito, pode-se facilmente expor o que é preciso crer, esperar ou fazer; mas sobretudo é preciso fazer sempre com que apareça o Amor de Nosso Senhor, para que cada um compreenda que cada ato de virtude perfeitamente cristão não tem outra origem senão o amor, e outro fim senão Amor”. 1

Há de se convir que há uma unidade doutrinal nos discursos coletados em paróquias da Arquidiocese de Curitiba, pois em todas se percebe a preocupação de ressaltar elementos e valores que fazem parte do corpo doutrinal do cristianismo católico.

Analisamos os discursos a partir de seis itens analíticos:

- a - **sujeito da enunciação** - analisamos a maneira de comunicação entre enunciador e receptor;
- b - **partilha** - forma pela qual o enunciador compartilha o saber com o receptor;
- c - **ênfase** - tópicos mais evidenciados pelo enunciador em seu discurso;
- d - **recursos utilizados para prender a atenção dos fiéis** - recursos de linguagem utilizados pelo enunciador para manter a atenção do receptor;
- e - **argumentos de persuasão** - constatação de ter sido adotado no discurso, pelo enunciador meios de persuasão sob a ótica do emocional e do racional;
- f - **a imagem de Deus** - analisamos os modelos de imagem de Deus utilizado pelo enunciador.

1 - ANÁLISE DOS DISCURSOS:

HOMILIA 01

a - sujeito da enunciação:

O enunciador alterna o seu discurso, ora procurando identificar-se com o seu receptor:

- *somos curiosos...*

- *nós estamos...*

- *a gente vai ...*

ora distanciando-se, colocando-se numa posição de superioridade, como alguém que está acima das contingências da vida:

- *que está acontecendo com cada um de vocês...*

b - partilha:

O enunciador tenta partilhar um saber e um pensar comum, partindo de exemplos que estão presentes no dia a dia do povo como: o noticiário da televisão, a AIDS, o fanatismo religioso, os acidentes de trânsito. Considera algo que já é do conhecimento de seu receptor. Observa-se, também, que em alguns momentos o enunciador faz afirmações (que é passada ao receptor como verdade) sem o devido fundamento teórico-científico, o que torna o seu discurso ambíguo.

- *A vida humana ela tá cada vez se reduzindo mais, apesar de todo o avanço da ciência da medicina...*

c - ênfase:

O enunciador centraliza o seu discurso na Escatologia cristã, mas ao exemplificar perde-se num leque extenso de assuntos que passam por: cotidiano de violência; fanatismo religioso; messianismo de algumas seitas religiosas; contingências do corpo humano; moral cristã, estruturando a sua homilia num amontoado de assuntos que, pela sua variedade temática, “pode” ter prendido a atenção do receptor, mas causado uma confusão no mesmo em relação ao tema e à sua mensagem.

d - recursos utilizados para prender a atenção dos fiéis:

Este enunciador tenta prender a atenção do receptor ao utilizar exemplos próximos do cotidiano do receptor; ao abordar tema de interesse geral como o fanatismo religioso e os limites que o tempo impõe sobre as pessoa (envelhecimento, doenças e morte), a morte na vida de cada um e o não estar preparado para o encontro final com Deus.

Esse tipo de emissor utiliza o pronome pessoal na primeira pessoa do plural como estratégia para diminuir a distância entre ele e o receptor.

Em alguns momentos utiliza argumentos patéticos como forma de persuasão:

- *temos que devolver a Deus aquilo que é Dele. A vida.*

- *até Jesus morreu...*

- *é isso que a gente vai levar?*

e - argumentos de persuasão:

O enunciador deste discurso age sobre o receptor de dois modos:

- emocional - quando se identifica com o receptor na questão das contingências da vida, com a presença constante do sofrimento e da morte e da necessidade de se estar preparado para o encontro final com o Criador.

- racional - quando analisa a questão escatológica do final do tempo e chama as pessoas à responsabilidade da felicidade ou infelicidade eterna, cada um será cobrado por aquilo que construiu ou que omitiu, como, por exemplo:

- o que nós vamos levar é o bem que a gente deixa aqui nessa terra...

- façamos o bem porque o resto não se leva...

f - imagem de Deus:

Este enunciador apresenta um Deus que está sintonizado com as orientações doutrinárias da Igreja atual, um Deus amor, encarnado na vida das pessoas, um Deus que é responsável pela vida e cuja ausência gera o sofrimento, a morte. Um Deus que é Pai mas que também será juiz cobrando-nos o uso correto ou não da nossa liberdade no dia do juízo.

HOMILIA 03

a - sujeito da enunciação:

O enunciador não se identifica com o seu receptor, coloca-se numa posição de superioridade, como o representante de Deus, aquele que detém o conhecimento e que agora tem a missão de passá-lo aos que não o têm. O enunciador é um porta-voz de uma Igreja, cuja missão se resume em zelar apenas pela dimensão espiritual do homem, por isso seu discurso é técnico, transmite corretamente os fundamentos duma exegese bíblica das leituras do dia litúrgico, mas está totalmente distanciado da realidade diária do receptor.

b - partilha:

Não há partilha neste ato discursivo, o enunciador profere um discurso de cima para baixo, feito por quem detém o saber para aqueles que são ignorantes.

Pelo enfoque dado ao seu discurso, o enunciador deixa entrever, que a imagem que ele tem de seus receptores é que são pessoas religiosas e que estão profundamente interessadas e preocupadas com assuntos que dizem respeito à vida espiritual, especialmente sobre o juízo final. Os receptores são pessoas que devem ouvir atentamente a fala do mestre.

c - ênfase:

A ênfase dada neste discurso recai sobre os fins dos tempos; o retorno glorioso de Jesus; o começo de novos tempos; e a observância dos mandamentos como condição básica para a participação da felicidade eterna.

d - recursos utilizados para prender a atenção dos fiéis:

Não encontramos elementos que possam ser considerados como recursos de comunicação. O tom discursivo é monocórdio, nem mesmo há variação prosódica. A gestualidade é efetivamente comedida,

e - argumentos de persuasão:

Neste discurso, o enunciador age sobre o receptor usando o lado racional, trabalhando tecnicamente as leituras do dia, preocupando-se com as reflexões e orientações teológicas referentes ao tema. Do ponto de vista doutrinal o discurso é correto e seguro; do lado da comunicação, o discurso está comprometido pois é frio e monologal, proferido por alguém que não demonstra interesse em envolver o seu destinatário.

f - imagem de Deus:

O enunciador apresenta um Deus frio, distante, um Deus que não está envolvido diretamente com a vida dos homens, um Deus que é fruto de uma reflexão racional, que é sábio no ato da criação e que espera dos homens a observância dos seus mandamentos e o cumprimento de sua vontade. Se formos fiéis a Deus seremos premiados com a felicidade eterna.

É mostrado um Deus desencarnado que não se interessa por problemas e expectativas da humanidade. Um deus que não vem ao encontro do homem, mas que o

espera do outro lado da vida, para ser o seu juiz, cobrando do homem fidelidade ou infidelidade a seus mandamentos.

HOMILIA 08

a - sujeito da enunciação:

O enunciador deste discurso procura se identificar com seus receptores, usando uma linguagem simples quase coloquial, demonstrando conhecer a realidade dos seus receptores.

Analisando o seu discurso percebe-se que ele se coloca como um enunciador religioso, responsável em anunciar os evangelhos e em denunciar as estruturas sociais injustas geradoras das condições de pecados que escravizam os homens.

Pelo seu discurso percebe-se a imagem que o enunciador elaborou em relação aos receptores: são pessoas religiosas, porém não alienadas, cuja fé ilumina e faz reconhecer aquilo que não está de acordo com o projeto de Deus.

b - partilha:

O enunciador procura partilhar a sua fala com os receptores, quando analisa a situação de desigualdades sociais, que geram a fome, a violência e a exploração do trabalho que causam o sofrimento do povo, assim, como aconteceu com o “povo judeu” dois séculos antes de Cristo.

c - ênfase:

O enunciador enfatiza no seu discurso o mundo que estamos construindo, com suas limitações, e traça um paralelo com o mundo construído e vivido pelos povos antigos, narrado na sagrada escritura.

Nesta homilia percebe-se que o enunciador traça uma relação entre as leituras do Antigo e do Novo Testamento com o Evangelho e, por isso, a escatologia cristã é o eixo norteador da reflexão. O enunciador enfatiza também o Reino de Deus, afirmando que as estruturas injustas e discricionárias são sérios entraves para a sua conquista.

d - recursos utilizados para prender a atenção dos fiéis:

Neste discurso, o enunciador procura prender a atenção dos receptores, utilizando uma linguagem simples, usando exemplos extraídos da realidade cotidiana dos receptores e traçando paralelos com as leituras usadas na liturgia:

- que tem gente que tá precisando que nós ajudemos eles pra eles podê se alimentar, então o que acontece? Está acontecendo a injustiça...

Aqui o enunciador interpela e amarra a atenção das pessoas que vivem a realidade de não ter o seu trabalho reconhecido e valorizado adequadamente na sociedade atual:

- e aqueles que dominam, que são injustos, que exploram, esses nós temos que converter. Nós temos que fazer com que eles participem da comunidade, para que a comunidade ajude...

O enunciador vai ao encontro dos interesses de seu destinatário, ao abordar o sentido da justiça, solidariedade e conversão, tópicos destacados nas leituras do dia e que são características do projeto de Deus:

- (...) *aqui na comunidade por exemplo, tem um exemplo muito bonito, que é todo dia 13 a oferta que as famílias fazem, para repartir com aquelas pessoas que estão passando fome...*

o enunciador utiliza como exemplo uma prática concreta da comunidade, usando assim um artifício de comunicação para prender a atenção dos receptores, já que está citando algo ligado a vida dos mesmos.

e - argumentos de persuasão:

A ação persuasiva do enunciador acontece de dois modos: emocional e racional.

- Emocional - *Se a gente for observar a nossa vida...*

identifica-se com o receptor, valorizando a sua vida a sua labuta diária e sendo solidário com suas dificuldades.

- (...) *a gente tá vivendo isso no dia a dia da gente, tem que vivê isso lá em casa, na família, no trabalho da gente...*

este argumento de persuasão é utilizado com o objetivo de despertar nos fiéis o sentido da vivência dos valores cristãos, condições para a conquista do Reino de Deus.

- Racional - (...) *sábios são aqueles que vivem a justiça... (...) a gente não vai, acabar com aquele que explora, (...) nós vamos ter que acabar com a injustiça, com a exploração, com a dominação, (...) temos que trabalhar sempre, na comunidade na vida da gente, para que nós sejamos aliados de Deus na luta, na justiça...*

O enunciador utiliza-se de argumentos lógicos e fundamentados na doutrina vigente da Igreja, com o objetivo de persuadir os fiéis à práxis de uma vida cujos atos

estejam permeados dos valores cristãos entendendo que cada um é responsável pela construção de uma estrutura social mais justa.

f - imagem de Deus:

O enunciador apresenta um Deus vivo envolvido na vida das pessoas, um Deus de liberdade, um *Deus que desce pro chão, pra terra, e que se coloca do lado daquele povo que tá sofrendo*. Um Deus solidário que espera, por meio da Igreja (...) *que eles participem da comunidade, para que a comunidade ajude, pra que eles se convertam ...*, para que as pessoas adquiram forças e poder a fim de encontrar soluções para os problemas reais da vida do povo.

NOTA:

01 - Catecismo da Igreja Católica. Petrópolis, RJ., Vozes, 1993, P. 18.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.

Este trabalho permitiu-nos constatar elementos que consideramos importantes no contexto do discurso religioso e que merecem ser destacados.

A missa é a reunião da comunidade para celebrar os mistérios da fé cristã e a vida. É nela que devemos partilhar com o próximo nossas alegrias e dificuldades do dia a dia. E, na missa, a homilia é o lugar mais adequado para isso por ser ela o momento maior da evangelização, de vez que é ela um instrumento de conversão, ajudando as pessoas a compreenderem melhor a vida e, conseqüentemente, mudando-a. É importante que na homilia o presbítero faça a aplicação da mensagem bíblica ao hoje, ao cotidiano da vida dos fiéis, que ele relacione a palavra de Deus com o dia a dia dos fiéis, suas dificuldades, seu trabalho, seus relacionamentos, suas dores e tristezas, suas alegrias e felicidades. Infelizmente, na maioria das vezes isto é ignorado. Muitas vezes as missas transformam-se num **dever-obrigação**, em algo enfadonho, distanciado da vida do fiel. E as homilias tornam-se discursos monótonos e repetitivos, longos e prolixos, em que o presbítero é possuído pela necessidade de dizer muitas coisas, acreditando, assim, que o sucesso da sua pregação esteja relacionado à quantidade de conceitos emitidos ou palavras pronunciadas. Geralmente as homilias longas são mal preparadas e refletem a postura autoritária e centralizadora do presbítero, gerando sentimento de inferioridade nos fiéis, que acabam acreditando que tudo o que o presbítero fala é verdade, por ser ele uma pessoa de *muito estudo*. Ou, então, acontece, conforme depoimentos orais, que pessoas mais esclarecidas

mal prestem atenção ao que o presbítero fala, pois que consideram o discurso dele vazio de substância, desmotivador e mal preparado.

Efetivamente muitas homilias são descontextualizadas e vazias de sentido temático, gerando uma reflexão verticalista, isolando o homem do seu contexto social, repetindo idéias de modelos teológicos superados, em que se separa o mundo em poderes, temporal e espiritual, e o homem em identidades distintas, civil e religiosa, no mundo, a pessoa é regida pelo poder temporal, a sua identidade é a civil; na Igreja, ela é governada pelo poder espiritual, e a sua identidade é a religiosa. Essa separação plasmou de forma tão marcante a mentalidade do povo brasileiro, que é comum encontrarmos essa idéia disseminada entre clérigos e leigos. O homem não pode ser dividido em várias facetas, é um ser uno e, como tal, tem que ser educado pela religião, que deve deixar claro que a espiritualidade não está dissociada da vida real e dos seus problemas, que religião não pode ser isolada de outras áreas da vida humana, que religião é vida e que ela só terá sentido se der sentido à existência do homem.

Não basta o presbítero trazer a realidade da vida para a homilia, se não existe vida de Igreja na paróquia, se não existe vivência cristã na comunidade, se não existe espaço na assembléia para que as pessoas sejam capazes de se expressar, de pensar, questionar e dar a sua opinião. Se existe estes espaços na comunidade, a homilia, que questiona a vida, obriga as pessoas a se posicionarem diante dela à luz da palavra de Deus, buscando formas de superar as situações de pecado.

Elaborar homilias não verticalista, exige do presbítero maturidade de fé, exige boa formação teológica, exige que ele seja **profeta** e ser profeta neste caso é saber fazer com que a palavra de Deus questione a realidade da vida, evitando o perigo dos radicalismos

que geram homilias extremamente politizadas ou extremamente verticalizadas. Ambas são nefastas pois ignoram aspectos de fundamental importância na Igreja, e podem gerar situações desagradáveis levando a divisões na comunidade.

Na análise dos discursos foi percebida, em alguns, uma carência de fundamentação doutrinal e exegética, o que nos remete a um problema que incomoda a todos que estão envolvidos com a educação.

A educação brasileira passa por uma séria crise de qualidade e o ensino básico é o centro do problema. Uma pesquisa recente do Ministério de Educação, constatou que 70% dos alunos das séries finais do 1º e 2º graus não sabem resolver problemas matemáticos. E só metade é capaz de formar juízo próprio sobre o que lê. A pesquisa aponta para algumas causas, entre elas, destacamos três:

- O Brasil aplica somente 3,7% do Produto Nacional Bruto em Educação, ficando abaixo de uma maioria expressiva de países americanos.
- As escolas públicas na sua grande maioria, são mal equipadas, sendo que 2,8% não dispõe de quadro de giz e carteiras, ou seja, de condições mínimas para funcionar.
- Professores mal preparados para o exercício da profissão; mais de oito entre cem professores do ensino básico nem sequer completaram o 1º grau. A media salarial, computadas nas cidades do interior, fica abaixo do salário mínimo. Nas salas de aulas a maioria dos professores se limitam a exposições orais e a uso do quadro de giz, o ensino é mecânico não propiciando a prática do raciocínio.

O seminarista faz parte desta realidade, a maioria deles é oriunda de camadas sociais mais desfavorecidas e que não tiveram acesso a um bom ensino básico carência que os acompanha na sua formação ao presbitério.

Em nossa análise, constatamos que algumas homilias não foram previamente preparadas e que foram feitas de improviso. Ao nosso ver, esta é uma situação bastante desagradável, pois na maioria das vezes os presbíteros perdem-se na reflexão, criando uma homilia prolixa incapaz de trabalhar uma mensagem clara e objetiva. E quando o fiel não entende a homilia, sai da Igreja sem levar nada para ser pensado e vivenciado na semana. Geralmente, a homilia não trabalhada é incapaz de atingir o fiel; quase sempre o que é dito pelo presbítero neste tipo de homilia, não atende aos interesses da maioria dos participantes. Por esse motivo, as pessoas permanecem desligadas, alguns aproveitam esse momento para cochilar, rezar o terço ou conversar. Esse tipo de homilia não passa de um monólogo, de uma fala sem objetivo, sem arte, sem graça, sem alma, é uma **incomunicação**. A saída para superar-se esse problema, na nossa opinião, passa por dois pontos básicos:

- **Homilias participadas**, nas quais a comunidade possa expressar-se, onde se realize de fato a conversa familiar, já que a missa é a celebração maior da família cristã.

Para que haja homilias participadas, é preciso que se faça uma reeducação da Igreja como um todo, que se assuma a consciência de que cada batizado é um arauto da Palavra de Deus no processo da evangelização, e que não se evangeliza na passividade, o que infelizmente acontece na maioria das missas, em que o fiel é somente um agente passivo.

- **Que haja mais comunhão**, mais calor humano, mais amor entre o emissor e o receptor. Que se evitem os discursos frios, distantes, excessivamente intelectualizados, puritanos e até agressivos. Que se tenha a consciência de que a verdadeira

comunicação ente os seres humanos em nível de comunhão profunda, está fundada no amor, respeito e valorização do outro.

Outro aspecto percebido na análise do discurso foi a imagem de Deus transmitida pelos presbíteros aos fiéis. Com algumas exceções, Deus é apresentado como um Deus vivo, encarnado na história e na vida dos homens, demonstrando, assim, pertinência com o Documento de Santo Domingo. Mas em grande parte dos discursos, Deus é anunciado como ser distante, inatingível, que se preocupa com o **homem alma espiritual**, apresentando a ele leis, normas, deveres que devem ser observados nesta existência, porque, com certeza, eles serão cobrados no dia do Juízo Final. Este tipo de anúncio de Deus caracteriza a não pertinência com o Documento de Santo Domingo, que tem outra concepção de Deus.

Ao finalizar este trabalho, apresentamos algumas sugestões como contribuição ao tema trabalhado:

- As casas de formação dos futuros presbíteros, devem dar uma maior atenção à questão da comunicação dentro da Igreja, observando a preparação acadêmica dos seminaristas e proporcionando-lhes um embasamento teórico-técnico sobre a comunicação.
- A Igreja não deve se descuidar da comunicação dentro dela. Para tanto é preciso programam reciclagens e atualizações, pelo menos anuais, na área da comunicação para o presbitério.
- A melhoria das condições de comunicação com a comunidade deve ser enfatizada, observando a relação presbítero/fiel e tentando detectar se ambos estão falando a mesma língua.

- Dar maior importância às homilias evitando-se os improvisos, os discursos vazios de uma efetiva religiosidade.
- Ser objetivo no anúncio da Palavra de Deus, deixando claro aos fiéis a mensagem da semana.
- Ter consciência de que em uma homilia não se esgota um assunto, por isso devendo ser evitar a prolixidade e os discursos longos.
- Avaliar as condições dos equipamentos de som dos templos, pois equipamentos deficientes criam interferências negativas na comunicação entre presbíteros e fiéis.
- Adquirir consciência presbiterial de que uma das suas tarefas prioritárias ou seja, a primeira, é a de anunciar o Evangelho de Deus a todos os Homens. O presbítero deve ter sempre presente que é um arauto da Palavra de Deus e não das suas convicções pessoais.

Essas sugestões, se encaminhadas às Instituições encarregadas da formação teológica do evangelizador, em nível de 3º grau, poderão auxiliar não só na implementação dos currículos plenos dos Cursos de Teologia, como também no redimensionamento do conteúdo programático neles desenvolvidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo, Mestre Jou, 1970
- AMARAL, Luis Henrique; CHARANEK, Samy. Assembléia da CNBB adotará estratégia semelhantes às dos evangélicos para ampliar o número dos fiéis. Folha de São Paulo, caderno 1, pág. 10, 18 de abril de 1996.
- ANDERY, Maria Anália, et al. Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica. 4ª ed., Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1992.
- ANTONIAZZI, Alberto. O que Santo Domingo trouxe de novo? **Vida Pastoral**, São Paulo, Paulinas, n° 170, p. 7-11, maio-junho de 1993.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. Filosofando Introdução à filosofia. São Paulo, Moderna, 1992.
- BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Edições 70.
- BARTHES, Roland. Elementos de Semiologia. São Paulo, Cultrix, 1971.
- BECKAÜSER, Alberto. Celebrar a vida cristã. Petrópolis, RJ, Vozes, 1988.
- BERNARDINO, Angélico Sândalo. Santo Domingo: um pouco de história e coração na caminhada. **Vida Pastoral**, São Paulo, Paulinas, n°170, p. 2- 6, maio-junho de 1993.
- BOFF, Clodovis. O Evangelho de Santo Domingo: os 10 temas-eixo do documento da IV CELAM. REB, Petrópolis, Ed. OSM, v. 53, n°212, p. 791-800, dezembro de 1993.
- BOFF, Leonardo. Dignitas Terrae. Ecologia: Grito da terra, Grito dos Pobres. S.Paulo,

Ática, 1995.

BORTOLINI, Pe. José. Roteiros homiléticos. São Paulo, Vida Pastoral, Ano XXXV, N° 179, nov./dez., 1994.

CALIMAN, Cleto. Conclusões de Santo Domingo, roteiro de estudo. Rio de Janeiro, Convergência, n°262, p. 224-249 maio de 1993.

CARVALHO, Dirce de. Homilia: a questão da linguagem na comunicação oral. São Paulo, Paulinas, 1993.

CELAM. IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. Documento de Santo Domingo: Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã. 4ª ed., Petrópolis, RJ., Vozes, 1993.

CELAM, Dep. de Liturgia. A Celebração da Eucaristia. São Paulo, Paulinas, 1983

———. A Homilia: O que é? Como se prepara? Como se apresenta? São Paulo, Paulinas, 1983.

CHERRY, Colin. A Comunicação Humana. Uma Recapitulação, uma vista de conjunto e uma crítica. São Paulo, Cultrix, 1971.

CNBB, Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil - diretrizes básicas. São Paulo, Paulinas, 1995.

———, Com Deus me deito com Deus me levanto. Orações da Religiosidade popular Católica. São Paulo, Paulinas, 1979.

———. Liturgia de rádio e televisão. Conclusões de quatro encontros nacionais. 2ª edição, São Paulo, Paulus, 1994.

———. Assembléia eletrônica litúrgica: 5º Encontro Nacional sobre Liturgia de Rádio

e televisão, Distrito Federal, 24 a 28 de julho de 1985. São Paulo, Paulinas, 1987.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Orientação para a formação do futuros sacerdotes acerca dos instrumentos da comunicação social. São Paulo, Paulinas, 1987.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, Decretos, Declarações.

Sacrosantum Concilium: Sobre a Sagrada Liturgia. 8ª ed., Petrópolis, RJ. Vozes, 1968.

———, Presbyterorum Ordinis: Sobre o Ministério e a vida dos Presbíteros. 8ª ed., Petrópolis, RJ. Vozes, 1968.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. A Liturgia Romana e a Inculturação.
IV Instrução para uma correta aplicação da constituição conciliar sobre a liturgia.
São Paulo, Paulinas, 1994.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Ritual e Representação: O Discurso Religioso da Congregação Cristão no Brasil. Campinas, SP, UNICAMP, 1986.

ECO, Umberto. Tratado Geral de Semiótica. São Paulo, Perspectiva, 1979.

———. Conceito de Texto. São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

FELLER, Vitor Galdino. Promoção humana no documento de Santo Domingo.
Vida Pastoral, São Paulo, Paulinas, nº170, p. 13-16, maio-junho de 1993.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. A Estratégia dos Sígnos: Linguagem, Espaço, Ambiente Urbano. 2ª edição, São Paulo, Perspectiva, 1986.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e ideologia. 2ª edição, São Paulo, Ática, 1990.

GASQUES, Jerônimo. Como falar de missa com o povo. Petrópolis, RJ, Vozes, 1985.

- GELINEAU, J. Teologia Pastoral da Missa. Em vossas assembléias. São Paulo, Paulinas, 1973.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 3ª edição, São Paulo, Atlas, 1991.
- GREIMAS, Algirdas Julien, JOSEPH Courtés. Dicionário de Semiótica. São Paulo, Cultrix.
- GUTIERREZ, Francisco. Linguagem Total: uma pedagogia dos meios de comunicação. São Paulo, Summus.
- KIRST, Nelson. Rudimentos de homilética. São Paulo, Paulinas, 1985.
- LAPOUGE, Gilles. Pecado e Culpa no Ocidente. Jornal o Estado de São Paulo, 11/03/84.
- LIMA JUNIOR, Joviano de. A Eucaristia que celebramos. São Paulo, Paulinas, 1986.
- LIMA, Luis Duque. Verdades da Fé. 3ª edição, Petrópolis, RJ, Vozes, 1990.
- MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria, Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 2ª edição, São Paulo, Atlas, 1990.
- MOHANA, João. Como ser um bom pregador. São Paulo, Loyola, 1993.
- NATTIEZ, J. J. (dir.). Problemas e Métodos de Semiologia. Paris, Didier & Laurusse, 1966.
- NETO, J. Teixeira Coelho. Semiótica informação e comunicação. 3ª edição, São Paulo, Perspectiva, 1990.
- O DOMINGO: Semanário Litúrgico-Catequético. São Paulo, Pia Sociedade de São

Paulo, Ano LXII - remessa XIV - 13/11/1995 - N° 53.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. A linguagem e seu funcionamento: As formas do discurso.

2ª ed., Campinas, São Paulo, Pontes, 1987.

———, org. Palavra, Fé, Poder. Campinas, SP., Pontes, 1987.

PAPA JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-sinodal. Sobre a Formação dos

Sacerdotes: “Pastores Dabo Vobis”. 3ª edição, São Paulo, Paulinas, 1992.

———. Código de Direito Canônico: *Códex Iuris Canonici*. São Paulo, Loyola, 1983.

———. Catecismo da Igreja Católica. Petrópolis, RJ., Vozes, 1993.

PAPA PAULO VI. Exortação Apostólica sobre a evangelização no mundo

contemporâneo: *Evangelii Nuntiandi*. 3ª edição, São Paulo, Paulinas, 1976.

PAPA PIO XII. Sacra Virginitas. São Paulo, Paulinas, 1962.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio.

Campinas, SP, UNICAMP, 1988.

PEDRO, Aquilino de. Dicionário de termos religiosos e afins. Aparecida, SP.,

Santuário, 1993.

PIGNATARI, Décio. Semiótica & literatura: Edição reorganizada e acrescida de

novos Textos. 3ª edição, São Paulo, Cultrix, 1987.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. Pornografia e

Violência nas comunicações sociais uma resposta Pastoral. São Paulo, Paulinas,

1989.

———. Aetatis Novae. No vigésimo aniversário da “Communio et progressio”. Uma

revolução nas comunicações. São Paulo, Paulinas, 1992.

SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. As Religiões ontem e hoje. São Paulo, Paulinas, 1982.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da. Semiotização Literária do Discurso. Rio de Janeiro, Elo, 1984.

SÍNODO da Arquidiocese de Curitiba. Marco da Realidade. Curitiba, PR, Educa, 1988.

———. Marco Doutrinal. Curitiba, PR. Educa, 1991.

———. Objetivo Geral, Prioridades e suas Diretrizes Pastorais. Curitiba, PR, Educa, 1993.

STUDIUM THEOLOGICUM. Programa dos cursos e calendário escolar - 1995. Curitiba, PR., Ed. Universitária Champagnat.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ Biblioteca Central. Normas para apresentação de trabalhos. Parte 2, 5, 6, 7, 8. 2ª ed., Curitiba, PR., Editora da UFPR, 1992.

GLOSSÁRIO:

ARQUIDIOCESE - Diocese que é a cabeça de um conjunto de Dioceses que forma uma província eclesiástica. A Arquidiocese é regida por um Arcebispo.

DOGMA - Do grego profano com sentido de “decreto”, “mandato”, passou nos primeiros séculos cristãos a significar tudo aquilo que se “impõe à crença e à prática cristã”. Afirmação doutrinal precisa que a Igreja definiu de forma solene. Sua aceitação é obrigatória para todos os membros da Igreja. Quem a rejeita, cai na heresia e está fora da comunhão com a Igreja. As controvérsias sobre pontos doutriniais importantes são geralmente as que levam a estabelecer uma verdade como dogma; Em geral, uma crença que se sustenta com uma certeza injustificada, sem que tenha sido colocada em questão.

ENCÍCLICA - Documento do papa em forma de carta dirigida aos bispos, aos fiéis e às pessoas dispostas a escutá-lo, sobre um determinado tema, geralmente de caráter doutrinal.

ESCATOLOGIA - (Grego>*eschata* = últimas coisas) Doutrina ou tratado sobre as últimas coisas, sobre a consumação do tempo histórico e da vida terrestre do homem. O Novo Testamento apresenta Jesus Cristo como Aquele que realizará a consumação da história da humanidade; A formação de idéias sobre o fim da vida ou sobre o fim do mundo.

EVANGELIZAÇÃO - Missão da Igreja que consiste não só em levar aos homens a mensagem de Cristo e sua graça, senão também em penetrar do Espírito Evangélico as realidades temporais e aperfeiçoa-las.

O processo de evangelização é definido em três etapas sucessivas:

1ª - ação missionária - com os não crentes.

2ª - ação catecumenal - com os recém convertidos.

3ª - ação pastoral - com os fiéis da comunidade cristã.

LITURGIA - Ordem e forma para a celebração dos ofícios divinos; conjunto de sinais sensíveis e eficazes de santificação e de culto da Igreja; é a oração oficial da Igreja, isto é, o conjunto de celebrações estabelecidas por ela para o culto comunitário.

MAGISTÉRIO - Na Igreja Católica, é o exercício comum da autoridade doutrinal. Possui primeiramente caráter pastoral e depois função governativa. É competência a cuja frente está o Papa.

Obs.: Documentos do Magistério são escritos nos quais se encontram os ensinamentos dos papas e dos bispos.

MISSA - (Latim > Missa = despedida). Ato Litúrgico com que a Igreja comemora a ceia de Cristo e o sacrifício redentor da cruz. É o sacrifício eucarístico, fonte e ápice de toda a vida da Igreja, em que se oferece a vítima divina pela salvação do mundo. A missa é hierárquica por ser presidida por um membro da hierarquia da Igreja é também comunitária, por se constituir na verdadeira assembléia do povo de Deus.

A missa está estruturada em:

a - Rito de entrada.

b - Liturgia da Palavra.

c - Liturgia Eucarística.

d - Rito de Comunhão.

e - Rito de despedida.

PARÓQUIA - No sentido territorial, é uma porção da diocese confiada ao trabalho pastoral do pároco. No sentido pessoal é o conjunto de fiéis ligados pelos laços comuns da língua sob os cuidados pastorais de um sacerdote.

A idéia básica que fundamenta a paróquia é a conveniência pastoral, embora depois lhe sejam acrescentados os aspectos jurídicos e administrativos.

PASTORAL - A atividade espiritual dos pastores nas comunidades religiosas. A arte de dirigir os fiéis, de exercer o apostolado junto aos diversos grupos e de agir de forma organizada e metódica para levar a mensagem religiosa à vida dos homens.

SÍNODO DIOCESANO - É uma assembléia de presbíteros e de outros fiéis escolhidos para ajudar o bispo em seu trabalho pastoral. Reúne-se quando o bispo o julgar conveniente. É composto por alguns membros de direito (os que têm as responsabilidades mais significativas na diocese) e por outros eleitos pelo clero diocesano e pelo clero religioso; o bispo pode nomear mais algumas pessoas como membros ou como observadores.

ANEXO

HOMILIAS

HOMILIA - 01

Duração: 08': 29''

É estranho como pessoas , muitos de nós aqui, que somos curiosos, em relação a acidentes, acontece alguma batida por aí e a gente corre pra ver o sangue, pedaços de gente, pedaços de carros , quando o noticiário do Aqui&Agora, com toda aquela corrida de polícia pra lá e pra cá, a gente quer ver tiro, quer ver morte a gente têm um fascínio, alguma coisa que faz, que puxa a gente, pra ver esse tipo de cena de destruição e de morte, e a mesmo tempo alguma coisa também puxa a gente pra trás, porque a gente se coloca no lugar daqueles pedaços ali no meio da estrada , e é claro não gostaria de estar ali. O fim do (...) é alguma coisa que sempre atraiu a curiosidade das pessoas, nós já passamos, esse planeta aqui já passou por uma era glacial, certo? Ficou todo geladinho e quem sabe nessa época os nossos amigos dinossauros desapareceram e tantas outras espécies de animais desapareceram também. O ser humano veio bem depois, quando estava próximo do ano 1000, depois de Cristo, na idade média, todo mundo esperando que não ia passar do ano 1000, que quando batesse o sino à meia noite da entrada do ano 1000, esse mundo ia acabar, e muita gente que talvez estivesse esperando esse final está decepcionada, não até hoje quem morreu, também já passou 1000 anos e agora nós estamos aí na porta do ano 2000, faltam só 5 anos, e é interessante um monte de estórias que circulam por aí, as pessoas ficam vendo essas guerras que tem pra lá e pra cá, essas doenças, AIDS, ficam vendo as transformações que a sociedade vai sofrendo, e elas vão lendo tudo isso e dizendo: - Do ano 1000, do ano 2000 não vai passar, lá na minha cidade em Sto André, São Paulo, na entrada do bairro, tem uma praça, que tem uma imagem de nosso Senhor, e ele tá com os braços, com o braço direito assim, né, numa atitude de quem dá a

benção, mas tá com os dois dedinhos levantados dessa maneira, então todo mundo que chega ali e olha aquilo lá, tem a impressão, né, a 2000 chegarás e de 2000 não passarás, e como a entrada da cidade também é um bairro é uma estação ferroviária e desce muita gente que vem, de vários pontos do estado e lá do nordeste também, tem gente que faz piada em cima né, Jesus Cristo contrata assim, chega de baiano aqui, chega de nordestino né, isso é piada de mau gosto, mas as pessoas ficam ligadas em números e a gente também fica imaginando como vai ser o fim do mundo, é a nossa fé ela não está preocupada com isso, no como vai ser o fim do mundo, assim como a nossa fé também não se preocupa em como começou esse mundo, isso aí é um problema da ciência, a ciência que vai descobrir como que esse universo começou, como que o ser humano veio aqui nessa terra e assim por diante. O problema da bíblia, o problema da nossa fé não é o como, mas o porque. São duas perguntas bem diferentes. Por que esse mundo existe? Foi um gesto criador de Deus, não se sabe como ele fez, mas foi um gesto criador, e um gesto de amor da parte dele de criar esse universo todo e de colocar cada um de nós aqui.

A gente sabe que a matéria não é eterna, ela teve um início e provavelmente vai ter o seu final também. Agora isso é um problema que não compete a nós saber quando e nem como vai ser. O próprio Jesus fala que no Evangelho os anjos não sabem, nem o Filho sabe, só o Pai sabe isso é um problema de Deus. Também é um problema nosso no sentido da gente se preparar pra isso né, mas quando se fala nesse sentido, se preparar para o final do mundo a gente pode correr o risco daquelas seitas meio fundamentalistas que vão partindo para alguma coisa pior do que aquilo que a gente pode imaginar. Vocês lembram daquilo que aconteceu lá nas Guianas com aquele pastor, o, como é que era, o Jim Jones, né Jim Jones, sei lá alguma coisa assim, bom, um grupo de pessoas, muita gente, fanatizada, por uma religião, por uma seita, que

estava ali esperando, se preparando para o final do mundo e chegou o dia e todo mundo morreu mesmo, envenenado, claro né. Aconteceu agora, há pouco tempo, aí, na Suécia, Suíça, também, a mesma coisa, um grupo de pessoas de uma seita religiosa, fanática, esperando o final do mundo. Muita gente, morreu ali, envenenado também e com tiro na cabeça ainda por cima para morrer mais depressa, esse tipo de coisa, é fruto do fanatismo, da ignorância religiosa, quando Jesus fala assim no Evangelho: ninguém sabe, então não adianta ficar arriscando palpites, se acabasse amanhã, se acabasse daqui um minuto, se acabasse daqui 400 anos, ou como algum cientista andou falando esses dias ai que a Terra tem mais ou menos ainda uns 4 milhões de anos de existência. Então posso ficar tranquilo, que nós não vamos ver esse fim de mundo aí. Não importa, o que importa é que a gente esteja preparado para aquele fim de mundo que é de cada um de nós, aqui, nós não somos eternos aqui, nesta Terra, a nossa alma é imortal, mas o nosso corpo vai pro caco, basta ver aquilo que está acontecendo com cada um de vocês, aqui a gente vai envelhecendo, a gente vai perdendo a beleza, a gente vai perdendo a saúde, a gente vai perdendo a agilidade, a gente vai perdendo um monte de coisas, e chega aquele momento em que a gente perde tudo mesmo. Temos que devolver a Deus aquilo que é dele. A vida. A nossa (...) essa não morre, então, a gente vai vendo que nessa vida, aqui, já vai acontecendo as pequenas mortes do dia a dia, nós vamos morrendo aos poucos é tanta coisa, e ao mesmo tempo também nós vamos ressuscitando para outras coisas, cada vez que uma pessoa toma consciência dos seus erros, cada vez que ela toma consciência do seu egoísmo, cada vez que ela percebe que as atitudes, o comportamento dela, estraga a vida dos outros, torna a vida infeliz, e ela muda o seu jeito, ela morreu, ela morreu pra o seu egoísmo, ela morreu para o seu individualismo e ela ressuscita para uma vida nova. O nosso povo tem um ditado muito simples e muito certo que diz assim né “ A

árvore tomba pro lado que cresceu.”, então se a nossa vida vai crescendo pro lado do egoísmo, pro lado do individualismo, da indiferença, é claro que num momento em que o machado for posto na raiz vai cair, vai tombar, vai tombar para aquele lado, e nós damos o nome daquele lado lá de inferno. E inferno não é aquilo que a gente aprendeu, quando era criança, de ver aquele fogaréu, as almas despencando, lá não se sabe de onde, o diabo era embaixo assando todo mundo com espeto e fazendo aquela coisa né. Aquilo é só uma imagem pra mostrar o sofrimento, quem já levou uma queimada de ponta de cigarro, água fervendo, ou qualquer outro tipo de queimada sabe bem como, quanto dói, mas aquilo é só um símbolo daquela dor maior de quem tá condenado a viver eternamente sem Deus, porque, Deus é tudo, Deus é a felicidade, Deus é a religião de todo o ser humano e o inferno é uma existência sem Deus, é nada, é o absurdo, é o fim da picada em poucas palavras. Ao contrário se essa árvore, essa minha vida, essa nossa existência que ela vai crescendo pro lado do amor da solidariedade, do perdão, da misericórdia, da justiça, então, quando ela tombar, que vai tombar também, até Jesus Cristo morreu, vai tombar, mas vai tombar, e vai cair nos braços de Deus, então aquelas, imagens do paraíso, anjinhos voando pra lá e pra cá, aquele jardim, é só imagem pra mostrar aquele bem estar, aquele estado de espírito de quem está em paz consigo mesmo, de quem está em paz com a humanidade, de quem está em paz com Deus, está realizado, chegou a completar finalmente o sentido da sua existência, então concluindo, é bom pensar na morte, porque um dia a gente vai morrer, pode ser saindo aqui da igreja, passa um ônibus ai meio desgovernado e cata todo mundo aí no meio da estrada e tchau. Pode ser que dure mais 50 anos, pode ser que dure mais 80 anos, lógico que aqui ninguém vai passar dos 90 não, né ou mais 90 anos. A vida humana ela tá cada vez se reduzindo mais, apesar de todo o avanço da ciência da medicina, quando a gente percebe que a idade média das pessoas tá

abaixando, por causa do stress, por causa de tantas doenças, por causa de tantos problemas, então pode ser que um dia a morte venha e toc, toc, toc na nossa porta, pode vim, entre na carruagem e vamos partir pra outra. Ficar só pensando na morte não é bom negócio, tem gente que já anda encomendando caixão, já anda vendo funerárias, já anda vendo floricultura né, quer deixar tudo preparado, isso aí é exagero também, agora não pensar nela, como se fosse viver aqui eternamente, também é outro exagero, então o melhor é equilibrar as coisas, viver a vida intensamente, cada minuto, cada dia, cada tempo que Deus ainda nos concede, e viver essa vida para fazer o bem, porque um belo dia ele chama de volta aquilo que ele deu, que não é nosso e ele vai cobrar aquilo que foi dado, aquelas moedinhas que foram emprestadas para render juros, no nosso nascimento, elas vão ser cobradas por Deus, com juros e correção monetária, e considerando a influência da inflação aqui no Brasil, apesar do Real agora, vai ter muita cobrança de juros e correção em cima de tudo aquilo que nós recebemos de Deus e vamos ter que entregar para ele.

Então não se preocupar muito com o juízo final, nós vamos passar tranqüilamente o ano 2000 e nós vamos continuar caminhando ao encontro desse Deus aí, mas é importante que a gente caminhe, construindo aqui, aquilo que é o destino da humanidade, a gente precisa jogar para fora da janela os profetas do mau agouro, os profetas da infelicidade, os profetas das catástrofes, os profetas enfim da infelicidade, aqueles profetas do pessimismo que falam que o fim da humanidade é morte, é destruição e ponto final. A nossa fé cristã fala que o fim da humanidade não é isso, o fim da humanidade é vida plena. Jesus mesmo falou: “*eu vim trazer vida e vida em abundância*” para todos que querem segui-lo e viver a sua mensagem. Então as leituras de hoje apesar de falar de fim de mundo elas dão essa esperança de quem está ligado a Deus, grudado nele e construindo aqui o seu reino, um reino de paz, um

reino de fraternidade, de justiça, de solidariedade entre as pessoas, e a gente fazendo isso e lutando sinceramente por isso, mesmo diante de todas as dificuldades, quando chegar aquele momentinho que não é escolha nossa, é escolha dele nós vamos entregar com maior tranquilidade, com a maior serenidade e dizer pra ele, toma de volta aquilo que o senhor me deu de graça, eu também entrego novamente de graça e junto com essa entrega tudo aquilo que de bom eu fui construindo nessa vida, não só pra mim, mas sobretudo pros outros. É isso que a gente vai levar, não vamos levar dinheiro, não levar fama, não vamos levar o poder, não vamos levar um monte de “titica” que a gente ganha fazendo por aí, o que nós vamos levar é o bem que a gente deixa aqui nessa Terra nas pessoas com as quais a gente convive. Só isso nós vamos levar. O resto apodrece, o resto os vermes vão comer lá no caixão, os parentes vão se encarregar de tomar posse daquilo que a gente deixa e nós vamos partir apenas com o bem que fizemos aqui, nada mais. Por isso que pensar na morte é também pensar no bem que a gente ainda pode fazer aqui. São Francisco dizia lá pros seus frades, né : *“Enquanto a gente tiver tempo, façamos o bem, porque o resto não se leva”*.

HOMILIA - 02

Duração: 9':30''

Amados irmãos e irmãs, aqui nós estamos encerrando o dia do senhor e nós quisemos encerrá-la com a nossa participação na missa, nós iremos colocar a missa que acabamos de celebrar, a semana que terminou ontem, o nosso trabalho, a luta, o sacrifício, muitas vezes as ofensas, as injúrias, recebidas injustamente e, tudo isso nós iremos colocar no altar e unidos com Cristo iremos apresentá-la a Deus Pai e num ato de louvor, de adoração e de agradecimento e ao mesmo tempo é um ato de petição “Senhor precisamos da tua força e da tua graça, aqui nós estamos, para que encontrando-se entre nós e um animando o outro poder ter sempre aquela firme esperança. Nós iremos encontrar-se definitivamente, lá na casa do Pai. Sim viemos aqui para ouvir a palavra de Deus, a (...) cada vez mais a nossa vida nessa palavra, vivê-la e transmiti-la aos outros. Acabamos de ouvir as três leituras aonde a fé refere-se a um ponto. O juízo universal nós vemos o profeta Daniel, como ele fala bem claro, no Antigo Testamento que tudo isso irá acontecer para testemunhar, quem é Deus. Para o justo, irão receber o que souberam praticar de bem aqui na terra, para quem não quiseram praticar o bem e foram injustos, irá receber a condenação, na perdição no inferno. A separação completa entre o homem, feito por Deus, é Deus esperando ele nunca mais. Na segunda leitura nós vemos a carta aos Hebreus como é bem colocado Cristo, ofereceu-se uma vez para sempre, para poder remir a humanidade reconciliá-la, como o pecado tinha cortado, esta amizade com o Pai, Cristo com a sua paixão e morte com a sua cruz ele será o intermediário entre as pobres criaturas que somos nós e Deus onipotente e eterno. E fala bem claro, por meio deste sacrifício nós somos

salvos. Porém se nós não aproveitarmos disto, qual será a nossa sorte. No evangelho São Marcos coloca o juízo universal, o juízo será feito por três pontos: Um - para recompensar o bem que foi feito nos justos. Segundo - para condenar aqueles que não quiseram aceitar o Cristo como eterno juiz. Terceiro ponto - para poder glorificar, a grandeza de Deus onde veio para salvar a humanidade. Para, encerrar a nossa sorte, se nós soubermos por em prática os ensinamentos que Deus deixou, que Cristo ensinou e que a igreja nos manda, nós iremos receber a recompensa eterna - O Céu - não quisermos por em pratica isso, nós seremos condenados para sempre. Amados, porque o juízo universal aqui nós vemos a ressurreição da carne, quem souber aproveitar deste corpo, para fazer o bem, se eu fiz algum ato de bondade, se ajudei quem precisava, simplesmente com meu pensamento, eu não teria feito nada . Mas através das minhas mãos, das minhas palavras, da minha oferta a quem precisa, este corpo diz o que o pensamento (...), e também ele tem todo o direito de receber a recompensa eterna.

E assim ao fim do mundo, essa nossa alma irá buscar aquele corpo, e alma e esse corpo irão receber a recompensa eterna no céu. Não quisemos por em prática o que Deus nos manda, o que Cristo nos ensinou qual será a recompensa? A separação completa de Deus. O que é o inferno? Quando nós falamos de inferno , a gente coloca fogo. Bem sabemos que fogo é tremendamente doloroso se um de nós alguma vez queimou um dedo, um pé, não sei o que, como dói, pra demonstrar que não existe dor maior do que este do fogo. Mas no inferno não será o fogo que nós pensamos, imaginamos. Aquilo que irá fazer sofrer tremendamente, não por um tempo mas por toda a eternidade, este nosso corpo e nossa alma, a separação de Deus. Nunca mais. Eu não quis escutar as boas inspirações, que o meu pensamento, a minha alma me sugeriu e quis aproveitar do meu corpo pra fazer o meu comodismo, qual será a recompensa? A condenação eterna. E como por meio deste corpo, não quis fazer o

bem a alma e corpo serão condenados para sempre na eternidade do castigo, da privação de Deus. Nós somos feitos para encontrar-se com Deus, fomos feitos a imagem de Deus, mas naquele momento em que nós não soubermos por em prática tudo isso, será o corte completo e aquilo que nosso grande destino irá atormentar alma e corpo, por tantas poucas coisas eu perdi a grandeza imensa da vontade de Deus e não haverá mais perdão. Aquela pessoa que não quis acreditar em Cristo, que ele veio remir (...) Ele irá aparecer na sua glória, com todo o seu poder e colocando-se no meio de toda a humanidade, irá dar a recompensa a quem for fiel ao seu ensinamento e irá castigar a quem não quiseram por em prática. Isto é a meditação deste domingo, praticamente este é o domingo do ano litúrgico, não do ano civil, no próximo domingo nós iremos celebrar como encerramento do ano litúrgico a festa de Cristo Rei. Hoje a igreja nos coloca de frente para poder reassumindo, tudo aquilo que nós fizemos durante este ano litúrgico, onde cheguei eu agora na minha vida de Cristão, no mundo em que estou vivendo, tive vergonha de aparecer cristão, não tive coragem de defender o direito da minha consciência, fui injusto comigo mesmo e com os outros, qual será a recompensa? Nós acabamos de meditar o que nós ouvimos nestas poucas palavras. Amados, encerrando estas poucas palavras nós queremos colocar um pensamento: - A legião de Maria - sim por meio de Maria, veio o Cristo, Cristo precisou desta criatura, para assumir a natureza humana. Maria calocada no meio das igrejas do seu Filho Jesus, está continuando a mesma missão, por meio de nós cristãos todos e depois por meio da legião de Maria, onde na realidade este nome merece o título de militarismo, de exército, onde se mede sem vergonha quem está no meio deste mundo com toda a humildade, com toda franqueza, para ensinar o caminho aos irmãos, o certo, para afastar os irmãos do caminho errado, para indicar o mundo,

será salvo por meio de nossa Senhora e nesta maneira que nós hoje queremos celebrar o aniversário da legião de Maria, aqui.

HOMILIA - 03

Duração: 9':87"

Este é o penúltimo domingo deste nosso ano litúrgico, pois no próximo já estaremos celebrando nosso senhor Jesus Cristo Rei do universo, que é sempre celebrado no último domingo de cada ano litúrgico, como em todos os anos nesses últimos domingos, a palavra de Deus nos faz refletir sobre o fim dos tempos, quando nós esperamos o retorno glorioso do Senhor, todos nós nos preocupamos, ficamos assustados quando escutamos algo a respeito do fim dos tempos, mas não é isto que Deus quer de nós, ele simplesmente nos lembra sempre deste fato da nossa vida, para que estejamos preparados e esperemos este dia com alegria e confiança, mas nunca com medo e angústia. Os novos tempos com novo céu e nova terra, já começaram com a primeira vinda de Jesus, com a encarnação e depois com a morte e ressurreição de Jesus, já teve início a última fase da história, desde então entrou definitivamente na história dos homens o dom da salvação a graça de Cristo, desde então Deus está reunindo todos os seus filhos dispersos numa só família, nós já fazemos parte dos últimos tempos e esperamos somente a plena realização das promessas de Deus e desta plenitude da realização das promessas de Deus que fala a palavra de Deus que acabamos de escutar. Daniel descreve o dia do senhor, não como um dia de punição, mas como um dia de salvação, Deus enviará seus anjos para o julgamento final dos homens, mas este julgamento não será baseado na tirania ou na punição e sim na bondade e na misericórdia de Deus.

Os filhos de Deus passarão por tribulações, para que sejam purificados de suas últimas faltas, e assim possam apresentar-se diante de Deus, santos e imaculados, como Deus quer que sejam todos os seus filhos. Contando também as tribulações por que haveremos de passar nos dias do Senhor, não são castigo e punição, mas dom, fruto da bondade de Deus que até na última hora nos oferece mais uma oportunidade, para purificarmo totalmente e apresentarmo-nos diante Dele radiantes de santidade. Naquele dia não só os vivos serão julgados, mas também os mortos, todos eles despertarão e ressuscitarão, tanto os bons como os maus, os bons receberão um prêmio pelo bem que tiverem feito, serão totalmente lavados e purificados pela misericórdia divina, e então entrarão para a vida eterna onde contemplarão a Deus face a face e desfrutarão da recompensa que Deus reservou e preparou para eles desde a eternidade, os maus também ressuscitarão, mas para a vergonha e a rejeição eterna, eles que durante toda a vida rejeitaram Deus, não viveram no amor, desprezaram o bem e a justiça, naquele momento serão dominados pelo mau que os guiou durante toda a vida e não terão forças suficientes para abraçarem o amor de Deus, permanecendo na vida. A eternidade para estes será triste, porque todo o homem foi criado por Deus e para Deus e a sua alma não repousa até que não volte para Deus; tanto entre os vivos como entre os mortos, os que foram sábios, deixando-se guiar pela sabedoria de Deus nesta vida acolhendo e cumprindo a vontade de Deus, brilharão como brilha o firmamento, serão revestidos da santidade de Deus, diante da qual o brilho e a beleza do firmamento não são nada. Do mesmo modo aqueles que nesta vida praticaram a justiça, segundo os critérios de Deus e ensinando os outros a viver e praticar a justiça, também brilharão como, as estrelas. O bem que fizeram e a justiça que praticaram florescera e os fará entrar definitivamente para a vida, onde viverão para sempre a íntima comunhão com Deus. Suas almas repousarão

eternamente em Deus. Ora tudo isso nos confirma que devemos esperar o fim dos tempos, o dia do Senhor não com pânico e angústia, mas alegres e confiantes fazendo toda espécie de bem e praticando a justiça, pois eles nos conduzirão à vida e farão brilhar em nós a Glória de Deus. Também Jesus no evangelho de hoje nos fala no fim dos tempos, numa linguagem muito semelhante àquela de Daniel, também Jesus inicia declarando que o seu dia será precedido por grande tribulação, tribulação esta que não virá como castigo ou punição mas como último gesto concreto do amor infinito de Deus, que até no último instante oferecerá, uma nova chance a todos aqueles que até então não haveria, não haviam ainda abraçado plenamente o seu amor. Se estes, acolherem com amor este último gesto da bondade de Deus e passarem firmes e confiantes pela tribulação, também eles serão purificados e brilharão como os astros, porque resplandecerá neles a santidade de Deus Pai. Depois Jesus disse que o sol vai escurecer a lua não brilhará mais, as estrelas começaram a cair e as forças do céu serão abaladas. Ora tudo isso Jesus usa para mostrar-nos ou dar-nos uma idéia de quanto será grande e profunda a transformação que Deus realizará em toda obra da criação, na ocasião da sua segunda vinda. Tudo será novo, tudo será diverso, por que em tudo resplandecerá a grandeza e a sabedoria do Deus criador. Não serão só os homens que serão totalmente transformados pela bondade e misericórdia de Deus mas com eles toda a obra da criação, pois tudo foi criado por Deus e para Deus.

Esta transformação total de todas as coisas que fará o nosso futuro com Deus não acontecerá toda ela de um momento para o outro, pois ela já foi iniciada por Cristo, quando ele entrou na nossa história e vai se prolongando no espaço e no tempo através do serviço e do testemunho de todos aqueles que formam a Igreja o corpo visível de Cristo. Através da sua igreja Jesus vai lenta e pacientemente, transformando o coração dos homens, bem como a obra da criação. Quando tudo estiver de acordo com o plano

do Pai, então Ele aparecerá cheio de glória e poder para reconduzir tudo e todos ao seio do Pai. naquele dia Jesus glorioso chamará dos quatro cantos da Terra, todos os filhos de Deus dispersos, que nesta vida lhe foram fiéis, amando a Deus e ao próximo acima de todas as coisas e praticando o direito e a justiça. Tudo isto acontecerá porque esta é a promessa de Deus, todas as coisas criadas passarão mas a palavra de Deus que é sempre viva atual e eficaz, não passará. Ninguém sabe, nem mesmo Jesus quando será o dia e a hora do seu retorno glorioso pois este é um segredo que o Pai reservou somente para si. Ele é parte do misterioso plano salvífico de Deus. O fato de ter conservado isto no seu segredo é mais uma prova que Deus não quer a nossa preocupação a respeito deste dia. O que ele quer é que vivamos bem cada instante, que a sua graça nos concede nesta vida, observando os seus mandamentos e cumprindo a sua vontade, quanto mais perfeitamente os filhos de Deus viverem a sua fé, mais rapidamente acontecerá este dia do retorno glorioso do Senhor, que será um dia de alegria e de júbilo, no qual receberemos o prêmio pela nossa fidelidade ao Senhor. Temos que ser sempre vigilantes e ativos, como se cada minuto da nossa vida fosse o último, assim nunca seremos tomados de surpresa. Temos que viver cada dia dando comida a Jesus que se apresenta no nosso caminho e nos pede ajuda na pessoa do faminto, dando água a Jesus que se apresenta na pessoa do sedento, vestindo Jesus que se apresenta na pessoa do próximo que não tem o que vestir, visitando Jesus que está preso ou doente na pessoa do próximo e acolhendo com caridade a Jesus que se apresenta na pessoa do estrangeiro, que também é nosso próximo, pois é em base a estas coisas que o Senhor nos julgará. Amém.

HOMILIA - 04

Duração: 11':03"

Jesus disse: Todas as coisas, as estruturas, os poderes, passarão, mas a sua palavra jamais passará. O profeta Daniel no Evangelho mostra que os maus, os tiranos, a injustiça, não vai ser para sempre. O profeta Daniel já dizia que aquele tirano que dominava sobre o povo, que oprimia o povo de Israel ele vai cair um dia. E Jesus mostra que diante dos sinais ou das catástrofes que possam acontecer, os cristãos devem enxergar aí um sinal de que devem ver o seu compromisso com o Reino de Deus. Os conflitos devem ser assumidos pela comunidade dentro do projeto de Deus, diante da incerteza do futuro muitas pessoas, não são capazes de assumir o presente, de assumir nada a longo prazo. Tudo, todos os compromissos, acabam sendo, transitórios demais, casamento só por enquanto, o compromisso com a comunidade é só por enquanto, a luta pela justiça e pela libertação é só por enquanto e assim por diante. Como que a gente pode se comprometer, se não se sabe o que vai acontecer daqui pra frente? Pra que se comprometer? É o que muitos perguntam. As pessoas precisam de um ponto de referência, que seja firme, que seja estável na sua vida. E Jesus diz qual é esse ponto de referência, é a sua palavra, que não passará, porque todo o resto passará. Dos sonhos de progresso que a humanidade tem, depois desses sonhos, o mundo vai tomando consciência, de que talvez esteja cavando o seu próprio túmulo. Só a gente ver aí o progresso que acaba sendo, desmatamento, tornando desertas as terras, envenenando os alimentos e os recursos da natureza, poluindo e assim por diante. Nos países ricos faltam nascimentos, estão se tornando países de

velhos, nos países pobres como a nossa América Latina, as crianças morrem subnutridas. Dom Mauro que é o bispo que está presidindo esta campanha contra a fome foi lá na Europa dizer que se todo mundo quiser seguir o padrão de consumo, de alimentação, de bem estar lá da Europa, vai faltar recursos no mundo para isso. É preciso diminuir esse padrão, o consumo está no exagerado luxo e bem estar desses povos. Em contradição com esses nossos povos da América Latina que tem o seu futuro inseguro. Diante disso em vez de reagir com responsabilidade, colocando-se os devidos limites, muitas pessoas, países, instituições, respondem com irresponsabilidade, dizendo vamos aproveitar hoje, porque amanhã pode acabar tudo. Vamos destruir o que, que nós temos e os que vem depois, eles que pensem em si mesmos. Assistem assim como que de camarote a destruição, ou a própria desintegração da humanidade, no meio disso tudo a palavra de Jesus é que é a referência. Tudo passará e a palavra não passará. Por que? Porque é a palavra que vem do projeto do amor, da fidelidade, da solidariedade, da doação da vida até o fim. Por isso nunca passa, supera o fim da vida, supera o fim do mundo e de tudo o que esse mundo construiu. É um amor sem fim, ainda que passe a TV a cores, o amor fraterno nunca vai passar, ainda que, não haja mais como manter um carro particular, nunca a gente será dispensado de visitar e acolher os irmãos, ainda que feche todos os supermercados, os shopping centers, ou todos os sinais do avanço dessa sociedade consumista, nunca podemos fechar a mão para os pobres, nunca o amor vai cair de moda, a palavra de Jesus jamais passará. Então o que Jesus ensinou, o que Ele mostrou, sempre vai estar correto, vai ter sentido, se nos aplicamos nossa vida nesse sentido das palavras de Jesus, no seu projeto, que é o ponto de referência do cristão, então podemos ficar tranquilos, nós estamos aplicando nossa vida, naquilo que é seguro, o que Jesus ensina, nunca vai ser corroído pela inflação, ou pelo desgaste das

coisas deste mundo. Nós costumamos pensar que as coisas definitivas, a vida definitiva, o eterno, o imortal é só aquilo que vem depois da morte, a ressurreição da vida é assim que a gente foi acostumado a pensar, mas na realidade a nossa ressurreição já começou, nossa ressurreição já está acontecendo, na ressurreição de Cristo, e prova que a sua palavra permanece, pela ressurreição de Cristo, esta comprovado que o que Ele ensinou, o que Ele viveu é verdadeiro. Deus Pai confirma a obra do seu filho. A prática de Jesus, não perde a sua qualidade, observando a sua palavra, e vendo a sua prática de vida, nós já estamos vivendo aquela vida sem fim, que Jesus Cristo veio trazer, que vem de Jesus Cristo, que é a vida de Jesus Cristo, a ressurreição. Mesmo que se levar ainda algum tempo antes que ela se manifeste de modo total e universal, e que sejam libertas todas as coisas, estruturas deste mundo. O que Jesus quer nos ensinar é que nós, não devemos nos preocupar, com o fim das coisas. Mas com o que estamos aplicando à nossa vida. O fim do mundo é o fim da nossa vida. Portanto Jesus disse que a gente não deve se preocupar com o que vem depois desta vida, mas que devemos ter a sua palavra, ninguém sabe o dia, nem a hora, mas o importante é não deixar passar a palavra, viver o evangelho em nossa vida, aqui nas situações que nós estamos vivendo agora. A vivência do amor, da justiça, não deve ser corroída por nada, é antecipar o reino futuro, é fazer esse reino acontecer aqui, em semente, em germe, em sinal, sacramento desse reino, que vai se realizar depois, precisamos antecipar esse grande banquete da vida, da solidariedade, da união entre as pessoas. O cristão, ele constrói o futuro, já no presente, não fica esperando de braços cruzados, pra que esse futuro apareça, unido aos outros cristãos, vivendo em comunidade, ele constrói a salvação, porque ninguém se salva sozinho, mas nós nos salvamos unidos uns aos outros em comunidade. Vamos expressar isso através da nossa fé, que nós celebramos e através do batismo no qual essas crianças vão se inserir

na comunidade, nesse caminho de Jesus Cristo, que é o caminho de doação, de serviço, de luta pelo Reino de Deus, solidariedade, participação em comunhão com os seus irmãos. Queridas crianças que o Cristo Salvador dê a vocês a sua força, que essa força do Cristo penetre em suas vidas, como esse óleo vai penetrar nos seus peitos, para dar essa força que vem do alto, para lutar contra o mal e pelo reino de Deus. Sozinhos somos fracos, contra o mal, precisamos da força de Deus, que nós encontramos na comunidade, na palavra de Deus, nos sacramentos, na oração.

HOMILIA - 05

Duração: 18':02"

(não compreensível) aquele tempo não havia o conforto de hoje, uma estrada acessível, luz elétrica, água e tudo o mais, mas elas sabiam como São Vicente de Paulo tinha ensinado, como Santa Luiza de Marillac já formou as suas primeiras irmãs elas sabiam que elas deviam dar-se à Deus a serviço dos pobres, por isso hoje seja um dia de alegria, um dia de ação de graças e que elas estejam na glória junto com todas as demais em doze viagens, cinquenta irmãs, segundo consta, restando apenas uma outra, uma segundo vi no relatório que eu recebia - Irmã Joana - por isso hoje é o dia de louvor e ação de graças pelo passado. Mas nós devemos viver o presente, estamos vivendo o presente, e vendo hoje só desta província 508 irmãs e 79 casas em tantas escolas, hospitais, asilos, educandários, creches, pastorais. Estamos vendo as filhas da caridade hoje em trabalhos pastorais tão diversificados. O presente então é uma tomada de consciência para viver o passado, tudo aquilo que tem de bom, mas ao mesmo tempo estamos na modernidade, estamos vendo como devemos evangelizar hoje. Uma nova evangelização diz o Papa. Não que a antiga não fosse válida, não que aquilo que as irmãs fizeram há 90 anos não fosse válido, se há alguma sombra, há muito mais luz, como disse Santo Domingo, nos 500 anos de evangelização da América, hoje coloquemos as luzes já fizemos o nosso ato penitencial e certamente elas também fizeram as suas penitências e hoje estão na glória, o presente a nova evangelização ela deve ser feita com ardor de missionário, por isso que São Vicente de Paulo dizia - que para servir aos pobres deve haver uma grande santidade, para

servir aos pobres deve ter uma grande misericórdia, uma grande compreensão para com os pobres, o que às vezes nós dizemos que os pobres são aqueles que não trabalham, os pobres são os alcoólatras, os pobres são os drogados, os pobres são não sei quantas coisas, se Cristo diz que Ele se identifica aos pobres, pouco importa como o pobre seja, que ele também tenha os seus pecados nós o sabemos mas se nós formos olhar a fonte onde é que nós vamos encontrá-la, nós vamos encontrá-la na família. Por isso preparando esta homília eu perguntava a uma irmã filha da caridade o que eu devia dizer mais do presente, esta irmã me dizia - Temos que fazer um trabalho junto à família. Nós temos a pastoral da criança, mas temos que ter a família, temos a pastoral do menor, mas temos que ter a família, temos a escola, mas precisamos da família, temos um educandário, precisamos da família, temos um hospital, precisamos da família, então tudo gira em torno da família, porque se nós encontramos hoje tanta gente marginalizada, tanta gente oprimida, tanta gente amargurada, hoje tão pobre, tão miserável, nós vamos ver, a fonte está na família, é evidente que nós estamos numa América de injustiças, e por isso que já Puebla dizia e Santo Domingo repete uma sociedade injustamente institucionalizada, a injustiça institucionalizada, é isto. Ainda hoje de manhã ouvia um relato longo, de críticas que se faziam entre pessoas governantes, um acusando o outro de coisas muito graves, que as vezes fica sem saber quem tem mais razão, quem tem menos, mas não é o caso aqui de se falar, o que existe mesmo é uma injustiça institucionalizada, no nosso país, na América Latina e porque não dizer também no mundo inteiro. E a filha da caridade ela deve ser essa irmã cheia de ardor missionário, mas também procurando descobrir novos métodos, no tempo de São Vicente de Paulo, foi como podemos dizer, se é que podemos usar a palavra, como se fosse até uma revolução, as irmãs contemplativas, enclausuradas, nada a dizer contra elas, nada a dizer se elas estão lá num convento fechadas, porque elas têm o

carisma e é válido, será sempre válido, mas São Vicente de Paulo naquela sua inspiração divina ele viu um método novo e foi novo, novíssimo no seu tempo, das irmãs saírem a rua, das irmãs como está na vida de São Vicente de Paulo, vocês tem que estar lá até junto aos soldados feridos, vocês tem que estar lá presentes, vocês tem que estar com os mais pobres, com os mais miseráveis, com aqueles que tem menos vez e menos voz, então novos métodos, nova expressão, usar uma linguagem que todos entendam e esta linguagem evidente será a linguagem da palavra esta linguagem mais forte será a linguagem da ação, não adianta falar bonito e depois não se faz, e a linguagem fortíssima, será a linguagem do testemunho, do testemunho, este testemunho que, que deve ser dado junto ao nosso irmão pobre, evidente que Puebla diz e o Papa João Paulo II repete que a evangélica opção preferencial pelos pobres não é exclusiva, não é excludente, São Vicente de Paulo sabia, ele que tinha tanto amor aos pobres, sabia conviver com os reis da França, pela história que eu li, pelo menos ele esteve com três reis da França, ou até mais não sei, mas pelo menos três, até assistindo a morte de um deles, sem ser exclusiva, excludente esta opção preferencial pelos pobres, mas como nos diz a 1ª leitura de hoje, saber partir, saber partilhar, quem tem, quem recebeu demais com a sua capacidade de trabalho ou por uma razão ou por outra que tem mais que os outros que saibam partilhar, então a expressão nova presente, para o presente se nós estamos louvando o passado 90 anos atrás vamos também agradecer junto de Deus todo o trabalho que as irmãs filhas da caridade fazem nesta província, com sede em Curitiba e de modo especial a arquidiocese de Curitiba que é a mais aquinhoadada (..) das 508 irmãs filhas da caridade, 182 estão na arquidiocese de Curitiba, obrigado irmãs da caridade, obrigado irmã Regina, obrigado a vocês com os pobres, todos esses pobres que vocês acodem em todo o lugar, não vou aqui citar, qual é o mais importante, se o mais importante é o Educandário do

Abranches, se o mais importante é o Albergue Noturno, o mais importante é o Hospital Nossa Senhora das Graças, se o mais importante é a Pastoral inserida nas pequenas comunidades, se o mais importante é na Pastoral da Criança, para mim todas as obras são importantes, todas elas e todas sempre imbuídas do espírito de São Vicente de Paulo, que é o espírito de Cristo, dar-se a Deus a serviço dos pobres, que o futuro que podemos dizer para o futuro que a irmãs da caridade também tenham uma visão de futuro. Como é que será o futuro? e também perguntando a uma irmã, que devia dizer do futuro ela dizia - Temos que formar as novas irmãs, temos que fazer um recrutamento para que tenhamos novas irmãs e formá-las com espírito profundo de fé, aliás isto não é novidade nenhuma São Vicente de Paulo já dizia isto que a irmã da caridade deve bem ser formada na sua vocação, e ele dizia deve ser bem formada na obediência, deve ser bem formada na Santidade, por isso aqui nós temos postulantes que estão aqui, juvenistas, e também aqui um apelo também as famílias. Que as famílias de hoje, prevejam as vocações, as vocações sacerdotais, temos aqui o padre José Fousarti, ele que foi formador, ele que ensina a bíblia aos nossos jovens futuros padres, (...) nós precisamos de padres, estamos aqui com o padre Carlos Alberto Chiquim, que é o recrutador vocacional, aqui dentro da arquidiocese de Curitiba no Paraná, e também faz um trabalho indo para o Brasil, um trabalho vocacional, para que tenhamos novas vocações e hoje como que o dia especial das filhas da caridade que façam um trabalho. Cada irmã da caridade deve ser uma recrutadora, mas elas poderiam perguntar, mas como é que nós agora podemos sair ir pela rua, recrutando vocações? Como é que nós vamos fazer? Cada uma é uma recrutadora no trabalho que faz, cada uma no trabalho que faz, no trabalho que faz certamente muita gente vê esta irmã da caridade, se ela esta lá junto com os pobres, se ela está lá num hospital, se ela está num colégio, se ela está numa pastoral inserida, se ela está numa catequese, onde

quer que a irmã da caridade esteja, ela seja uma recrutadora, porque o maior recrutamento que se faz é com o testemunho, como vimos a 1ª leitura Alegria, certamente se pode também chorar de emoção, se pode também chorar de ação de graças, se pode também chorar diante de uma pessoa querida que se perde, mas mesmo estas lágrimas que elas sejam de alegria, por isso, as irmãs da caridade, devem ser, não só da caridade qualquer irmã, qualquer uma, qualquer padre, qualquer religioso, ou se aplica a qualquer cristão, tenha sempre a alegria de servir ao senhor, por isso o futuro estará muito nas mãos das irmãs filhas da caridade, do presente, assim como no passado vieram as primeiras com coragem, com sacrifício, depois abriram sua casa de formação chamando seminário e hoje como diz muito bem a mensagem da irmã Terezinha Remonato representando a superiora geral, ela que foi Provincial desta Província, dizendo que, dando aquele exemplo do cedro, aquele cedro bonito que, depois se espalha, como as senhoras fizeram, esta árvore, frondosa, esta árvore esbelta, e como também a mensagem da irmã Regina Magrin que diz passada a ação de graças, foi num segundo motivo o momento presente, o futuro, como também diz o diretor que não pôde estar presente, na sua mensagem, assim como tantas outras mensagens que as senhoras estão recebendo nestes 90 anos, preparando daqui a 10 anos o centenário, poderão dizer que demoram, não demora nada não, daqui a poucos anos já estão celebrando o centenário, e a maior parte das irmãs aqui presentes, a maior parte vai assistir o centenário, porque é perto. Quando anunciei a 1ª vez o centenário da Diocese de Curitiba 10 anos antes todos se escandalizaram "10 anos!" Quando chegamos ao centenário, não deu tempo de prepará-lo devidamente, que o nosso sínodo continuou depois do centenário, porque? Porque o importante não é 90 anos, não é 100 anos, não é 105 anos. O importante é viver, o presente, recordando o passado, porque nós fazemos, vivemos a história do passado. O que é importante?

Viver o presente na alegria de hoje, mas que a alegria de hoje, produza frutos no dia de amanhã, que o espírito santo, continue a iluminar as irmãs filhas da caridade, mas a todos nós também, que a festa não é só das filhas da caridade a festa é de todos, de todos que de uma forma ou de outra, estão compartilhando esta alegria no dia de hoje, a festa seja de todos, que as irmãs filhas da caridade sabem que esta festa é de todos, que Nossa Senhora, Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora de qualquer título que as senhoras adotem, esteja bem presente na vida das senhoras e as senhoras procurem sempre imitar Maria, que Maria foi aquela mulher da fé, foi a mulher da caridade, visitando a sua prima Izabel, foi a mulher que ofereceu seu Cristo lá no calvário, um grande sofrimento, sem nenhuma palavra de lástima, de revolta, que procure seguir sempre o carisma do grande fundador São Vicente de Paulo que eu conheci muito porque fui aluno durante 7 anos dos padres Vicentinos por isso aprendi muito de São Vicente de Paulo e procurem imitar aquela mulher maravilhosa que foi Santa Luiza de Marillac e depois dela tantas outras, e entre tantas outras aquelas três primeiras que vieram, mas depois a todas as outras que a seguiram e todas as que estão hoje, vivam sempre na alegria como nos diz a 1ª leitura, que me impressionou bastante, viver na alegria, saber partilhar tudo o que tem, porque é que a Irmã da caridade deve partilhar, será que ela tem tanta riqueza para partilhar? Tem. Irmã da caridade tem muita riqueza a partilhar, a riqueza da sua palavra, a riqueza da sua atividade e sobretudo uma grande riqueza que deve ter a irmã filha da caridade, a riqueza do testemunho de dar-se a Deus, para servir os pobres, assim seja.

HOMILIA - 06

Duração - 08':09''

Todos nós a primeira vez a gente lê este evangelho, de Marcos e nós escutamos da boca de Jesus Cristo esta narrativa sobre o fim dos tempos e a gente não fazer uma análise profunda, o que está por detrás destas colocações de Jesus Cristo, claro que nós somos tomados pelo medo, pelo apavoramento, claro que nos assusta, quando Jesus fala que as oliveiras irão cair, que o sol vai perder o brilho e todos esses fenômenos né, é celeste, mas a gente tem que analisar o que Jesus quer falar com isso, qual que é o sentido destas colocações, destas palavras, vejam bem, que Jesus estava falando praquela povo, praquela geração do tempo dele, então se a gente olharmos , será que Jesus ele estava falando aquilo com o objetivo de assustar o povo, de amedrontar o povo de apavorar o povo, será que era este o objetivo de Jesus? Falar de estrela que cai, de sol que perde o brilho, vejam bem que: Jesus quando ele ia falar para o povo, a respeito dos fins do tempo, do fim da história ele tinha uma maneira de fazer uma colocação, de explicar ao povo colocando figuras símbolos, ele claro que Jesus quis mostrar para o povo, a ação de Deus a intervenção de Deus na história, a intervenção de Deus através da natureza dos corpos, dos astros do céu . Mas não era objetivo de Jesus assustar o povo, amedrontar, e certa vez Jesus também falava para aquele povo a respeito do fim. Ele falava: *olha chegará dias em que Jerusalém, você será sitiada, você será cercada e teus inimigos vão te destruir*. Jesus fazia uma profecia, a respeito do que? A respeito do fim de Jerusalém. E como aconteceu mais tarde no ano 70, quando as legiões romanas entraram lá em Jerusalém e acabaram com

a cidade, quem sobrou foi levado como escravo, então é este o sentido né, das colocações, das palavras de Jesus, então claro a gente olhando à primeira vista, puxa mais então, Jesus tem como objetivo nos assustar, nos amedrontar. E hoje, nos dias de hoje, se a gente for analisar quase todos os fenômenos que acontecem com relação a natureza é por exemplo: acontece um terremoto, em tal lugar, muitas pessoas já dão conotação de fim do mundo; se acontece uma enchente em algum lugar, que arrasa algum lugar, não está chegando o fim do mundo, né, acontece algum fato aí, já se coloca como ponto o fim do mundo, e até por aí existem seitas, pessoas que saem por aí, pregando né, com, colocando figuras panfletos onde aparecem fogo, destruição e saem por aí, falando para o povo todo: - olhem, se preparem, que o fim do mundo está próximo. Quer dizer, começam apavorar as pessoas, e muitas pessoas colocam na cabeça, que de fato aquilo ali vai acontecer, né. E o que dizer então dessas pessoas que pregam por aí: olha se prepare que do ano 2000 não vai passar, então colocam isso na cabeça das pessoas. Olha eu sei que já procurei de ponta a ponta na Bíblia eu não encontrei nenhum lugar que fala que o mundo vai acabar no ano 2000 inclusive nós escutamos no final do evangelho, que Jesus fala: nem os anjos do céu tem idéia, quando que vai acabar o mundo, e quando que vai acabar a história mas somente compete a Deus decidir quando será o fim da história e, certa vez passou aqui em Curitiba, no mundo todo passou, eu também fui assistir, um filme chamado **O DIA D**, e nesse filme aparecia o que? Os americanos tinham lá as bombas né, nuclear, bastava apertar um botão, que a bomba pra tudo que é canto do mundo, ia acabar, ia arrasar com o mundo e de fato eles acionaram aquele botão e as bombas saíram pra tudo que é canto, e houve uma destruição, né, e quem sobrou, quem escapou, ficou afetado pela né, pela radioatividade, começou a cair cabelo né, então claro as pessoas que vão ver aquele filme e encucaram na cabeça, puxa, mas eu acho que o fim do mundo vai ser

aquilo ali mesmo e penso comigo que muitas pessoas colocaram em suas cabeças que ia acontecer daquilo ali. Então minha gente, eu acho que nós temos que ter, entre nós o seguinte sentido, olha o importante é nós estarmos conscientes, claro que a história um dia vai ter o seu fim, a história vai ter seu fim, mas o importante é nós estarmos consciente dessa preparação estarmos preparados para esse encontro com Deus, isso que é importante. Eu acho que a gente fica indo atrás de coisinhas, não sei o que, porque vai acabar no ano 2000 porque vai ser assim, vai ser assado, não é importante. O importante é a gente estar como aquela figueira, que se prepara, estar preparados, conscientes, estar enfim, imbuídos de que eu devo fazer a minha parte, estar amando, praticando a justiça, a caridade, sendo solidário com os outros, isto que é importante, e quanto ao restante, nós vamos deixar de lado, não vamos nos preocupar com relação a isso e aquilo, ficar esquentando a cabeça, puxa mas daqui a pouco o mundo acaba pra, não, vamos estar preparados, estar arrumados, isto que é importante, é o que Jesus fala né: *As minhas palavras não vão passar*, eu acho que é isso aí, ler a frase de Jesus colocar essas palavras no coração da gente, viver essas palavras e o restante, deixar na mão de Deus. Não deixar se levar por certas colocações aí, certos folhetinhos, certas coisas que procuram jogar em nossas cabeças, para nos assustar, para nos apavorar Jesus não é nenhum sádico, Jesus não é nenhuma pessoa assim desumana, cruel, que gosta de ver as pessoas se apavorando, tremendo de medo, Jesus não tem esse, essa atitude, esse comportamento. Ele quer o quê? A nossa felicidade, e como diz aqui Deus, Jesus fala: *Os eleitos serão reunidos no fim dos tempos*, da história, então aí gente ele quer nos reunir, formar uma grande família, a família de Deus. Agora quando, como será o fim da história, como será o fim do mundo, vamos deixar na mão de Deus, porque ele sabe muito bem como ele age.

HOMILIA - 07

Duração: 11 minutos

Irmãos e irmãs as leituras de hoje já começam a nos preparar para o final do ano litúrgico, o final do ano está se aproximando e a liturgia se aproveita deste fato para dizer para cada um de nós de que podemos estar nos aproximando também do nosso fim, do nosso fim aqui na terra, tantas pessoas amigas nossas já terminaram a caminhada nesta terra, já estão junto de Deus. Só nestes dias tantos conhecidos nossos já se foram para, junto de Deus, ainda nesta noite também a dona Florentina, e assim o nosso dia está chegando, mais como diz Jesus, não sabemos a hora, não sabemos o dia exato, nem o Filho nem os Anjos somente o Pai. E principalmente agora nesta época também que nos aproximamos do ano 2000, a televisão as novelas, alguns documentários, ficam mostrando como de repente o mundo, pode acabar no ano 2000. E o que a gente vê de seitas e filosofias, surgindo por ai, falando desses assuntos é incrível, é o Seicho No Ie, é a Metafísica é a Gnose e tantas filosofias que existem por ai, búzios e cabalística e números e numerologia falando que o final pode estar próximo, que vai acontecer na virada do milênio e o mundo pode acabar; e ainda a gente vem na Igreja Católica, num domingo, participar da missa e vai logo escutar no Evangelho essa palavra de Jesus: *Naqueles dias haverá grande tribulação, o sol se apagará, as estrelas cairão do céu, a lua também não terá mais brilho e as forças do céu serão abaladas.* E ainda por um azar acontece um eclipse que deixa escuro de dia alguns lugares, que os passarinhos não sabiam se cantavam, se iam dormir em plena 11 horas da manhã. Então o pessoal fica apavorado, que está por acontecer. Em primeiro

lugar a linguagem da Bíblia, a linguagem de Marcos usada nesse Evangelho, é uma linguagem figurada, é uma linguagem simbólica, nós chamamos uma linguagem apocalíptica, significa para eu dizer uma verdade, eu uso de uma historinha, eu uso de um recurso didático, de um recurso da língua, e vou usando fenômenos e figuras pra dizer uma verdade Quem está escrevendo é Marcos, e Marcos viu acontecer a destruição da cidade de Jerusalém no seu tempo, é como se hoje viesse aqui no Brasil alguma invasão e destruísse Brasília, a capital e nós moradores do Brasil, vendo a nossa capital ser destruída, o nosso país ser invadido, Marcos viu isso, os romanos vieram e destruíram a cidade de Jerusalém, destruíram o templo de Jerusalém, que era o lugar sagrado, lugar do encontro, era o lugar sede de toda a religião. E Jesus já havia predito, essa geração não vai passar, sem que essas coisa aconteçam.

Então Jesus no ano 30, já estava prevendo a destruição de Jerusalém que seria no ano 70, e Marcos que conviveu com Jesus e também viu a destruição de Jerusalém, descreve desta forma simbólica, as estrelas caindo o céu abalado, o sol apagado, é lógico se vocês vêem a cidade sendo queimada, quando há uma queima de campo, aquela fumaça negra sobe a ponto de tapar o sol, fica escuro, de tanta fumaça, vocês imaginem toda uma cidade sendo destruída, imaginem hoje em dia então uma bomba atômica, o que, que não aconteceria, mas é Marcos dizendo, fiquemos preparados, porque a cidade de Jerusalém já foi destruída, Jesus já havia predito fiquemos preparados para aquele fim último, o da nossa vida mesmo, aquele que é o mais importante, e se não bastasse ainda esse recurso assim da cosmologia, ainda ele apela também pra natureza. Olhem pra figueira, quando os brotos começam a ficar verde e tal, é sinal que o verão está chegando, um novo tempo está vindo, então é sinal que o cristão deve ficar atento aos sinais dos tempos que vão aparecendo, pra ver se há ou não há sinais do Reino de Deus, claro que o fim do mundo, pode acontecer no ano

2000, o fim do mundo pode acontecer amanhã, o fim do mundo pode acontecer daqui a 50 anos, de tantas formas, ele pode vir devagar porque o homem devagarinho está destruindo a natureza, está destruindo a camada de ozônio, que nos protege dos raios do sol, está destruindo a natureza, está fabricando cada vez mais elementos por exemplo na lavoura, que destrói a terra, que destrói a água, que destrói os peixes, que vai eliminando aquilo que a natureza tem de mais puro, de mais sadio, então o fim do mundo pode estar vindo aos poucos, porque é o homem que está destruindo o seu próprio mundo, o fim do mundo poderá vir num momento só, se um desses militares desvairados, apertarem o botão da bomba atômica, ou algum presidente, tipo Hitler surgir por ai, pode apertar o botão da bomba atômica e num instante o fim do mundo acontece, ninguém de nós está livre disso.

Agora eu acredito, num fim do mundo, bem diferente. Eu acredito que quando, nós todos, vivermos em perfeita unidade aqui na terra, quando não houver mais pobre, quando em todas as mesas houver pão em fartura, quando todas as pessoas puderem se vestir bem, quando todas as pessoas tiverem um salário, um emprego, um trabalho digno, quando todas as pessoas não tiverem mais diferenças entre si, nem de raça, nem de cor, nem de classe, quando todas as pessoas se sentirem bem aqui na terra, quando for céu aqui na terra, então não precisará mais essa terra, então poderemos ir ao céu este mundo pode acabar, e daí eu pergunto: estamos próximos deste fim? Eu acho que não, tem muito que trabalhar, pra que a terra se transforme em Reino de Deus, pra que o nosso mundo se transforme em céu, tem muito que trabalhar, e é deste fim de mundo do fim deste tipo de mundo, que nós temos que trabalhar, e que temos que ter medo. Vamos trabalhar para o fim do mundo do pecado, vamos trabalhar para o fim do mundo da injustiça, vamos acabar para o fim do mundo da desigualdade, vamos acabar com este tipo de mundo, injusto, mal, perverso, cheio de rancor de ódio, e vamos fazer

surgir um mundo novo, que parece novo, mais é tão antigo quanto Jesus Cristo, que Ele chamava de Reino de Deus, de Boa Nova, novo mundo já naquele tempo, mas que nada trouxe ainda de novo, porque ainda existe muitos sinais, de pecado, então é desse fim de mundo, que nós temos que temer, é este fim de mundo que nós temos que eliminar mesmo, este tipo de mundo mal, quando eliminarmos este tipo de mundo, então vai surgir o céu e o comentário de entrada hoje era muito feliz dizia assim: *Portanto os nossos atos e as nossas opções, quaisquer que sejam, já trazem em si a marca do fim, onde cada um vai selando a sua sorte eterna, cada ato que nós fazemos aqui, já trazem em si a marca do fim.* Vamos ficar preocupados o que que vai acontecer conosco depois desta vida? Se preocupe com o que você está fazendo agora, já é a marca do teu fim. Na tua vida existe mais amor ou mais ódio? Já é a marca do fim. Na tua vida existe mais perdão, reconciliação ou existe rancor e revolta? Já é a marca do fim. Na tua vida agora existe partilha, solidariedade, fraternidade ou ambição, avareza, orgulho, apego? Já estão aí as marcas do teu fim. Por isso não precisamos temer o fim do mundo, nós temos que cada dia construir, este fim que começa agora. Amém.

HOMILIA - 08

Duração: 10':18''

Se a gente for observar, a nossa vida, a nossa sociedade, a gente vai perceber que tem muita coisa boa que tá acontecendo né, agora também tem coisa que tá atrapalhando a vida das pessoas. Por exemplo a gente olha, a gente assim, só motivo de nós fazer aqui essa coleta do pão, a gente já sabe que tem gente passando fome né? Que tem gente que tá precisando que nós ajudemos eles pra eles podê se alimentar, então o que, que acontece? Está acontecendo a injustiça, está acontecendo a desigualdade entre nós, tem alguns que tem demais e tem outros que tão passando fome né? Tão passando necessidades, por outro lado a gente vê também que existe a exploração, tem gente por exemplo que trabalha, vai cedo para o trabalho de manhã, trabalha o dia todo né? Trabalha até mais de oito horas por dia, e chega no fim do mês, ganha um salário bem pequenininho né? Tem outros, que não fazem quase nada e ganham milhões de dinheiro né? Depois a gente percebe também, que existe a opressão. Tem gente hoje em dia, que ainda é oprimido, se você andar pelo Brasil ai você encontra, lugares aonde que existe ainda a escravidão, que a pessoa trabalha o mês todo e trabalha pela comida, só pela comida, chega no fim do mês ai vai pegar a comida lá no armazém do patrão, que é o dono da firma que ele trabalha e depois tá devendo ainda, então nunca pode sair de lá porque é escravo, e a gente olha assim, vai encontrar muitas situações de injustiças, de exploração, de desigualdade, agora, será que isso já existia no tempo do Antigo Testamento, no tempo de Jesus, será que já existia isso ou não, o que, que vocês acham? Acho que já existia. Já existia né, já

existia por que? E Deus se colocava aonde? Será que Deus se colocava do lado daqueles que estão explorando, ou daqueles que são explorados? Parece que pelas leituras que nós ouvimos hoje, Deus se colocava do lado daqueles que são explorados e oprimidos. A primeira leitura por exemplo que é a leitura do livro de Daniel é uma leitura que procura mostrar pra gente assim de uma maneira, é, não falando diretamente as coisas, mais fala de uma maneira assim, que a gente vai entender, faz de uma maneira diferente, mas no fim a gente entende o que ele quer dizer, e essa leitura foi escrita, 200 anos, no século II antes de Jesus Cristo, quando existia, o povo judeu, que era oprimido, pelo povo, por um outro povo, pelo povo Selêucidas, então existia essa opressão, existia um conflito, e era um conflito entre o povo de Deus, e aqueles que estavam dominando o povo de Deus, e aí, o que, que o profeta Daniel vem dizer neste momento, nesta situação, de conflito que tá acontecendo lá, ele vem dizer que Deus, se coloca, Deus desce, pro chão, pra terra, e se coloca do lado daquele povo que tá sofrendo, que diz assim: *Nesse tempo se apresentará o grande príncipe Miguel assistente de teu povo.* E Miguel quer dizer o que? Miguel quer dizer quem como Deus, Deus que se coloca do lado do povo, e aí, ele vai dizendo assim, que nessa situação, muitos que já lutaram do lado do povo de Deus, muitos que morreram, e desse povo que tá lá lutando, muitos dos que dormem no pó da terra, despertarão, uns para a vida eterna, outros para a vergonha e a rejeição eterna. Quem vai despertar para a vida eterna? Daniel, já responde na leitura, quem desperta pra vida eterna, quem alcança a vida eterna, são aqueles que são sábios, mas sábio aqui, não é aquele que estuda muito, que faz faculdade, esses podem ser sábios também, mas aqui, os sábios são aqueles que vivem a justiça, são aqueles que conduzem a muitos para a justiça, então, quem vive a justiça e conduz muita gente pra justiça, essas pessoas são sábias, e essas pessoas, vão, despertar para a vida eterna, vão despertar para a vida eterna.

E na leitura do Evangelho que também tá mostrando pra gente assim, algumas coisas que, lá tá falando assim, olha, vai chegar um dia, naqueles dias, depois da grande tribulação, o sol vai escurecer, a lua não vai brilhar mais, as estrelas vão começar a cair. Esses dias quando aconteceu o eclipse, muita gente deve ter dito assim ó: *vai acabar o mundo*. Vocês não escutaram, gente falar assim: *Vai acabar o mundo né? Tá escurecendo de dia né, aonde já se viu uma coisa dessa né?* Então muitas coisas acontecem, acontecem desastres, acontecem acidentes, o povo tá dizendo: *ó o fim do mundo tá chegando, acontece a AIDS, tá chegando o fim do mundo, é o castigo de Deus*. Jesus tá dizendo assim: *Olha, o Filho do Homem vai aparecer, nessa época, Ele vai aparecer, vai enviar os anjos pros quatro cantos da terra e vai trazer os eleitos*. Quem são os eleitos de Deus? São aqueles que a gente viu na primeira leitura, que vivem a justiça, que vivem a igualdade, que vivem a fraternidade, a solidariedade, que vivem a partilha. Depois ele tá dizendo assim: que a gente vai viver estas coisas é na vida da gente, na história que nós vivemos no dia a dia, não é fora, quando Ele fala da figueira, que a figueira, os ramos ficam verdes, as folhas começam a brotar, a gente sabe que o verão tá perto, tá chegando, então ele que dizer assim: que a gente tá vivendo isso no dia a dia da gente, tem que vivê isso lá em casa, na família, no trabalho da gente, aonde que a gente andá, a gente tem que vê a justiça, a fraternidade e a igualdade e aí que a gente vai, conquistar cada vez mais o Reino de Deus e vamos despertar para a vida eterna.

Agora nessa vida que nós tamo levando, tem muita coisa que atrapalha a gente, de alcançar o Reino de Deus, tem muita gente que, muita coisa que atrapalha, então tem por exemplo, a injustiça que atrapalha, a desigualdade, a exploração, a dominação, a falta de respeito com o outro que a gente tem lá em casa, no trabalho, tudo isso tá atrapalhando e tudo isso, são inimigos de Deus, são inimigos do Reino de Deus e na

segunda leitura então, na carta aos Hebreus, tá dizendo lá, o autor da carta tá dizendo assim: que não lhe resta mais senão esperar, até que seus inimigos, sejam postos debaixo de seus pés. Então os inimigos, a injustiça, a desigualdade, a exploração vão ser colocados debaixo dos pés de Jesus. E a gente tem que ajudar Jesus, a colocar esses inimigos, hoje em dia, em baixo, no chão, acabar com eles né? Agora a gente não vai, acabar com aquele que explora, com aquele que é injusto, mais sim, nós vamos ter que acabar com a injustiça, com a exploração, com a dominação. E aqueles que dominam, que são injustos, que exploram, esses nós temos que converter. Nós temos que fazer com que eles participem da comunidade, para que a comunidade ajude, pra que eles se convertam, pra que eles mudem, de jeito, mudem de vida. A gente pode se perguntar hoje, diante dessas leituras, será que nós, nossa comunidade aqui de Santo Antônio, será que nós somos aliados de Deus? Nós nos comprometemos com a justiça? Ou nós não somos aliados de Deus. Será que a gente se coloca do lado de Deus e procura, ajudar Deus a lutar pela justiça, ou a gente se coloca do outro lado. E nós? Será que o que nós tamo fazendo em nossa comunidade, pra esperar a vinda de Jesus. o que a gente tá fazendo? Será que nós estamos parados de braço cruzado, ou nós tamo ajudando. Então, uma maneira que nós podemos ajudar é a gente repartindo, aquilo que a gente tem, aqui na comunidade por exemplo, tem um exemplo muito bonito, que é todo dia 13 a oferta que as famílias fazem, pra repartir com aquelas pessoas que estão passando fome. Então isso é um exemplo, isso já é um início, mas nós temos que ajudar também aquelas pessoas que tem demais. Que você tem que repartir o que tem demais, por que talvez eles devem ter tirado dos outros que quase não tem nada. Então por isso que nós temos que trabalhar sempre, na comunidade na vida da gente, para que nós sejamos aliados de Deus na luta, na justiça. Vamos então rezar juntos agora, então como filhos e filhas de Deus, pra que a gente consiga

realmente trabalhar sempre na comunidade, pra que isso aconteça. Vamos então juntos professar a nossa fé.

HOMILIA - 09

Duração: 07'

Dois pensamentos nós queremos colher desta liturgia da palavra, que estamos realizando nesse começo dessa missa desse domingo. Primeiro no sentido negativo uma chamada de alerta, uma chamada de atenção, para que nós não caiamos em caminhos errados. Talvez a gente acompanhe com mais interesse, certas superstições, ou pré-anúncios de profecias, ligando outros tempos, ligando o nosso tempo, vocês escutam falar, que há cartas, que há pré-ditos, que o mundo acabaria agora, daqui a mais o fim do século, antes do fim do século né, quanto falta ainda? É, uns cinco aninhos, vocês ai os jovens se virem, né. Nós já vivemos né. Fim do século, vai acabar o mundo. Tem que viver depressa esses cinco anos. Na carta de Fátima, onde porém nós vemos as interpretações, e a Igreja não se pronunciou, a Igreja vai com muita calma, e também não está tão apavorada, por isso atento aos boatos, para que não nos iludam, para que não atrapalhem o nosso caminho. Atentos aos erros, que estão querendo penetrar em nossas famílias, para desvirtuar, talvez um caminho, um esforço de conversão, de trabalho, de evangelho que nos é colocado a disposição e que até agora aprendemos. A nossa vontade sem dúvida de nós que participamos sempre, é de caminhar no caminho de Deus, uma observação, que nós fizemos esses dias, algumas crianças que vinham trazendo essa notícia da carta de Fátima. Esta uma frazezinha lá *para aqueles que crêem e procuram viver direito nada vai acontecer*. Esta é uma consolação, então se a gente teme é só endireitar os caminhos, como disse João Batista, para que o Senhor encontre em nós, uma resposta, uma resposta de cristãos,

uma resposta onde satisfaz a nossa vida de batizados, de pessoas humanas e de pertencentes ao seu Reino.

Então cuidado com isso, muitas idéias também estão penetrando e bastante e sabe em quem pega geralmente? A adolescência, a juventude, porque ainda não tem auto-afirmação. Porque muita gente está longe dos caminhos de Deus, então é muito mais fácil, né, uma filosofia, não, tudo é bom, nesse mundo não tem mal nenhum, tudo é permitido, vamos em frente, cuidado né gente, pra não encontrar uma barreira, onde fica intransponível. Chegou ali é uma cascata tão grande, que para eles o rio acaba, a navegação não tem mais condições, o barco da vida, fica interrompido, fica calçado, no meio do caminho. Não é fácil recuperar depois. Mas para nós, como disse, que participamos, temos a alegria, consolação nas palavras do profeta Daniel, que seria o segundo pensamento, depois de acontecerem tantos problemas, diz o profeta: *então os sábios brilharão como brilha o firmamento. E os que tiverem conduzido a muitos para a justiça, brilharão como estrelas, por todo o sempre.* Esta é a promessa de Deus, agora estamos usando da sabedoria de Deus? Aqui é que nós entramos com a nossa responsabilidade, usando só a sabedoria humana, só os limites que satisfazem o nosso eu, sem colocar o nosso Deus, os bens eternos a vida que vem depois. Nesses dias, não sei se alguém de vocês viu, houve uma reportagem muito boa, sobre a vida humana, porém o repórter, no meu pensamento ele pecou, e gravemente, no momento em que ele definindo sobre a vida disse: *a única continuidade da vida, são os filhos. São aqueles que vão contar as gerações futuras, a caminhada da família, a caminhada de novos seres humanos.* Se ele falou só no sentido humano, tudo bem. Mas a vida não para depois desse mundo, depois de terminar os nossos dias aqui. Jesus fala no evangelho hoje, do fim do mundo. Fim do mundo para cada um de nós é o momento em que nós partimos, aos 10, aos 20, aos poucos dias de idade, aos 50, aos

mais de 90, aos mais de 100, ali é que o mundo realmente acaba. E não tem retorno. Disto sim, nós precisamos ficar preocupados, com como é que nós gostaríamos de acabar. Como que gostaríamos que fôsse o nosso fim de mundo. Porque ali termina o tempo do mérito ou demérito, como disse o comentário a pouco da segunda leitura. E aí entra, justamente, a justiça de Deus, a sabedoria de Deus, que nos vai dar a recompensa segundo aquilo que tivermos praticado na nossa vida. Por isso neste quase final de ano, e sempre marca um pouco o final de ano né, a gente não, vamos fazer um trabalho no ano que vem, um novo programa no ano que vem, um novo, quem sabe um novo emprego no ano que vem. Por quê? Porque é caso psicologicamente, uma condução que vai afunilando e vai chegando a um final. Que Deus Nosso Senhor, nos faça compreender o valor da nossa vida, ficarmos atentos, àquilo que Ele espera de nós, e fazermos o bem, para brilhar como astros, como estrelas, no firmamento de Deus, no Reino de Deus, porque lá será a nossa felicidade. Ele deu a dica: *aqueles que derem o testemunho e conduzirem outros, no caminho da justiça ou santidade, que é a mesma coisa, também receberão essa recompensa.*

HOMILIA - 10

Duração: 07': 08''

Caríssimo amigo telespectador da missa de todos os domingos, o Evangelho deste domingo fala das últimas realidades, fala de como olhar e viver os acontecimentos históricos na perspectiva da vinda do Senhor. O Evangelho nos mostra sinais que Jesus aborda de maneira apocalíptica para descrever os fins dos tempos. Jesus diz que o sol vai escurecer, que as estrelas cairão e as forças do céu se abalarão, e aí surge o Filho do Homem, o Filho do Homem, Jesus Cristo nas nuvens. Jesus que vem pela segunda e última vez, vem para os fins dos tempos. E assim como os discípulos, meus caros amigos telespectadores, tiveram curiosidade a respeito de quando isso vai ocorrer também com certeza nós gostaríamos de saber, quando será o fim do mundo, e há inclusive em nossa época, em nossos dias, esta, este diálogo esta constante pergunta no coração de muitos: quando vai ser o fim do mundo? Inclusive agora no limiar do ano 2000, muitos se perguntam: será que é desta vez? Mas nós não sabemos. Vamos tentar ver aqui pela palavra do Senhor, o que é importante nesta análise a respeito do fim do mundo. Jesus responde aos discípulos e a todos nós contando uma parábola, a parábola da figueira. Diz que quando as folhas da figueira começam a brotar é sinal de que está próximo o verão. É verdade. Quem tem prática diante da natureza, ou com a natureza, sabe muito bem, que quando as folhas brotam de qualquer árvore, significa que vem a primavera, que vem o verão. É o prenúncio, logo não precisamos ser adivinhos, para perceber que esta realidade está chegando. Jesus usa justamente desta parábola para nos ajudar a verificar o mundo. Por isso

assim no nosso mundo, se provocarmos pela ambição, pelo poder, pelo nosso egoísmo, catástrofe, destruição da natureza, poluição, evidentemente que o sol vai escurecer. As guerras que vão abalar, que não são poucas, que matam. Enfim, todos esses elementos, provindos da nossa não administração do mundo, conforme o plano de Deus, vai causando sinais de destruição. Por isso assim como a figueira que ao ter os ramos verdes, logo prenuncia a vinda do verão, assim também nós se provocarmos em nossa natureza e nosso mundo estes elementos da destruição, evidentemente que são sinais próximos, que pode vir o fim do mundo. Mas não é nesse sentido que Jesus fala, Ele fala de uma outra realidade, a natureza sempre é bela, a natureza vai sempre existir, e esse é o cuidado maior do homem para que ela persista a todas as gerações, para que todos possam se enebriar pela, pela beleza da criação. E ela é bela, evidentemente se o homem não tem este cuidado interior, esta perspectiva da caminhada com os irmãos, ele vai destruindo. Ai sim, vai, vão aparecendo sinais do fim do mundo, porém será próximo por causa da ambição do homem, mas não por causa de Deus. Em outras palavras Jesus diz claro no fim, que nós, nem os anjos, nem Ele mesmo, saberá quando é o fim do mundo, está nas mãos do Pai.

Para tanto Jesus propõe duas atitudes fundamentais a nós: vigilância e oração. São os únicos elementos fundamentais que podem nos oferecer segurança a respeito do fim do mundo. Seja hoje, seja amanhã, seja quando for pouco importa. O importante é que estejamos vigilantes em oração. Em outras palavras bem simples, caríssimo telespectador, que estejamos preparados para qual for o momento de nossa ida para o Senhor. Nós não sabemos qual será o momento, o minuto, de nossa, do fim de nossa vida. Quando o Senhor vai nos chamar, nós não sabemos, por isso é necessário ficar atentos, Jesus na sua sabedoria nos indica então o caminho seguro, é melhor estarmos fazendo o dever de cada dia, pois este minuto, este pode ser o último

de nossa vida. Nós não sabemos. Por isso é bom estarmos preparados, fazendo aquilo que deveríamos fazer, as nossas responsabilidades, nos nossos serviços. Não adianta dizer, especialmente os mais jovens dizem, ah! mas eu tenho muitos anos de vida pela frente, nunca vai acontecer isto hoje, mas pode, e quantas vidas são ceifadas, quantos são chamados. Portanto é necessário ficar atentos. É o que Jesus quer transmitir a respeito do fim do mundo, mas ele tem esta esperança, de que quando ele virá pela segunda vez, todos estejam reunidos em nome do Senhor, preparados.

Como isso é bonito. Portanto sejamos entre tantos aqueles que Ele quer que estejam preparados. Que sejamos também nós, eu, você caríssimo telespectador, que tal então a oração e a vigilância. Ai pode ser qual for o dia do fim do mundo, não nos pega desprevenido. Jamais temeremos o fim do mundo, porque o importante é estarmos preparados e Jesus veio trazer esta realidade através de sua morte, através de sua doação total, veio nos dizer que mesmo que aqui possa ser o fim do mundo, nesta morte neste chamado do Senhor, virá a Ressurreição, assim como aconteceu com o próprio Jesus. Esta é a nossa esperança, esta é a certeza fundamental de nossa vida. Um dia seremos chamados, só não sabemos quando, por isso estejamos preparados pela vigilância e oração. Amém.